



UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Paulo André Cortesão Banaco

DIE GRÖßERE HOFFNUNG, DE ILSE AICHINGER
TRADUÇÃO COMENTADA DE DOIS CAPÍTULOS

Projeto no Mestrado em Tradução orientado pela Professora Doutora Maria de Fátima Gil e pela Professora Doutora Maria António Hörster, apresentado ao Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Junho de 2021

FACULDADE DE LETRAS

DIE GRÖßERE HOFFNUNG, DE ILSE AICHINGER

TRADUÇÃO COMENTADA DE DOIS CAPÍTULOS

Ficha Técnica

Tipo de trabalho

Título

Subtítulo

Autor

Orientadora

Orientadora

Júri

Identificação do

Curso

Área científica

Ramo

Data da defesa

Classificação

Projeto

Die größere Hoffnung, de Ilse Aichinger

Tradução comentada de dois capítulos

Paulo André Cortesão Banaco

Professora Doutora Maria de Fátima Gil

Professora Doutora Maria António Hörster

Presidente: Professora Doutora Cornelia Elisabeth Plag

Vogais:

1. Professora Doutora Maria de Fátima Gil Rodrigues da Silva
2. Professora Doutora Maria Teresa Marques Baeta Cortez Mesquita

Mestrado em Tradução

Tradução

Português e uma língua estrangeira (alemão)

15 de julho de 2021

19 valores

1 2



9 0

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE D
COIMBRA

Agradeço

à Professora Doutora Maria António Hörster pela disponibilidade e pelo empenho demonstrados ao longo deste projeto e, sobretudo, pelos conselhos e pelas correções que observarei ao longo da minha atividade académica e profissional;

à Professora Doutora Maria de Fátima Gil pelo acompanhamento tão prestável nos últimos cinco anos e por me ter ensinado o caminho da empatia e da compaixão ao lidar com a Literatura e com a História;

à Professora Doutora Judite Carecho pela atenção de prontamente me ter enviado a sua tese de doutoramento;

às minhas colegas do Mestrado em Tradução por tantos e tão bons momentos passados antes, depois e durante as aulas: Alice, Ana Teresa, Beatriz, Filipa, Filipe, Flávia, Gisela, Halyna, Joana, Leonor, Mafalda, Margarida e Megan;

à Katharina Neubauer pelas muitas horas de conversa a saltar entre o português e o alemão e pela ajuda na leitura de passos mais difíceis;

à Barbora Černá, com quem partilho a alegria e a curiosidade na descoberta das línguas e das culturas estrangeiras, pela leitura e pela discussão de textos em português e em checo;

à Margarida Gingeira, de mil e um talentos, por ter sempre à mão os *Contos* dos Grimm e o *Príncipezinho*;

ao Vasco Viegas e ao Diogo Brazão, companheiros do latim, do francês e dos estudos em torno de A.H.C., por arrancarem de mim uma criatividade inesperada;

à Ana Margarida Simões pela proximidade imprevista que nos marcou desde o primeiro momento e por me lembrar do que significa dedicarmo-nos às Humanidades;

à Beatriz Rosado, minha cara, pela companhia e pelo mútuo entendimento;

à Joy Ang por constantemente me demonstrar que a proximidade não depende do tempo nem do espaço;

ao António Dias e ao Jorge Graça, maiores que o pensamento, por todas as chamadas em momentos inoportunos e por todas as cartas com as frases mais certeiras;

à Ana Luz, καλειδοσκόπιο μου, pela feliz coincidência de emoções e de razões;

à Beatriz Martinez, recém-chegada de longa data, por me fazer expandir um vocabulário tão restrito quanto intenso – e eu t'a ti –;

à Mariana, minha irmã, por todos os dias me lembrar daquilo que sou.

Alles wußten sie, die Brahmanen und ihre heiligen Bücher, alles wußten sie, um alles hatten sie sich gekümmert und um mehr als alles, die Erschaffung der Welt, das Entstehen der Rede, der Speise, des Einatmens, des Ausatmens, die Ordnungen der Sinne, die Taten der Götter – undenklich vieles wußten sie – aber was es wertvoll, dies alles zu wissen, wenn man das Eine und Einzige nicht wußte, das Wichtigste, das allein Wichtige?

Siddhartha (1922)
Hermann Hesse

RESUMO

Die größere Hoffnung, de Ilse Aichinger: tradução comentada de dois capítulos

Este projeto consiste na tradução portuguesa de dois capítulos do romance *Die größere Hoffnung*, da autora austríaca Ilse Aichinger, acompanhada do respetivo comentário. Um dos critérios importantes para a seleção desta obra foi o facto de não se encontrar traduzida para português. O romance trata as vivências de um grupo de crianças durante a Segunda Guerra Mundial, numa cidade que será presumivelmente Viena. O ponto de vista é o de Ellen, uma criança que, de acordo com as Leis de Nuremberga, é considerada *Mischling* e a quem está proibida a saída do país. Perante esta impossibilidade, Ellen desenvolve a crença numa noção transcendente de esperança, que lhe permite lidar com um mundo às avessas. Esta esperança transcendente ganha expressão numa linguagem de tom surrealista, próxima do sonho, que traduz o mundo infantil da criança. Nessa linguagem, fortemente imagética, aparecem muitas vezes a comparação e a personificação.

Este projeto começa por delinear alguns aspetos teóricos relacionados com o texto literário e com a sua tradução. Seguem-se considerações sobre a autora e sobre o romance, bem como uma breve análise de pendor literário, que se orienta pelos códigos propostos por Vítor de Aguiar e Silva (2011). A encomenda de tradução e os recursos usados durante a sua prática são depois apresentados. Por fim, estão identificados e comentados alguns problemas de tradução, seguindo uma organização que os relaciona com os códigos literários expostos anteriormente. Entre estes problemas, a título de exemplo, estão o da intertextualidade, o dos jogos de palavras, o dos lexemas compostos e o das formas de tratamento. Estão também apresentadas as dificuldades de tradução. A realização deste projeto permitiu reconhecer a importância do conhecimento sobre texto literário a traduzir, da encomenda de tradução e do que ela implica no ato tradutivo e ainda da comparação entre traduções do mesmo texto em outras línguas.

Palavras-chave: tradução literária; macrossignos do texto literário; literatura de expressão alemã; Ilse Aichinger; problemas de tradução.

ABSTRACT

Die größere Hoffnung, by Ilse Aichinger: commented translation of two chapters

This project comprehends the Portuguese translation of two chapters of the novel *Die größere Hoffnung*, written by the Austrian author Ilse Aichinger, and the respective commentary. One of the criteria for the selection of this work was the fact that it has not been translated into Portuguese. The novel focuses on the experiences of a group of children during the Second World War that, presumably, take place in the city of Vienna. The experiences are approached from Ellen's point of view, a child who is considered a *Mischling* by the Nuremberg Laws and who is forbidden to leave the country. Faced with this impossibility, Ellen develops a belief in a transcendent notion of hope, which enables her to cope with an upside-down world. This transcendent hope finds expression in a surrealistic language, close to dreams, which reflects the child's world. In this strongly imagic language there are frequent comparisons and personifications.

This project starts by outlining some theoretical aspects related to the literary text and to its translation. This is followed by considerations about the author and the novel, as well as by a brief analysis with a literary slant, guided by the codes proposed by Vítor de Aguiar e Silva (2011). The translation order and the resources used during its practice are then presented. Finally, some translation problems are identified and commented upon, following a structure that links them to the literary codes exposed above. These problems include, for example, intertextuality, wordplay, compound lexemes and forms of address. The difficulties of translation are also presented. The realization of this project allowed to recognize the relevance of the knowledge about the literary text to be translated, of the translation order and what it implies in the translation act, and also of the comparison between translations of the same text in other languages.

Keywords: literary translation; macrosigns of the literary text; German-language literature; Ilse Aichinger; translation problems.

SUMÁRIO

Introdução	1
Apresentação.....	1
Justificação.....	1
Método.....	1
Motivação	2
I. Aspetos teóricos.....	4
I.1. Algumas considerações sobre o texto literário	4
I.2. O texto literário e a sua tradução	5
I.3. Problemas de tradução.....	6
II. Ilse Aichinger e <i>Die größere Hoffnung</i>	7
II.1. Apresentação da autora e do contexto de produção.....	7
II.2. Receção do romance e caracterização geral da escrita de Aichinger ...	10
II.3. Principais macrossignos	12
II.3.1. Tema.....	12
II.3.2. Narrador.....	13
II.3.3. Personagens	13
II.3.4. Tempo.....	15
II.3.5. Espaço	16
II.4. Estilo.....	16
III. Encomenda de tradução.....	19
IV. Recursos de tradução	21
IV.1. Recursos digitais.....	21
IV.2. Dicionários e Gramáticas.....	22
IV.3. Traduções do romance para outras línguas.....	22
IV.4. Notas durante a tradução	22

V.	Problemas de tradução.....	24
V.1.	Título	24
V.2.	Relacionados com o código semântico-pragmático	25
V.2.1.	Intertextualidade.....	26
V.3.	Relacionados com o código técnico-compositivo	28
V.4.	Relacionados com o código estilístico.....	28
V.4.1.	Isotopias	28
V.4.1.1.	Silêncio.....	28
V.4.1.2.	Som	29
V.4.2.	Jogo de palavras	32
V.4.3.	Linguagem imagética	34
V.4.4.	Diferença da expressão do aspeto entre o alemão o português	35
V.4.4.1.	Par <i>Präteritum</i> -Imperfeito/Perífrase verbal	36
V.4.4.2.	Par <i>Präteritum</i> -Perfeito	38
V.4.4.3.	Par <i>Präsensperfekt</i> -Perfeito	38
V.4.5.	Partículas modais [<i>Abtönungspartikeln</i>]	39
V.4.5.1.	‘doch’	39
V.4.5.2.	‘schon’	40
V.4.5.3.	‘ja’	41
V.4.6.	Omissão do artigo [<i>Nullartikel</i>]	41
V.5.	Relacionados com o código fónico-rítmico.....	42
V.5.1.	Aliteraões.....	42
V.5.2.	Rima	43
V.5.3.	Cacofonia	43
V.6.	Outros problemas.....	44
V.6.1.	Resposta afirmativa	44
V.6.2.	Lexemas compostos [<i>Komposita</i>]	44

V.6.3. Formas de tratamento	45
V.6.4. Diferença de géneros das palavras	47
VI. Dificuldades de tradução	50
VII. Traduções.....	52
VII.1. Tradução do capítulo 1 <i>Die große Hoffnung</i>	52
VII.2. Tradução do capítulo 5 <i>Die Angst vor der Angst</i>	70
Conclusão	88
Obras de Ilse Aichinger consultadas.....	91
Lista de referências bibliográficas	92
VIII. Anexos	96
VIII.1. Capítulo 1 <i>Die große Hoffnung</i> (texto de partida e tradução).....	96
VIII.2. Capítulo 5 <i>Die Angst vor der Angst</i> (texto de partida e tradução)....	121

INTRODUÇÃO

Apresentação

O presente texto regista o trabalho desenvolvido no âmbito do projeto de tradução da unidade curricular *Trabalho de projeto*, do Mestrado em Tradução, e consiste na tradução comentada de dois capítulos do romance *Die größere Hoffnung*, de Ilse Aichinger. Apresentam-se: (i) aspetos teóricos sobre a natureza do texto literário e sua tradução; (ii) o romance escolhido para este projeto e a sua autora; (iii) a encomenda de tradução, que pretende definir o contexto de receção do texto traduzido e a sua função; (iv) os recursos utilizados durante o processo tradutivo e, por fim, (v) alguns problemas de tradução colocados pelo texto e (vi) algumas dificuldades sentidas, com os respetivos comentários.

Justificação

A escolha da obra a traduzir recaiu sobre o romance mencionado graças ao interesse surgido aquando da leitura, aos desafios que o texto apresenta à tarefa de tradução e à inexistência de uma tradução para língua portuguesa até ao presente.

Optei pelo primeiro capítulo por ser, naturalmente, o capítulo de abertura do texto e por introduzir Ellen, a personagem principal, e o seu desígnio de obter um visto para poder encontrar-se com a mãe; e também pelo quinto por tratar a discriminação dos Judeus do ponto de vista desta personagem e porque é o capítulo que não só dá continuidade aos temas apresentados no primeiro capítulo como também antecipa o capítulo final. Uma vez que estes dois capítulos reúnem alguns dos tópicos centrais de todo o romance, eles permitem apresentar a obra aos leitores deste texto. O número de páginas previsto para um trabalho de projeto foi também um dos critérios considerados.

Método

Este projeto começou com a seleção do texto de partida. Fiz os primeiros esboços de tradução de ambos os capítulos e, enquanto os fazia, fui anotando os problemas e as dificuldades dos passos do texto de partida para os quais encontrei várias opções de tradução, justificando a razão de umas se adequarem mais do que outras. Este foi um primeiro registo informal, que procurou elencar a totalidade das propostas, com o intuito de tornar mais evidente o “processo único de leitura-escrita” (Barrento, 2002, p. 23),

implicado no processo de tradução, que obriga a constantes escolhas e rejeições. Estes esboços foram posteriormente revistos por mim e deles surgiu a primeira versão do primeiro capítulo. Esta versão foi amplamente discutida pelas orientadoras do presente projeto durante várias sessões de acompanhamento e foi, de seguida, retrabalhada para integrar as propostas feitas na revisão. O quinto capítulo não foi revisto pelas orientadoras e, na sua tradução, procurei aplicar as aprendizagens obtidas na revisão da tradução do primeiro capítulo.

Motivação

Ingressei na Licenciatura em Línguas Modernas (Alemão e Francês) porque sempre nutri um interesse especial pelas línguas, pelas literaturas e pelas culturas de países estrangeiros. A esse interesse alia-se, logo desde o primeiro ciclo de estudos, o propósito de me dedicar à tradução literária. A opção pelo Mestrado em Tradução foi, pois, natural aquando da conclusão da licenciatura.

No final do primeiro ano do Mestrado, a procura por uma obra a traduzir no projeto de tradução do segundo ano levou-me a considerar *Indischer Lebenslauf*, de Hermann Hesse, texto que encontrei isoladamente em duas coletâneas do autor e que, mais tarde, constatei ser parte da obra *Das Glasperlenspiel*, reeditada em 2017 pela editora Dom Quixote, numa tradução de Carlos Leite. A recente reedição da tradução fez-me preterir este texto e procurar um outro, ainda sem tradução para português.

Ao pesquisar autores de destaque na cena literária contemporânea do espaço de língua alemã, deparei-me com a autora húngara de língua alemã Terézia Móra, detentora de prémios de relevo neste espaço cultural, como, por exemplo, o *Georg-Büchner-Preis* (2018). No entanto, a leitura de dois volumes de contos¹ revelou que esses textos, do ponto de vista da tradução, ofereciam poucos problemas ou dificuldades que fossem para lá dos que são incontornáveis no par de línguas alemão-português. Interessava-me um texto que, para além destes desafios de ordem quase estritamente linguística, também os tivesse de ordem literária.

Por sugestão das minhas orientadoras, considerei o volume de natureza híbrida *Kaffee und Zigaretten*, de Ferdinand von Schirach (2019), e ainda o romance *Die größere Hoffnung*, de Ilse Aichinger (1948). A escolha oscilou entre estas duas obras por algum tempo, mas a decisão pendeu a favor do romance. É certo que os desafios que esta obra

¹ *Seltame Materie* (1999) e *Die Liebe unter Aliens* (2016).

coloca são muitos e que as soluções propostas exigiram uma dedicação atenta, mas a tradução, por me ter dado esta experiência de leitura, esta proximidade com o texto e este conhecimento da atitude de Aichinger para com a escrita, proporcionou uma vivência literária bastante rica, que não se restringe ao cumprimento de uma tarefa de tradução.

I. ASPETOS TEÓRICOS

I.1. Algumas considerações sobre o texto literário

Para a definição de *texto literário*, seguiram-se as reflexões de Vítor de Aguiar e Silva (2011; 2020), que assentam nas conceções semióticas sobre a literatura apresentadas por Jurij Lotman. Lotman considera que, num código semiótico, se deve distinguir entre a função de comunicação e a função de modelização: a primeira tem como propósito a transmissão de informações e a segunda procura conferir “um carácter, uma forma ou um modelo específico, derivado do código através do qual [a informação é] veiculada” (*apud* Kirchof, 2010, p. 66).

No que diz respeito à função de modelização, Lotman distingue entre sistemas modelizantes primários, constituídos pelas “línguas naturais”, e sistemas modelizantes secundários. Estes, tendo os primários como base, unem-lhes “uma estrutura complementar, secundária, de tipo ideológico, ético, artístico ou de qualquer outro tipo” (Lotman 1978b, p. 79 *apud* Kirchof, 2010, p. 66) e permitem “a organização estrutural, com funções gnoseológicas, comunicativas e pragmáticas, do mundo circundante, passando os seres e as coisas a serem estruturados e categorizados como sinais” (Silva, 2011, p. 58).

De acordo com Silva (2020, pp. 566-7), o texto literário é (i) “uma unidade semântica”, expressa num “acto de enunciação regulado pelas normas e convenções do sistema semiótico literário e que os seus receptores/leitores decodificam, utilizando códigos apropriados”, que (ii) “possui uma organização interna que o configura como um todo estrutural” e que (iii) “é possibilitado e regulado originária e substantivamente por mecanismos de semiose literária (...) que pressupõem necessariamente e que potenciam todas as virtualidades dos mecanismos da semiose linguística”.

Estes mecanismos de semiose literária, que “os receptores/leitores decodificam, utilizando códigos apropriados”, são configurados nos seguintes códigos²:

- i) o código semântico-pragmático, que produz unidades e conjuntos semioliterários “condicionados e determinados em grande medida pela existência de um *corpus* literário – e, de modo especial, pelo peculiar

² Silva apresenta os códigos seguindo uma ordem que vai do menos para o mais relevante. A ordem foi aqui alterada para o sentido inverso, com o intuito de se adequar ao comentário à tradução apresentado na parte *V Problemas de tradução*.

processo de semiotização que é a intertextualidade – e por factores semióticos exógenos ao sistema literário”, *i.e.* que manifestam “a visão do mundo”, o ‘modelo do mundo’ consubstanciados no texto literário”;

- ii) o código técnico-compositivo, que aponta para uma “coerência textual de longo raio de acção (...) mediante normas opcionais e/ou constrictivas de aplicação transtópica”;
- iii) o código estilístico, que aponta para uma “coerência textual de curto raio de acção (...) mediante normas opcionais e/ou constrictivas de aplicação tópica”;
- iv) o código métrico, que se manifesta na “constituição do verso” e que é “condicionado imediata e fortemente pelo código fonológico”;
- v) o código fónico-rítmico, que está em relação com o código grafémico e com manifestações fono-icónicas (Silva, 2011, pp. 58-61).

Assim sendo, uma leitura atenta exige ao intérprete/tradutor especial atenção aos macrossignos específicos do texto literário, como o são o tema, as personagens, o tempo e o espaço (*vide II. 3 Principais macrossignos*).

1.2. O texto literário e a sua tradução

Dada a complexidade do texto literário, que as considerações atrás expostas fazem inferir, é natural que a tradução exija especial atenção à decodificação do texto de partida. Esta decodificação permite aos tradutores do texto literário aperceberem-se dos “invisíveis do texto”, dos “efeitos e envolvimentos” que lhe conferem um carácter único – nas palavras de João Barrento (2002, pp. 17-8). O reconhecimento destes “invisíveis do texto” é necessário para que os tradutores procurem implicá-los, na medida do possível, no texto a traduzir, pois estes “invisíveis” são os “pressupostos e as condições sem a observância dos quais a tradução de um texto literário não será ela mesma literária, mas chãmente literal” (2002, p. 21).

Note-se que, no presente projeto, foi adotada uma tradução tão literal quanto possível, tal como se considera ser a prática comum na tradução literária contemporânea no contexto europeu, evitando-se, como é óbvio, a tradução “chãmente literal”, de que fala Barrento. Esta posição encontra-se defendida desde, por exemplo, Schleiermacher (1813), e, mais próximos do presente, também por Vinay e por Darbelnet (1977, pp. 48-9) e por Nabokov (1955, p. 77), entre outros.

1.3. Problemas de tradução

Neste projeto, seguiu-se a categorização de problemas de tradução apresentada por Christiane Nord (1993). A autora distingue, em primeiro plano, *problemas e dificuldades* de tradução: os problemas são independentes da competência dos tradutores e das informações contidas na encomenda de tradução; as dificuldades, por seu turno, dependem precisamente destas condicionantes (Nord, 1993, p. 208).

Os problemas são classificados em quatro subcategorias: (i) *de ordem pragmática* [*pragmatische Übersetzungsprobleme*], que resultam do contraste entre os fatores externos que conformam as situações comunicativas de partida e de chegada, tendo em atenção as funções do texto; (ii) específicos do par de culturas [*kulturpaarspezifische Übersetzungsprobleme*], que advêm do confronto de normas e de convenções diferentes nas culturas envolvidas; (iii) específicos do par de línguas [*sprachenpaarspezifische Übersetzungsprobleme*], que consideram as diferenças sistêmicas entre as línguas de chegada e de partida; e (iv) específicos do texto [*textspezifische Übersetzungsprobleme*], que decorrem das características especiais do texto ou do género textual a traduzir (Nord, 1993, p. 209).

Sempre que possível, enquadraram-se os problemas de tradução nesta categorização, para que ficasse mais evidente a razão pela qual um dado passo constitui um problema de tradução.

II. ILSE AICHINGER E *DIE GRÖßERE HOFFNUNG*

II.1. Apresentação da autora e do contexto de produção do romance

Ilse Aichinger nasceu em Viena em 1921. Os pais divorciaram-se pouco tempo depois e Aichinger passou a viver com a mãe e com a irmã gémea, Helga, em Viena (Moser, 1990, p. 277).

A situação política da Áustria nos primeiros anos de vida da autora é marcada pela ascensão do nacional-socialismo. Nas eleições locais de 1932, o partido nacional-socialista NSDAP consegue um número de votos surpreendentemente alto (Vocelka, 2000, p. 290), surgindo assim como terceira força política de relevo num país dividido entre um partido antimarxista (*Christlichsoziale Partei*) e um partido de orientação marxista (*Sozialdemokratische Arbeiterpartei Deutschösterreich*) (Vocelka, 2000, pp. 286-7). No ano seguinte, em 1933, o governo austríaco liderado por Engelbert Dollfuß, militante da *Christlichsoziale Partei*, proíbe o partido NSDAP; contudo, a tomada do poder [*Machtergreifung*] do partido-irmão e homólogo deste na Alemanha, nesse mesmo ano conferiu maior destaque à ideologia nacional-socialista e dificultou o combate contra ela em território austríaco. O partido nazi da Alemanha, uma vez chegado ao poder, levou a cabo uma expansão do território, avançando como justificação conceitos propagandísticos, como a necessidade de obter “espaço vital” [*Lebensraum*] e de combater a ideologia bolchevique (Reulecke, 2014, p. 317). Assim, em 1938, dá-se a anexação [*Anschluss*] da Áustria ao *Reich* alemão.

A esta anexação seguiu-se uma desvalorização política do Estado austríaco, o qual se viu privado até da sua designação nacional: a liderança política foi entregue a um *Reichskommissar*, escolhido diretamente pelo governo do *Reich* alemão, e os nomes de *Ostmark* e de *Alpen- und Donau-Reichsgaue* substituíram o nome oficial de *Áustria* (Vocelka, 2000, p. 300). As palavras de Aichinger a este propósito, ditas numa entrevista em 1996, fazem ver a ideia de “inexistência” que possivelmente se fazia sentir junto dos austríacos nesta fase da História do país: “Beim Überfall Hitlers hat mich eine wahnsinnige Traurigkeit ergriffen, weil ich das Gefühl hatte, es gibt Österreich nicht mehr” (Aichinger, 1996, p. 119).

Consequentemente, passaram a ter validade em território austríaco as Leis de Nuremberga, de 1935, as quais definiam o conceito de “judeu” com base na noção de

“raça” e restringiam drasticamente as liberdades de quem nele se enquadrasse aos olhos do governo do *Reich* (Reulecke, 2014, p. 320). De acordo com estas Leis, a sociedade dividia-se entre cidadãos “de sangue alemão” (*Deutschblütige*), “mestiços” (*Mischlinge*) de primeiro grau (quando dois dos avós eram considerados judeus), “mestiços” de segundo grau (quando apenas um dos avós era considerado judeu) e “judeus” (*Jude*) (Bundeszentrale für politische Bildung, 2020). Contabilizando apenas os moradores da cidade de Viena, tais medidas afetavam cerca de 180 000 pessoas (Johnson, 1989, p. 117). A estas era proibido, entre outras coisas, saírem do país, por não lhes ser atribuído passaporte (Vocelka, 2000, p. 310), documento que alguns países vizinhos – a Suíça, a Checoslováquia e a Hungria – começaram a exigir, por temerem uma vaga de refugiados austríacos (Johnson, 1989, pp. 120-1).

É nesta situação sociopolítica que Aichinger vive os primeiros anos da sua vida. Sendo filha de uma médica judia e de um professor “ariano” (Thums, 1998, p. 9), *i.e.*, um *Deutschblütiger*, Aichinger pertencia à categoria de *Mischling*, noção que viria a marcar a sua conceção do ser humano (Aichinger, 1952, p. 23; Aichinger, 1986, p. 44) pela indefinição em que assenta o conceito: “(...) Juden und Zigeuner [waren] das Schlimmste, aber noch schlimmer [waren] Mischungen. Das [waren] entweder Idioten oder Verbrecher” (Aichinger, 1997, p. 127).

Em 1939, ano em que a perseguição contra as pessoas categorizadas como “judeus” se torna mais intensa, uma tia de Aichinger consegue reservar um lugar no âmbito do movimento *Kindertransport/Refugee Children’s Movement*, que auxiliava o transporte de crianças vítimas das perseguições discriminatórias no *Reich* (Deutsche Nationalbibliothek, 2013; Weindling, 2020, p. 17). Foi Helga, a irmã gêmea de Ilse Aichinger, que partiu para Londres nesse único lugar possível, ficando Ilse em Viena com a mãe. Três anos mais tarde, a avó e os tios maternos foram deportados para Minsk (Thums, 1998, p. 9).

Mais tarde, a autora afirmou ter pertencido, durante os anos da guerra, a grupos de jovens para quem a execução dos irmãos Scholl e de outros membros do movimento de resistência *Weißer Rose* serviu como uma mensagem de vida e de esperança. Numa entrevista dada em 1980, afirma: “Es war wie ein geheimes Licht, das sich über das Land gebreitet hatte. (...) Es war das Leben selbst, das uns durch diesen Tod der Geschwister Scholl und ihrer Gefährten angesprochen hat” (Aichinger, 1980, p. 30).

Após o fim da Segunda Guerra Mundial, Aichinger inicia o curso de Medicina, que abandona pouco depois para se dedicar à escrita do seu primeiro e único romance

Die größere Hoffnung (Thums, 1998, p. 10; Moser, 1990, p. 277). Nele, estão apresentados os tópicos até agora mencionados a respeito da infância de Aichinger: (i) o antissemitismo, expresso a nível civil através da restrição dos direitos e garantias como a liberdade de circulação, (ii) a união de um grupo que se encara como vítima do poder político e que encontra a esperança na resistência e (iii) as despedidas, representadas pela partida da irmã Helga e pela deportação da avó e dos tios maternos. Em 1986, Aichinger comenta que escreveu este romance para relatar “wie es wirklich war” (Esser, 1986, p. 44). Ainda assim, este não é um romance autobiográfico, tal como será apresentado no capítulo que se segue.

As obras de Aichinger não se inscrevem totalmente na estética literária que mais comumente se associa ao pós-guerra no espaço de língua alemã (Thums, 1998, p. 9) – denominada, entre outras designações, por *Kahlschlagliteratur* –, sobretudo por não se servirem da descrição objetiva para apresentar a realidade, mas sim de uma descrição emocional e fantástica, que, contudo, tem como propósito uma apresentação mais precisa dessa mesma realidade (Dietz, 2015, p. 7). Numa entrevista de 1997, Aichinger comenta essa tendência para a objetividade que se fazia sentir no seio da *Gruppe 47* e como, ao mesmo tempo, os prémios instituídos pelo grupo eram atribuídos a quem não a seguia, como era o caso dela própria: “Die Gruppe 47 war eigentlich mehr so auf Realität aus, Asphaltliteratur, wie man das damals genannt hat – meistens haben Leute die Preise bekommen, die das Gegenteil davon waren; also ich auch” (Aichinger, 1997, p. 132).

Porém, há alguns pontos de contacto entre o seu primeiro romance e a estética prevalecente entre os autores mais jovens do período, como a indeterminação do espaço e do tempo da narrativa (Kleinlercher, 2015, p. 146). Apesar desta semelhança, *Die größere Hoffnung* permanece um “corpo estranho” na literatura da segunda metade do séc. XX, no contexto de língua alemã (Schafroth, 1978, p. 2). Mesmo nas suas obras posteriores, escritas após ter sido aceite pelos membros da *Gruppe 47*, não é evidente que haja sobre Aichinger uma influência da estética preconizada pelo grupo (*ibid.*). Esta independência de escrita face à *Gruppe 47* fica clara quando Aichinger afirma, numa entrevista de 1960, que o seu trabalho literário se manteve diferente do de Günter Eich – escritor membro do grupo mencionado, com quem Aichinger se casou em 1953. Samuel Moser não hesita, na introdução de *Ilse Aichinger: Materialien zu Leben und Werk* (1990), em descrevê-la como “die große Außenseiterin der deutschen Literatur” (p. 9). É, assim, uma autora caracterizada pela “insubmissão e [pela] recusa a enfeudar-se

a esta ou àquela escola, a esta ou àquela tendência” e pela “ousadia de enveredar por vias singulares” (Hörster, 1984, pp. 283-4).

Aichinger foi distinguida com alguns prémios de relevo na cena literária de língua alemã, entre os quais estão o *Preis der Gruppe 47* (1952), o *Literaturpreis der Freien Hansestadt Bremen* (1957), o *Nelly-Sachs-Preis* (1971), o *Georg-Trakl-Preis* (1979) e o *Franz-Kafka-Preis* (1983).

A sua produção literária posterior ao primeiro romance centrou-se em formas mais curtas como o conto, as cenas dialogadas e o teatro radiofónico.

II.2. Receção do romance e caracterização geral da escrita de Aichinger

Este primeiro e único romance de Aichinger começou a ser redigido em 1945, aquando do fim da Segunda Guerra Mundial, foi publicado em 1948 pela editora Fischer e revisto e reeditado em 1960 (Kleinlercher, 2015, p. 143). Tem como personagem principal Ellen, uma menina que, por ser *Mischling*, sofre a discriminação dos Judeus e que se apercebe de que só lhe é acessível uma noção transcendente de esperança.

Os testemunhos de receção do romance não permitem tirar conclusões sólidas quanto às reações da crítica. No volume de textos de e sobre Aichinger, Moser sintetiza, em 1990 – mais de quatro décadas após a primeira publicação –, a situação de receção da seguinte maneira: “Als Ilse Aichinger nach dem Krieg zu schreiben begann, hatte sie kaum Erfolg. *Die größere Hoffnung* war nicht der Kriegsroman, den man erwartet hatte (...). Über sie [Aichinger] zu schreiben hieß nie triumphieren, sondern erkennen” (Moser, 1990, p. 9). Nestas palavras, encontra-se uma eventual justificação para alguma timidez na aceitação do romance. Quem se debruça sobre a obra não tem garantido o triunfo de uma interpretação, mas é, sim, impelido a reconhecer as vivências que teve durante o período da guerra.

Contribui para este reconhecimento da experiência da guerra o facto de o romance ter um carácter vagamente autobiográfico, assente essencialmente em vivências de infância. Estas encontram-se poeticamente transfiguradas através de uma linguagem expressiva (Schafroth, 1997, p. 6) e de tom surrealista, paradoxalmente aliado a uma grande precisão.

Aichinger quis escrever “wie es wirklich war” (Esser, 1986, p. 44) e esta ideia de ter escrito um relato está presente na maioria das suas posteriores observações à obra

(*passim* Fässler, 2011). Para Aichinger, esta noção de descrição da realidade só pode ser concretizada através de uma linguagem precisa e que abandone o caráter de partilha de informações de que a linguagem “surda” do quotidiano padece. Só esta linguagem, que já não é um *Mitteilungsinstrument* – como lhe chama numa entrevista (Steinwendtner, 2001, p. 159) –, se torna capaz de partilhar algo mais do que as informações, *i.e.* só ela é capaz de expor um realismo profundo e inexpressável através das formulações habituais. Aichinger considera, por isso, que o texto literário deve libertar a linguagem do caráter pragmático, tal como diz em 1975:

Vielleicht sehe ich meine Aufgabe als Autorin überhaupt darin, die Sprache von ihrem Mitteilungscharakter zu befreien und wieder zu sich selbst zu bringen: so, dass sie wieder mitteilen kann. Denn sie kann nicht mitteilen, wenn sie stumm geworden ist, und sie wird ununterbrochen stumm, weil, was sich ereignet, immer vergeht. (Haider, 1975, pp. 26-4)

Seguindo este ponto de vista, Aichinger define *realismo* como sendo uma forma de escrever na qual a precisão externa e interna coincidem (Steinwendtner, 1993, p. 71). A noção de precisão interna encontra-se, na conceção de Aichinger, na descrição do sonho: a autora fala de um “Wahrtraum, nicht [der] Traum, der sich an irgendwelche Assoziationen hält, hin- und herschwankt, sondern [ein] Traum, der einer Assoziation, einem Satz nach dem anderen nachgeht, als der präzise Traum.” (Aichinger, 1977). Esta ideia fica acentuada pelo elogio da precisão – “Die Genauigkeit, die sich nichts vormachen läßt” (Aichinger, 1980, p. 32) – que Aichinger faz às descrições de sonho apontadas por Sophie Scholl, as quais compara à prosa de Conrad e de Joyce.

Para Aichinger, o sonho – e, por isso, a escrita não-realista – não é uma forma de escape ou de evitação da realidade, mas sim a única forma de apresentá-la com precisão; o mundo poético confronta o susto da realidade vivida através da transformação da linguagem (Schafroth, 1997, p. 6). Nas palavras da autora, torna-se evidente esta procura de uma precisão que não se baseia numa imaginação desregulada: “Ich sag jetzt nicht »Fetzen« oder »Bäume«, weil mir gerade »Bäume« einfällt, sondern weil es das einzige Wort ist, das mir im Augenblick hilft, auf dieser Spur, die die Sprache ist, weiterzukommen” (Aichinger, 1982, p. 34).

O elogio do sonho é um *topos* que se encontra em *Die größere Hoffnung*. A apresentação de Ellen no primeiro capítulo recorre frequentemente à dimensão de sonho ou de não-realidade: é através de um sonho que se torna clara a intenção de Ellen de viajar e é num momento liminar de febre que a criança tenta chegar à mãe na solidão do quarto.

Para além da ideia de ‘sonho’, a de ‘silêncio’ é recorrente na reflexão sobre a escrita que Aichinger leva a cabo quer em entrevistas, quer em textos próprios. Aichinger considera que os períodos de silêncio – ou, por outras palavras, de não-escrita – são os mais importantes na atividade dos escritores. A escrita em si decorre espontaneamente quando são respeitados esses períodos de silêncio. A autora diz em 1986:

Das Schweigen gehört für mich zum Wichtigsten auf der Welt, weil es nicht etwas Leeres, sondern etwas Erfülltes ist. Es hängt eng mit dem Tod zusammen, mit einem erfüllten Tod. Es hat auch mit dem Schreiben sehr viel zu tun. Jeder Satz, den man schreibt, muß durch ungeheuer viel ungeschriebene Sätze gedeckt sein, weil er sonst gar nicht dasteht. (Aichinger, 1986, p. 50)

Para a tarefa de tradução, conhecer a conceção de sonho e de silêncio que se lê nos textos e nas entrevistas de Aichinger revelou-se fundamental, como se verá em *V.4.2 Isotopias*. A linguagem aparentemente não-realista é fruto de uma procura de precisão e de uma reflexão sobre a necessidade de o texto expressar a realidade tal como ela é vivida, nas dimensões de uma experiência quer superficial, quer profunda – tal como Aichinger o diz numa perfeita síntese poética: “An einem See ist ja auch beides wirklich, der Spiegel und der Grund” (Aichinger, 1952). O texto traduzido deve, por isso, encontrar a expressão desta precisão, sobretudo nos passos em que ela, à primeira vista, não está presente. Para tal, o recurso à tradução literal revelou-se mais apropriado.

II.3. Principais macrossignos

II.3.1. Tema

O tema geral do romance é o sofrimento vivido por um grupo de crianças judias numa cidade que se supõe ser Viena e o modo como a personagem principal lida com esse sofrimento.

Tal como referido, o romance acompanha Ellen, uma menina tida como *Mischling* pelas Leis de Nuremberga. Ela sofre o afastamento doloroso da mãe – acontecido antes do início da narrativa –, a discriminação dos Judeus e ainda a dificuldade em ser completamente aceite pelo grupo das crianças. O sofrimento manifestado nestes três planos é contrabalançado por uma noção particular de esperança, que ultrapassa a resolução imediata e factual dos seus problemas. Ao longo do romance, Ellen apercebe-se de que não lhe está acessível uma esperança “menor”, *i.e.* uma esperança que resolveria os problemas com que se depara e lhe causam o sofrimento – como o é a impossibilidade de ir ter com a mãe –; está-lhe acessível, sim, uma esperança “maior”, só alcançável num

plano transcendente, e que se manifesta numa visão muito precisa da realidade. A morte de Ellen, acontecida aquando da explosão de uma granada, é acompanhada pela visão dessa “esperança maior”, representada na ponte sobre a qual se dá a explosão e que simboliza o acesso à transcendência.

II.3.2. Narrador

Die größere Hoffnung é um romance de narrador heterodiegético, uma vez que este “não é co-referencial com nenhuma das personagens da diegese” e “não participa (...) na história narrada” (Silva, 2020, p. 761). Contudo, o narrador relaciona-se com o universo diegético sobretudo “descreve[ndo] e analisa[ndo] o que se passa na interioridade das personagens” (*ibid.*, p. 773). Na medida em que tem acesso ao íntimo da personagem, o narrador faz uso de focalização interna.

Um desses passos encontra-se na descrição do outono através dos olhos de Ellen:

Aufatmend stand sie eine Sekunde lang unter dem Tor. Nebel hing in der Luft. Sie warf sich dem Spätherbst entgegen. Darum liebte sie ihn, ohne es zu wissen, weil er allem ein Tieferes, Dunkles gab, aus dem es sich hob wie ein Wunder, weil er ihnen die Ahnung des Unfaßbaren wiederschenkte, ihr Geheimnis den Geheimnislosen. Weil er nicht offen und blendend zur Schau trug wie der Frühling – seht, ich komme – sondern weil er sich zurückzog wie einer, der mehr wußte: Kommt ihr! (p. 101-2)

Esta descrição do outono dá conta da interioridade de Ellen, nomeadamente na valorização do sentido oculto e profundo do outono em detrimento da euforia da primavera. Esta valorização alinha-se no confronto entre a esperança maior e a menor, aqui representadas através de ambas as estações.

II.3.3. Personagens

As personagens são elementos do amplo código semântico-pragmático e, naturalmente, articulam-se estreitamente com o tema, na medida em que funcionam como seu suporte. As personagens do romance podem dividir-se em dois grandes grupos: o das crianças e o dos adultos. Os grupos distinguem-se pela visão do mundo que os caracteriza: as crianças veem-no com uma precisão aguda, baseada na lógica do sonho que é o “Wahrtraum” mencionado por Aichinger (*vide II.2*); os adultos, com uma lógica baseada no imediato e no óbvio. Enquanto as crianças são individualizadas, com nome próprio, os adultos, por seu lado, são personagens anónimas, tipificadas em função do cargo que exercem – *e.g.* o cônsul – e sem relevo de personalidade comparável ao de algumas das

crianças: eles são caracterizados diretamente por estas como avarentos³, indiferentes⁴, apáticos⁵ e amedrontados⁶. Os grupos manifestam a visão da esperança “maior” e da “menor”, respetivamente. Nos passos em que Ellen está num estado de sonho ou de imaginação muito vívida, os adultos são representados através de uma certa ignorância; eles são “os crescidos” que não compreendem verdadeiramente a realidade⁷.

As características associadas ao grupo das crianças são mais visíveis na personagem de Ellen. O seu modo de agir ao longo do romance é marcado por uma impetuosidade que assenta na noção de “esperança maior” anteriormente apresentada e se exprime na forma quase agressiva com que a menina se dirige aos adultos. Esta expressão de ímpeto também se encontra, por exemplo, nas recorrentes menções aos punhos fechados (p. 12) e no combate contra o silêncio, contra a inação (p. 25), que acontece em casa da menina.

À impetuosidade contrapõe-se a desconfiança. Ellen desconfia das palavras do cônsul quando ele diz que ela própria pode assinar o visto, o que demonstra que ela supõe inicialmente que o cônsul pretenda enganá-la ou iludi-la (p. 19-20); e reage também com alguma desconfiança face ao que o cego lhe diz sobre a impossibilidade de sair do país durante a guerra (p. 29-30).

A oposição entre estes sentimentos encontra em Ellen uma expressão próxima da ira e da luta⁸. Apesar deles, Ellen revela também uma inocência infantil, que parece desconhecer a complexidade do mundo dos adultos, tal como o ilustram o orgulho da menina por ter uma estrela de David (p. 100) e a perplexidade perante o facto de a empregada da pastelaria lhe negar o bolo (p. 102-4).

A personagem da menina apresenta uma grande amplitude de emoções que vão da ira e da agressividade ao medo, à hesitação e à insegurança. Essas emoções, a nível

³ “Sie waren so gierig, als verkaufte er ihnen nicht den Kriegsbericht und das Kinoprogramm, sie waren so gierig, als verkaufte er ihnen das leibhaftige Leben.” (p. 26).

⁴ “gleichgültig” (p. 103 e p. 120).

⁵ “glatt” (p. 103).

⁶ “Diese vielen, vielen Leute mit den weißen, erwartungsvollen Gesichtern, die alle auswandern wollten, weil sie Angst hatten...” (p. 12).

⁷ “Wußten sie es noch immer nicht? Diese armen großen Leute, die das Fallen nach unten springen und das Fallen nach oben fliegen nannten. Wann würden sie es begreifen?” (p. 22)

⁸ O narrador compara-a a David do Primeiro Livro de Samuel do Antigo Testamento (p. 25) e Ellen tenta ameaçar e, inclusivamente, agredir o cônsul (p. 18).

estilístico, manifestam-se através das interpelações do interlocutor⁹, de frases não concluídas¹⁰, de repetições¹¹ e do uso enfático com partículas modais¹².

Nota-se também uma expressão insistente¹³, assustada¹⁴ e também amedrontada e hesitante¹⁵. Esta amplitude expressa-se a nível linguístico através dos advérbios ('schwach', 'zornig', 'misstrauisch') e dos verbos ('beharren', 'schreien', 'zögern') que o narrador aplica para caracterizar ora as falas de Ellen ora a sua atitude no decorrer da narrativa. Especificamente nas falas de Ellen, observa-se o uso recorrente de partículas modais ('doch'¹⁶, 'ja'¹⁷), cuja tradução será discutida adiante (*V.4.5. Partículas modais*).

II.3.4. Tempo

O romance não apresenta uma determinação muito clara do tempo da ação, com exceção da referência ao mês de agosto no primeiro capítulo¹⁸. Os eventos seguem, por norma, uma ordem cronológica sequencial num curto período; há, contudo, a referência à expulsão da mãe, ocorrida antes do início da narrativa e há, ainda, uma prolepse entre o sétimo e o oitavo capítulo, visível no facto de Ellen ser então uma jovem adulta.

É possível imaginar o tempo através de referências esparsas. Tal acontece na cena inicial do primeiro capítulo – durante a qual o movimento da sombra sobre o mapa-mundo indicia a passagem do tempo¹⁹ – e na cena de aniversário de Georg – na qual os véus que se anunciam através das vidraças representam metaforicamente o crepúsculo²⁰.

⁹ “»S*ie!*« sagte Ellen und ließ die Beine drohend über den Rand des Bettes hängen”. (p. 24). “»S*ie!*« Ellen zitterte vor Zorn. »Sie machen sich ja lustig!«” (p. 29). “»S*ie!*« sagte Ellen und zerrte an seinem Mantel.” (p. 30).

¹⁰ “»Und wenn Sie jetzt nicht unterschreiben –.«” (p. 18)

¹¹ “Dann–«, sagte Ellen, »dann–«; Ihre Lippen zitterten” (p. 15). “»Das Visum!« (...) »Bitte das Visum!«” (p. 17). “»So geh ich eben barfuß. Wenn du mir keine Strümpfe gibst, geh ich eben barfuß!«” (p. 24).

¹² “»Dann haben Sie doch die Landkarte versteckt.«” (p. 15); “»Ich bin müde, ich sollte schon schlafen, weil ich doch morgen über das Meer fahre.«” (p. 17).

¹³ “»Nach Hause«, beharrte Ellen, »das ist immer dort, wo meine Mutter ist (...)«” (p. 17); “»Es wäre ja möglich«, beharrte Ellen ruhiger, »es wäre ja möglich, daß ein Schiff untergeht.«” (p. 115).

¹⁴ “»Nein!« schrie Ellen und rollte sich auf dem Lehnstuhl zusammen.” (p. 18); “»Es gilt nichts!« schrie sie verzweifelt.” (p. 26); “»Ja«, schrie Ellen erbittert, »und für mich bürgt niemand!«” (p.115); “Ellen schrie im Schlaf.” (p.11); “Ellen schrie auf.” (p. 22).

¹⁵ “»Wie kann ich das?« fragte Ellen mißtrauisch.” (p. 19); “Zögernd betrat Ellen die menschenleere Kirche (...)” (p. 31); “Könntest nicht du –« Ellen zögerte, »ich meine (...)” (p. 32).

¹⁶ “»Dann haben Sie doch die Landkarte versteckt.« ” (p. 15); “»Ich bin müde, ich sollte schon schlafen, weil ich doch morgen über das Meer fahre.«” (p. 17).

¹⁷ “»Keine Spur! Dann hätte ich ja auch geträumt, daß die Kinder im Hof nicht mit mir spielen wollen” (p. 16); “»S*ie!*« Ellen zitterte vor Zorn. »Sie machen sich ja lustig!«” (p. 29).

¹⁸ “Die Stunde, zu der es entweder schon zu spät oder noch zu früh ist, die Stunde nach zwölf. Ein Hund bellte. August.” (p. 13).

¹⁹ “Die Dunkelheit landete und bewegte sich langsam gegen Norden.” (p. 9).

²⁰ “Schleier sanken aus dem stillen Hof durch die matten Scheiben und versuchten, den Stern zu verhüllen. Die geheime Polizei hatte verboten, den Stern zu verhüllen. Die Dämmerung machte sich straffällig, wie der Mond sich straffällig machte, so oft er sein spöttisches Licht über die verdunkelte Stadt warf.” (p. 106).

11.3.5. Espaço

É possível estabelecer uma semelhança entre, por um lado, a oposição da esperança “menor” com a “maior” e, por outro lado, a oposição entre os espaços em que a ação decorre e os imaginados. O romance começa com esta oposição: Ellen, aquando do sonho que refere os lugares imaginados, está já no consulado; contudo, essa informação da sua localização factual só surge após a narração do sonho. Tal característica contribui para que, desde o princípio da narrativa, seja atribuída ao espaço imaginado uma relevância maior e mais simbólica do que ao espaço factual.

A par do consulado, o outro espaço em evidência no primeiro capítulo é o espaço privado, da casa de Ellen, associado à solidão, fundamentalmente pela ausência da mãe. A solidão que Ellen sente em casa é compensada pelas frequentes referências à dimensão do sonho, tal como acontece quando ela imagina brincar com a mãe (pp. 22-26). Por outro lado, o espaço público é caracterizado pela sensação de medo e de ameaça, tal como o evidencia o episódio da pastelaria, no quinto capítulo, e a descrição da cidade como sendo “verängstigt” e “verdunkelt” (p. 28).

11.4. Estilo

Em *Die größere Hoffnung*, a escolha lexical e a construção sintática privilegiam uma linguagem simples. O vocabulário do romance pertence ao vocabulário do dia a dia, com poucas exceções. Outros traços estilísticos são a parataxe e a dupla adjetivação²¹.

Isto não obsta, no entanto, a que sejam marcantes as descrições surrealistas da realidade. Nestas descrições, é frequente encontrarem-se imagens grotescas²² e estranhantes²³ e é ainda possível ler ironia, e.g. nos pormenores visuais irónicos da festa de Georg, que assentam no contraste entre a expectativa de uma festa de crianças e a sua realização²⁴.

²¹ “Deutlich hörte man ihre bitteren, hellen Stimmen. Im Zimmer rechts schrie der alte, taube Mann mit seiner Bulldogge” (p. 101); “Sie lief durch die alten, nebligen Gassen, vorbei an Gleichgültigen und Glatten” (p. 102); “Ruhig und hell prangte er an dem dünnen, dunkelblauen Stoff.” (p. 103).

²² Como o rosto mulher da hortaliça, que surge “rot und verzerrt aus der Dämmerung” (p. 24), ou a solidão, descrita com um “aufgerissener Rachen” (p. 26).

²³ Como Ellen a entrar na pastelaria com a atitude “eines fremden Eroberers” (p. 102)” ou Georg sentado no “Ehrenplatz” no seu aniversário (p. 105). Neste último caso, a imagem estranhante resulta do contraste entre a situação de indignância em que o rapaz vive durante a guerra e a noção de ‘Ehre’/‘honra’ presente no lexema ‘Ehrenplatz’, que faz pressupor um ambiente mais festivo ou faustoso.

²⁴ É irónica a desadequação da cor cinzenta do fato de Georg à festa de aniversário, tal como o é a cor negra do bolo.

A tendência surreal decorre igualmente de certas personificações e comparações: a personificação acontece sobretudo como forma de destacar a disposição psicológica das personagens através dos objetos circundantes²⁵; a comparação surge frequentemente em início de frase²⁶ e adensa o sentido do elemento comparado.

Os elementos de estilo apresentados até aqui não constituem um problema de tradução de difícil resolução, uma vez que a tradução literal permite, de uma maneira geral, mantê-los na língua de chegada. Contudo, o estilo do romance é marcado por outros elementos cuja tradução literal se revela insuficiente ou desadequada.

A par das descrições surrealistas acima referidas, encontram-se frases com um sentido no domínio do fantástico²⁷. Algumas destas frases assentam em figuras de linguagem que dependem do sistema linguístico do alemão, como sejam o poliptoto e os jogos de palavras.

Encontra-se o poliptoto no passo em que as crianças comentam o facto de as conversas dos adultos serem incompreensíveis – “»Alles wird deutlicher« / »Undeutlicher” (p. 111) – e também na descrição do contraste entre os destinos de Ellen e de Julia – “Julia, das war der Name des immerwährenden unverständlichen Gelingens, neben dem Ellen der Name des immerwährenden Mißlingens war” (p. 113-4). A noção de ‘certeza’ é descrita em dois passos sempre através de um poliptoto: o primeiro passo lê-se quando a avó sai de casa à procura de certeza: “Wie ungewiß war alle Gewißheit. Gewiß war das Ungewisse, und es wurde immer gewisser seit der Erschaffung der Welt.” (p. 100-1); o segundo acontece quando as crianças falam da incerteza do significado das conversas dos adultos: “Ergib dich in das Ungewisse, damit du gewiß wirst” (p. 111). Também se lê incerteza e um sentido transcendente de esperança no poliptoto usado na descrição das pessoas que esperam no consulado: “Sie hörten nicht auf zu hoffen, das Unwägbar in der Hand zu wägen und das Unberechenbar zu berechnen” (p. 12).

Leem-se jogos de palavras, por exemplo, na descrição do consulado através da focalização interna do cônsul, acentuando-se o sentido de esperança vã das pessoas que

²⁵ “Die weißen Bänke mit den roten Samtpolstern liefen erstaunt im Kreis. Die hohen, glänzenden Türen zitterten leise” (p. 11); “Feindlich starrten die Wände” (p. 25). É um caso claro de personificação a identificação entre a *Torte* de Ellen e o *Kuchen* de Georg, de onde resulta um problema de tradução discutido adiante (*V.8 Diferença de género dos substantivos*).

²⁶ “Wie eine große Karawane zog sie die Wüste hinauf, breit und unaufhaltsam.” (p. 9); “Wie ein Wald warf er dem Zeitungsjungen alle seine Schreie zurück” (p. 27); “Anna, das war wie ein Atemzug. Wie Hinnehmen und Hingeben in einem.” (p. 120).

²⁷ São exemplo disso: “Der Haifisch tröstete sie, wie nur ein Haifisch trösten kann” (p. 10); “Der Himmel war offen, tödlich offen, und es wurde Ellen im Fallen deutlich, daß Oben und Unten aufgehört hatten.” (p. 22); “Der Stern war dunkler als die Sonne und blasser als der Mond.” (p. 100); “Wenn es dämmerte, wurde sein Radius undefinierbar wie der einer fremden Handfläche” (p. 100).

esperam obter um visto: “Mit großen Schritten durchquerte er die Vorräume. Mehr Vorräume als Räume, wenn man alles zusammennahm” (p. 12). Na mesma linha de espera por um visto, encontra-se o facto de as embaixadas, descritas quando Ellen caminha com o cego, esconderem as mensagens dos embaixadores: “Rechts standen stille Häuser, fremde Botschaften, die ihre Botschaft verbargen” (p. 28). As embaixadas não permitem que as pessoas saibam claramente se lhes é possível viajar.

É também através de um jogo de palavras que Ruth, uma das crianças, comenta subtilmente a sugestão de suicídio: “Was man zum Geburtstag geschenkt bekommt, das wirft man nicht weg” (p. 112). Fá-lo pela polissemia de “Geburtstag” – que significa, no sentido lexicalizado, “aniversário” e, no sentido não-lexicalizado, “dia de nascimento” –, ficando, assim, possível que a criança se refira à própria vida, por ser algo que se recebe no dia de nascimento.

Um claro caso de jogo de palavras encontra-se no início do quinto capítulo. Ellen, para combater o silêncio e a solidão, bate com dois testos e, como reação, lê-se: “Vom Hof schrie die Hausbesorgerin. Es klang wie: Pack – packen – sich packen!” (p. 101). Cada um dos lexemas tem significados diferentes (*vide V.4.2 Jogos de palavras*), mas que se relacionam com a ideia da expulsão dos judeus. Esta reação da senhoria demonstra já alguma violência, o que antecipa o episódio da pastelaria.

Todas estas situações configuram problemas de tradução e serão analisadas na parte V deste trabalho.

III. ENCOMENDA DE TRADUÇÃO

Como enquadramento teórico para a análise da situação de tradução, seguiu-se o modelo proposto por Nord (1988; 1993). A autora propõe que se considere a existência de várias instâncias que atuam no processo de tradução, cada uma com uma determinada função. Numa versão simplificada do modelo, o processo de tradução decorre da seguinte maneira: um iniciador dirige-se a um tradutor porque precisa que ele produza um texto de chegada que será recebido por um determinado recetor, tendo em conta o canal de receção, o local e o tempo em que o texto de chegada vai entrar em situação comunicativa, e a função (Nord, 1988, p. 4). Neste modelo, destaca-se a ideia de que o processo de tradução é posto em ação pelo iniciador com um propósito claramente definido – expresso numa encomenda de tradução (Nord, 1988, p. 9) – e tendo o recetor em consideração. Ao considerar o recetor, o iniciador encomenda um texto de chegada que tem em atenção *e.g.* os conhecimentos prévios do recetor e as suas expectativas face ao texto de chegada (Nord, 1988, p. 10). O tradutor age como um produtor textual que sabe como levar a cabo a encomenda de tradução e que sabe, inclusivamente, antecipar as características que o texto traduzido deve assumir na cultura de chegada, de modo a assegurar a função pretendida pelo iniciador e explicitada na encomenda de tradução (Nord, 1988, pp. 11-2).

Este projeto de tradução surge no contexto de uma unidade curricular do Mestrado em Tradução. Os intervenientes no processo, à luz daqueles acima mencionados, podem identificar-se da seguinte maneira: as funções de iniciador e de tradutor estão-me entregues a mim, uma vez que inicialmente me propus traduzir os capítulos do romance (texto de partida) e que os traduzi de seguida (texto de chegada). O recetor é o júri das provas de Mestrado. Além destas instâncias, é possível ainda considerar os outros fatores extratextuais enunciados por Nord (1988, p. 41): o propósito da tradução (*wozu?*) é o cumprimento dos requisitos da unidade curricular de *Trabalho de Projeto* do Mestrado em Tradução; o meio de comunicação (*über welches Medium?*) é o presente texto apresentado em suporte digital; o local (*wo?*) é a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e o tempo de receção (*wann?*) é o período de leitura e a posterior defesa do trabalho; a função (*mit welcher Funktion?*) consiste em apresentar provas da minha capacidade de traduzir um texto literário de língua alemã.

Todavia, a tradução realizada foi pensada como se o seu propósito fosse para lá dos já enunciados, *i.e.*, como se o texto de chegada se destinasse, para além disso, a uma

eventual publicação. É possível imaginar um cenário hipotético, para, assim, aproximar este exercício de tradução de uma situação comum no mercado editorial.

Seguindo este propósito, considere-se que o iniciador seria uma editora portuguesa, que tem como objetivo publicar toda a obra da Ilse Aichinger ao longo de 2021, precisamente por ser este o ano em que se assinala o centenário do seu nascimento. O texto de partida usado seria a totalidade do romance *Die größere Hoffnung*, na sua redação de 1960 e de acordo com a publicação de 1991 pela editora Fischer. O recetor pertenceria ao grupo de leitores de língua portuguesa que se interessam por literaturas estrangeiras, com eventual enfoque nas literaturas de língua alemã. Estariam possivelmente familiarizados com temas frequentes destas literaturas, na segunda metade do séc. XX, como o são, a título de exemplo, a ascensão do nacional-socialismo, com a consequente tomada de poder pelo partido nazi, as Leis de Nuremberga e a perseguição discriminatória de grupos sociais, a fuga das vítimas desta perseguição, dificultada não só pela guerra, mas também pelos instrumentos repressivos usados pelo poder político.

IV. RECURSOS DE TRADUÇÃO

IV.1. Recursos digitais

Para esta tarefa não me servi de ferramentas digitais de auxílio à tradução – usualmente chamadas ‘ferramentas de *computer-assisted translation*’ (*CAT-Tools*) – ainda que o seu uso tenha sido constante em todas as unidades curriculares de tradução ao longo do Mestrado. O uso destas ferramentas implica que o texto de partida esteja num formato digital e editável para que a ferramenta o possa tornar acessível para o processo de tradução. Inicialmente, só consegui ter acesso ao romance na sua forma de livro impresso.

A primeira versão da tradução foi feita usando o *Microsoft Word*: coleí a digitalização de cada uma das páginas do livro numa página de um documento *Word* e juntei-lhe, em paralelo, uma caixa de texto onde escrevi a tradução. O principal problema deste método é o facto de o texto de partida estar apresentado na forma de imagem e não de texto, o que não permite, por exemplo, usar a ferramenta de pesquisa no texto. O alinhamento entre o texto de partida e o de chegada também se relevou difícil de manter, devido aos diferentes tamanhos de cada um dos tipos de letra.

Na preparação da segunda versão, consegui converter as digitalizações em texto. O processo foi semelhante ao da primeira versão, com a diferença de ter colocado o texto de partida, agora editável, em caixas de texto. O uso da ferramenta de pesquisa passou a ser possível e o alinhamento foi menos problemático. Ainda assim, foi necessário acrescentar parágrafos em branco no texto de chegada sempre que um mesmo parágrafo tinha mais linhas no de partida.

Por uma questão de semelhança gráfica com a edição do romance pela editora Fischer, mantive a margem superior mais ampla em relação às restantes margens. Esta margem superior alargada parece ser uma opção de edição do foro estético e que se encontra nalgumas edições da mesma editora para outros textos de Aichinger (*Zu keiner Stunde: Szenen und Dialoge* de 1991; *Der Gefesselte: Erzählungen I* de 2002), mas não noutras (*Unglaubliche Reisen* de 2007). As editoras que publicaram as traduções espanhola (*Editorial minúscula*) e francesa (*Editions Verdier*) não seguiram a mesma opção.

IV.2. Dicionários e Gramáticas

No processo de tradução e de revisão, usei dois tipos de dicionários:

1. Monolingues

1.1. de alemão: *Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache* (Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaft, s.d.); *Duden online* (Dudenredaktion, 2021); *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm* (Trier Center for Digital Humanities, s.d.); *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache* (Götz, Haensch, & Wellmann, 2003);

1.2. de português: *Vocabulário Portuguez e latino* (Bluteau, 1712-28); *Moderno dicionário da língua portuguesa* (1985); *Pequeno dicionário da língua portuguesa* (1998);

2. Bilingues: *Deutsch-Portugiesisch Wörterbuch* (Langenscheidt, s.d.); *PONS Online-Wörterbuch* (PONS, s.d.); *Neues Wörterbuch der portugiesischen und deutschen Sprache* (Michaelis, 1934).

Usei as seguintes gramáticas: *Duden – Die Grammatik* (Eisenberg, et al., 2009) e *Gramática da língua portuguesa* (Mateus, 2006).

IV.3. Traduções do romance para outras línguas

Após a conclusão da primeira versão da tradução, consultou-se duas traduções do romance, às quais foi possível ter acesso: a espanhola (*La esperanza más grande*, 2004) e a francesa (*Un plus grand espoir*, 2007). São aqui consideradas como recursos de tradução, uma vez que nelas se encontrou opções de tradução diferentes das que inicialmente tinham sido tomadas e que reorientaram o processo de tradução.

IV.4. Notas durante a tradução

Aquando da primeira versão da tradução, fui tomando nota de quase todas as opções de tradução de que me lembrei e que fui ora aceitando e escrevendo no texto da tradução, ora rejeitando e anotando noutro documento. Neste documento, explicava ainda por que razão optei inicialmente por uma opção de tradução e não por outra. Este método tenta reproduzir o processo mental que parte da compreensão do texto de partida e que resulta na tradução. Através dele cria-se uma lista potencialmente exaustiva das opções de tradução que me ocorreram durante a primeira versão da tradução e de que pude servir-me no momento da revisão. As vantagens deste método são a possibilidade de reconstruir

o processo mental de tradução, mesmo que parcialmente, e de comentar cada uma das hipóteses listadas. Os comentários às hipóteses ajudam a explicitar as opções de tradução e servem de orientação no caso de um problema de tradução se revelar recorrente.

Este método, porém, foi apenas aplicado à primeira versão da tradução, por lhe ter encontrado pelo menos duas limitações: a primeira é a incapacidade de pensar nas hipóteses de tradução e de anotar cada uma delas sem nenhuma omissão; a segunda é a distração resultante de ter de imaginar as hipóteses de tradução e de registá-las quase simultaneamente. Quanto à primeira, o momento de imaginação em que se procura a tradução só pode ser reconstruído *a posteriori* e, nesta reconstrução, haverá porventura algumas hipóteses que são imaginadas e logo esquecidas. Assim, esta anotação sofre de uma seleção inconsciente provocada pela capacidade limitada da memória. Quanto à segunda, a distração é provocada pela necessidade do registo e tem como consequência uma maior concentração nesse mesmo registo e menos nos textos de partida e de chegada. O emprego deste método exige, à partida, uma revisão mais atenta e que desconsidere momentaneamente o registo das hipóteses de tradução.

V. PROBLEMAS DE TRADUÇÃO

Esta parte apresenta alguns problemas encontrados na tradução dos dois capítulos de *Die größere Hoffnung*. Segundo Nord, como já explicitado acima, os problemas de tradução colocam-se objetivamente, sendo independentes da competência dos tradutores e das informações contidas na encomenda de tradução; as dificuldades, por seu turno, dependem precisamente destas condicionantes (Nord, 1993, p. 208).

Procurou-se (i) demonstrar a razão pela qual determinado passo selecionado constitui um problema de tradução, (ii) apresentar a tradução nas suas diferentes versões – sempre que tal se revelou útil para exemplificar o processo de tradução –, e, por fim, (iii) justificar as opções tradutivas tomadas. Grande parte dos problemas identificados tem naturalmente a ver com a natureza literária do texto, como sejam a função e o sentido do título, aspetos estilísticos com implicações para a caracterização de personagens, questões de natureza fónico-rítmica, ambiguidades e conotações relacionadas com o tema.

V.1. Título

O título constitui *per se* um problema de tradução, estreitamente relacionado com o género textual (Nord, 1993, pp. 27-45). O título pode desempenhar várias funções, como, entre outras, apresentar o tema central do texto, resumi-lo, servir de guia de leitura, despertar a atenção do recetor ou funcionar como comentário. O título *Die größere Hoffnung*, para além de apresentar o tema central – sofrimento, bem como a noção transcendente de esperança, tal como mencionado *supra* –, orienta o leitor na interpretação, podendo também ser entendido como comentário.

O título do primeiro capítulo – “Die große Hoffnung” – está em relação com o título do último, que é também o do romance – *Die größere Hoffnung*. Esta mudança dos graus dos adjetivos traça a trajetória de Ellen, *i.e.*, o abandono da crença na esperança ‘menor’ e a aceitação da ‘maior’, que acabará simbolizada na morte de Ellen. A função dos títulos do capítulo e do romance, bem como as relações que se estabelecem entre eles, puderam ser acauteladas por uma tradução literal: *A grande esperança* e *A esperança maior*, respetivamente.

O título do quinto capítulo, “Die Angst vor der Angst”, que sublinha a ideia do ‘medo’, encontra-se citado na cena final do capítulo, quando Anna, uma jovem mais velha, convence as crianças de que elas e a polícia secreta sentem um medo mútuo.

A tradução foi literal, “O medo do medo”, admitindo-se que assegura todos os valores do original²⁸.

V.2. Relacionados com o código semântico-pragmático

O código semântico-pragmático manifesta a ‘visão do mundo’ consubstanciada no texto literário e condicionada por “factores semióticos exógenos ao sistema literário” (Silva, 2011, pp. 58-61).

No caso do romance em estudo, é importante perceber como se manifesta a ‘visão do mundo’ de Ellen e das restantes crianças. A tradução literal permitiu, na maioria dos casos, manter a função dos passos que relatam sonhos ou que têm uma tendência surreal. Todavia, casos houve de polissemia que exigiram uma atenção ao sentido global da obra. Nestes casos, a análise de ordem literária e a investigação sobre a situação histórica referida no romance orientaram as opções a fazer. O passo seguinte e a sua tradução ilustram esta ideia:

p. 9 Kinder mit falschen Großeltern (...) Crianças com avós errados (...)

A ‘visão do mundo’ de Ellen fica patente no uso do adjetivo ‘falsch’ atribuído aos avós – o adjetivo mais factual seria ‘jüdisch’. Em ‘falsch’ pode ler-se a ironia trágica de a criança assumir momentaneamente uma expressão antissemita, que, em função do contexto, torna os avós e a sua religião em algo de errado. A tradução de ‘falsch’ admite ‘errado’ e também ‘falso’. Perante estas duas opções, tomou-se a primeira, por ser, das duas, a única consentânea com a ‘visão do mundo’ descrita.

Encontra-se outro exemplo nas frases construídas com o verbo ‘bürgen’, repetidas ao longo do sonho inicial de Ellen. Fora de contexto, ‘bürgen’ admite traduções como ‘abonar’ ou ‘afiançar’, por exemplo. A investigação sobre o *Kindertransport* revelou que as crianças que tinham um fiador tinham vantagens em todo o processo de deixar o país de origem e de serem eventualmente adotadas por famílias de acolhimento no país de chegada (Weindling, 2020). Após esta informação colhida fora do texto literário, a tradução foi reformulada:

²⁸ Esta opção criou, espontaneamente, uma relação intertextual com a canção “Medo do medo” da *rapper* portuguesa Capicua (2012), que, no entanto, não se considera pôr em causa a tradução adotada.

p. 10 (...) Kinder, für die niemand mehr bürgen konnte.

primeira versão

(...) crianças a favor de quem já ninguém podia abonar.

versão final

(...) crianças de quem já ninguém podia ser fiador.

V.2.1. Intertextualidade

Ao longo do romance, instauram-se frequentemente relações de natureza intertextual. No primeiro capítulo, lê-se a referência direta a fragmentos de três canções – o primeiro verso da canção infantil alemã *Summ, summ, summ, Bienchen, summ herum*, o primeiro verso do refrão da canção entoada na Grande Guerra *It's a long way to Tipperary* e o primeiro verso da canção infantil alemã *Häschen in der Grube*. Para além destes casos, também se encontra uma frase de um conto dos irmãos Grimm (*Die Gänsemagd*). O quinto capítulo, por sua vez, estabelece relações intertextuais indiretas com o texto dos Evangelhos.

p. 10 In der Mitte des Ozeans streckten sie die Köpfe über den Schiffsrand und begannen zu singen. »Summ, summ, summ, Bienchen summ herum –«, »It's a long way to Tipperary –«, »Häschen in der Grube« und noch vieles andere.

No meio do oceano, debruçaram-se sobre a amurada e começaram a cantar. "Zum, zum, zum, abelhinha, voa ...", "It's a long way to Tipperary...", "Coelhinho, foge, foge desta tua toca escura" e ainda muitas outras coisas.

Estas referências acompanham o sonho de Ellen e articulam-se estreitamente com o macrossigno do tema do romance, alinhando-se com as isotopias de 'viagem', de 'guerra' e de 'prisão'. A primeira canção refere a viagem através do voo da abelha; a segunda, a guerra, uma vez que dá voz a um soldado irlandês destacado em Londres; a terceira, a prisão, porque o *Häschen* mencionado não pode sair da toca, no caso, porque estará doente.

Perante este problema, a tradução pode procurar recriar uma relação de intertextualidade com elementos da cultura de chegada que assegurem o sentido do original. Este procedimento implicaria uma domesticação da tradução, uma vez que aproximaria o texto dos leitores. Contudo, não foi esta a opção tomada, por se considerar que os leitores visados sabem que estão a ler um romance traduzido e também que estão preparados para admitir a referência a elementos culturais estranhos à cultura de chegada. Optou-se por se manter o verso da canção em inglês sem tradução, por se considerar que os leitores dominam o inglês e que a canção lhes é possivelmente conhecida. Quanto aos

fragmentos das canções em alemão, procurou-se manter a sugestão de que se trata de canções infantis, através do uso do diminutivo nos nomes dos dois animais (‘abelhinha’ e ‘coelhinho’), da onomatopeia do voo – com a grafia adaptada à norma da língua portuguesa –, e do ritmo regular que pode ser associado a estas canções.

No caso da canção *Häschen in der Grube*, as opções de tradução foram menos literais. O texto da canção é: “Häschen in der Grube / saß und schlief. / Armes Häschen, bist du krank, / dass du nicht mehr hüpfen kannst? / Häschen, hüpf!”. Ainda que o texto do romance apenas mencione o início da primeira frase, deve considerar-se que os leitores do texto de partida conhecem a totalidade da canção; logo, toda ela está implicada e pode ser usada na tradução. Os desvios do texto de chegada face ao de partida são: (i) ‘Hase’ (‘lebre’) passou a ‘coelhinho’ (‘Kaninchen’) – o que, para além de não ser impeditivo para a compreensão do significado, também evita a estranheza de ‘lebrezinha’ –; (ii) “Häschen, hüpf!” foi vertido em “foge, foge” e (iii) o adjetivo “escura”, referindo-se à toca, não aparece no texto da canção. Optou-se por introduzir estes desvios, para que o texto de chegada salvaguardasse o sentido de ‘prisão’ que se pode ler na menção à canção. Procurou-se veicular este sentido repetindo o imperativo “foge” e juntando o adjetivo “escura”, o que evoca uma imagem de desconforto e de aprisionamento.

Outro caso de intertextualidade é a citação de um conto dos irmãos Grimm:

p. 25	Wenn das meine Mutter wüßt, das Herz im Leib tät ihr zerspringen! So stand es in dem alten Märchenbuch.	Soubera a minha mãe do sucedido, ficaria de coração partido! Era como estava no velho livro de contos.
-------	---	--

O próprio texto explicita a relação de intertextualidade com um *Märchenbuch* tradicional. A tradução deve manter o tom infantil, assegurando as relações com o tema, mesmo que para isso seja necessário recorrer a uma tradução menos literal. Pode também colocar-se a hipótese do recurso a uma tradução já existente, se se considerar que ela é adequada. No caso presente, foi este o caminho seguido: recorreu-se à tradução de Teresa Aica Bairos (2015).

No processo de tradução, observou-se também a criação de relações intertextuais espontâneas e indesejadas com elementos do património literário português. Um dos passos do romance refere um “hässlicher Wassermann”:

p. 25	(...) gegen das neue furchtbare Bewußtsein, das seinen Kopf wie ein <u>häßlicher</u> <u>Wassermann</u> aus den Fluten der Träume hob.	<i>primeira versão</i> (...) contra a nova consciência terrível que erguia a cabeça das vagas dos sonhos como um <u>tritão horrendo</u> .
		<i>versão final</i> (...) contra a nova consciência terrível que erguia a cabeça das vagas dos sonhos como um <u>tritão disforme</u> .

Para o adjetivo ‘hässlich’ foi inicialmente anotada a opção ‘horrendo’. Esta opção foi, contudo, abandonada, por se aproximar acidentalmente do texto d’*Os Lusíadas* e evocar, assim, o episódio do Adamastor (“monstro horrendo” V, 49) e a máquina do mundo que Tétis mostra a Vasco da Gama (“Drago horrendo” X, 88).

V.3. Relacionados com o código técnico-compositivo

Este código explicita o modo como o texto está organizado enquanto conjunto de segmentos com uma delimitação mais curta. No caso do romance em estudo, encontra-se uma divisão em dez capítulos, cada um provido de um título. A organização desses capítulos não é estritamente ou evidentemente cronológica – com exceção da prolepse já mencionada –, ainda que haja alguma lógica sequencial entre eles.

A tradução praticada neste projeto não eliminou nenhum segmento do texto. A circunscrição a apenas dois capítulos deve-se à sua natureza exemplificativa e não a uma opção de tradução. Observa-se, pois, que a mesma opção de não eliminar nenhum segmento se manteria, caso o projeto abarcasse todo o romance.

V.4. Relacionados com o código estilístico

V.4.1. Isotopias

No romance em estudo, observa-se a recorrência de alguns lexemas de áreas vocabulares específicas. Esta recorrência forma isotopias que se relacionam com o macrossigno do tema do romance. Identificaram-se duas isotopias fundamentais, que orientaram a tradução: a de ‘silêncio’ e a de ‘som’.

V.4.1.1. Silêncio

À isotopia de ‘silêncio’ associa-se a ideia de abandono, de insegurança e de angústia. Surge, por exemplo, na cena em casa de Ellen, depois de a avó sair, e durante

os momentos de febre da criança. Este silêncio desconfortável é sublinhado pelos barulhos da casa que o antecedem:

- p. 23 Das Ofenrohr krachte und verbarg sich tiefer hinter den dunkelgrünen Kacheln. Sonst blieb alles still. Das Grau wurde dichter. O tubo do fogão de sala deu um estalo e escondeu-se muito bem escondido atrás dos azulejos verde-escuros. À parte disso, tudo permanecia em silêncio. O cinzento adensou-se.

Pouco depois, Ellen tenta fazer frente a esse silêncio pesado:

- p. 25 Ellen drohte der Stille, aber die Stille blieb still. Ellen ameaçou o silêncio, mas o silêncio manteve-se silencioso.

A tradução deve manter esta isotopia. Esta situação tornou-se particularmente interessante no caso do adjetivo ‘still’, que admitiria como traduções, por exemplo, ‘calmo’, ‘tranquilo’, ‘quieto’, ‘pacífico’, ‘calado’. Observe-se o passo seguinte:

- p. 28 Sie waren in eine lange finstere Gasse eingebogen. Die Gasse führte hinauf. Rechts standen stille Häuser, fremde Botschaften, die ihre Botschaft verbargen. *primeira versão*
Tinham metido por uma viela longa e sombria. A viela era a subir. À direita havia casas tranquilas, embaixadas estrangeiras que escondiam as mensagens dos embaixadores

versão final

Tinham metido por uma viela longa e sombria. A viela era a subir. À direita havia casas silenciosas, embaixadas estrangeiras que escondiam as mensagens dos embaixadores

O texto refere as casas da viela onde Ellen e o cego se encontram como sendo ‘still’. Na primeira versão, ‘still’ foi traduzido por ‘tranquilas’, mas a discussão sobre o assunto, durante as sessões de orientação, fez ressaltar a isotopia do silêncio. Na versão final, optou-se, então, pelo adjetivo ‘silenciosas’, que, respeitando a isotopia, sublinha a noção de hostilidade do meio e a insegurança de Ellen.

V.4.1.2. Som

Além da isotopia do ‘silêncio’, encontra-se uma isotopia do ‘som’, gerada através de lexemas da família de ‘schreien’ – ‘aufschreien’, ‘Schreien’, ‘Schrei’, ‘Geschrei’ – e dos verbos ‘rufen’ e ‘toben’.

Às menções a ‘schreien’ e aos lexemas derivados deste verbo está associado um sentido de alarme, de perigo, como o ilustram os passos abaixo.

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 11 | <p>Groß und licht und unerreichbar tauchte die Freiheitsstatue aus dem Schrecken. Zum ersten und zum letzten Male.
Ellen <u>schrie</u> im Schlaf. Sie lag quer über der Landkarte und wälzte sich unruhig zwischen Europa und Amerika hin und her.</p> | <p>Grande e luminosa e inatingível surgiu, do susto, a Estátua da Liberdade. Pela primeira e pela última vez.
Ellen <u>gritou</u> no meio do sono. Estava atravessada sobre o mapa-mundo e rebojava, inquieta, de um lado para o outro entre a Europa e a América.</p> |
|-------|--|--|

Estes lexemas surgem, com grande frequência, a interromper de modo brusco o silêncio que os antecede. Este passo interrompe a descrição do sonho de Ellen. O sonho torna-se num pesadelo, mas, fora dele, Ellen está deitada, em silêncio, sobre o mapa.

- | | | |
|-------|---|---|
| p. 24 | <p>Ellen setzte sich ganz auf.
Es war wie ein <u>Schrei</u> gewesen. Es war, als hätte sie es mit ihren eigenen Ohren gehört, dieses erstickte: Zuviel! Und das Gesicht der Gemüesfrau drohte rot und verzerrt aus der Dämmerung.</p> | <p>Ellen sentou-se muito direita.
Fora como um <u>grito</u>. Fora como se ela o tivesse ouvido com os seus próprios ouvidos, aquele “Demasiado!” num sufoco. E a cara da mulher da hortaliça, vermelha e desfigurada, surgiu do crepúsculo a ameaçá-la.</p> |
|-------|---|---|

A conversa entre a mulher da hortaliça e a mãe de Ellen é fruto da imaginação da menina. Mas as palavras da mãe, que a entristecem, são ouvidas como um grito que interrompe o silêncio que a circunda.

O mesmo acontece quando acaba o momento em que Ellen imagina estar a brincar com a mãe:

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 24 | <p>Ellen blieb plötzlich stehen, wandte sich ganz schnell um und breitete die Arme aus.
»Es gilt nichts!« <u>schrie</u> sie verzweifelt. »Es gilt nichts, Mutter, es gilt nichts!«</p> | <p>Ellen parou de repente, virou-se para trás muito depressa e abriu os braços: – Assim não vale! – <u>gritou</u> desesperada – Assim não vale, mãe, assim não vale!</p> |
|-------|--|--|

Há outros passos em que o mesmo princípio da manutenção da isotopia prevaleceu até sobre uma eventual maior adequação lexical na língua de chegada. A apresentação da personagem do ardina é feita com a seguinte frase:

- | | | |
|-------|---|---|
| p. 26 | <p>»Nachtausgabe!« <u>schrie</u> der Zeitungsjunge über die Kreuzung.</p> | <p>– Olh’ò jornal da noite! – <u>gritou</u> o ardina por todo o cruzamento.</p> |
|-------|---|---|

Há outra menção aos pregões do ardina que utiliza o substantivo deverbal ‘Schrei’:

- | | | |
|-------|--|---|
| p. 27 | <p>Wie ein Wald warf er dem Zeitungsjungen alle seine <u>Schreie</u> zurück.</p> | <p>Como uma floresta, devolvia ao ardina todos os <u>gritos</u> que este lançava.</p> |
|-------|--|---|

A tradução de ‘schrie’ e de ‘Schrei’ nestes dois últimos exemplos poderia ter recorrido ao verbo e aos lexemas portugueses ‘apregooou’ e ‘pregão’, dado que este substantivo e este verbo se associam em português à figura do ardina. No entanto, considerou-se preferível manter o sentido de dor e de alarme transmitidos pela isotopia de ‘schreien’.

Por seu lado, o verbo ‘rufen’ é usado ao longo dos capítulos traduzidos como *verbum dicendi* que acompanha trechos em discurso direto. Com esta mesma função, aparece o verbo ‘sagen’ com mais frequência²⁹, embora o uso de ‘rufen’ indique, à partida, uma gradação de significado mais específica do que a indicada por ‘sagen’. Esta gradação tem a ver com a isotopia de descrições sonoras, tal como apresentado para o verbo ‘schreien’. O problema de tradução que daqui resulta prende-se, por um lado, com o modo como as ocorrências de ‘rufen’ caracterizam o ato de fala antecedente e, por outro lado, com a variação lexical preconizada pelas normas literárias da língua portuguesa. A solução de tradução dos atos de fala apresentados por ‘rufen’ passou, em primeiro lugar, por utilizar os verbos da isotopia de ‘grito’, para que os atos de fala com ‘rufen’ pudessem ser lidos como parte desta isotopia, e, em segundo lugar, por encontrar vários verbos portugueses que se adequassem à caracterização daqueles atos e das personagens que os enunciam.

Assim, ‘rufen’ foi traduzido por ‘gritar’ nos seguintes passos:

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 16 | »Geträumt?« <u>rief</u> Ellen. »Keine Spur! Dann hätte ich ja auch geträumt, daß ... | – Sonhado? – <u>gritou</u> Ellen – Nem pensar! Para isso, também tinha sonhado que ... |
| p. 28 | »Nein«, <u>rief</u> Ellen zornig. Sie blieb stehen, ließ seine Hand fallen und sah ängstlich an ihm hinauf. | – Não – <u>gritou</u> Ellen, irritada. Parou, deixou cair a mão do cego e ergueu os olhos a medo por ele acima. |
| p. 29 | »Laß mich nicht allein!« <u>rief</u> der Blinde. »Laß mich nicht allein!« Er stand mit seinem Stock inmitten der Gasse. Schwer und verlassen hob sich seine Gestalt vom kühlen Himmel ab.
»Ich verstehe Sie nicht«, <u>rief</u> Ellen außer Atem, als sie wieder bei ihm angelangt war.
»Meine Mutter ist drüben und ich will zu ihr. Mich wird nichts hindern!« | – Não me deixes sozinho! – <u>gritou</u> o cego – Não me deixes sozinho! – Estava de pé com a bengala, no meio da rua. Pesada, em abandono, a sua figura destacava-se do céu frio.
– Eu não o entendo. – <u>gritou</u> Ellen, ofegante, quando voltou para ao pé dele – A minha mãe está do outro lado e eu quero ir ter com ela. A mim, nada me vai impedir! |

Já os passos que se seguem apresentam outras opções para a tradução de ‘rufen’:

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 24 | »Mutter«, <u>rief</u> Ellen, »Mutter, gib mir Strümpfe!« | – Mãe – <u>chamou</u> Ellen –, mãe, dá-me meias! |
|-------|--|--|

²⁹ Registaram-se 103 ocorrências de ‘sagen’ contra 24 de ‘rufen’.

p. 108 »Nehmt Kuchen!« rief Georg. Das sollte – Sirvam-se de bolo! – disse Georg em voz
aufmunternd klingen, aber es klang alta. Era para soar em tom de animação, mas
erschreckend. soou em tom assustador.

V.4.2. Jogo de palavras

Os jogos de palavras foram já referidos no subcapítulo *II.4 Estilo*, como sendo uma das figuras de linguagem mais recorrentes do romance. Pertencem ao tipo de figuras de linguagem que dependem quase exclusivamente do sistema linguístico em que surgem. Como tal, integram os problemas de tradução da categoria *problemas de tradução específicos do par de línguas*.

Encontram-se jogos de palavras, por exemplo, quando o cônsul se desloca dentro do consulado:

p. 12	Mit großen Schritten durchquerte er die Vorräume. Mehr <u>Vorräume</u> als Räume, wenn man alles zusammennahm. Mehr Hoffnung, als man erfüllen konnte.	A passos largos atravessou as salas de espera. <u>Mais de espera do que salas</u> , bem vistas as coisas. Mais esperança do que se podia satisfazer.
-------	--	--

A nível morfológico, este jogo de palavras assenta na composição morfológica do lexema alemão ‘Vorraum’, que é um substantivo derivado por prefixação com ‘vor’, a partir do substantivo ‘Raum’³⁰. A nível semântico, o jogo de palavras reforça a ideia da espera, pois no consulado há mais ‘Vorräume’, que são ‘Räume’ que se localizam antes (‘vor’) dos ‘Räume’ principais e que servem, neste caso, a função de ‘sala de espera’.

Procurou-se encontrar um lexema português de estrutura semelhante, a fim de manter o jogo de palavras. Encontraram-se os lexemas ‘antecâmara’ e ‘antessala’, derivados por prefixação com o prefixo ‘ante-’ a partir dos substantivos ‘câmara’ e ‘sala’, ambos na área vocabular das traduções de ‘Raum’. Contudo, o emprego de qualquer um destes substantivos não evoca a cena sugerida no texto de partida: os lexemas portugueses parecem evocar o contexto de um edifício semelhante a um palácio e, ainda que não seja estranho que um consulado se localize num palácio, não parece ser esta a *scene*³¹ evocada pelo texto de partida. Assim, a tradução não usou os lexemas mencionados.

Em português, pode expressar-se ‘Vorraum’ através de ‘sala de espera’. À semelhança do alemão, também ‘sala de espera’ se serve do substantivo ‘sala’ (‘Raum’)

³⁰ Há, no terceiro capítulo, um jogo de palavras igualmente assente num composto: “Die Bewegungen der Kinder paßten sich, je weiter sie kamen, den Bewegungen der Träger an, bedrängt von Zögern und Ungeduld, aber bedrängt in gleichem Maße, wiegend dazwischen. Gäste, nicht Trauergäste.” (p. 64).

³¹ Com ‘scene’ faz-se aqui referência à proposta de *scenes and frames semantics* de Charles Fillmore, tal como se pode ler em Vannerem e Snell-Hornby (1986).

e especifica-o com ‘de espera’, num recurso que procura reconstituir o sentido original. É possível, deste modo, acentuar a ideia do jogo de palavras, tal como se lê no texto de partida, repetindo ‘de espera’ na frase seguinte.

Há outros jogos de palavras que se servem da homonímia e da paronomásia. Um deles acontece no passo, já acima citado, em que Ellen e o cego chegam à rua das embaixadas:

- p. 12 Sie waren in eine lange finstere Gasse eingebogen. Die Gasse führte hinauf. Rechts standen stille Häuser, fremde Botschaften, die ihre Botschaft verbargen. Tinham metido por uma viela longa e sombria. A viela era a subir. À direita havia casas silenciosas, embaixadas estrangeiras que escondiam as mensagens dos embaixadores.

O jogo de palavras deste passo baseia-se na polissemia da palavra ‘Botschaft’, pois ela significa tanto uma mensagem importante como a representação de um Estado fora do seu território. O lexema português ‘embaixada’ também admite esta polissemia³²; porém, a aceção de ‘Botschaft’ enquanto ‘mensagem’ perdeu-se no português moderno (*Moderno dicionário da língua portuguesa*, 1985; *Infopédia*, s.d.). A opção “embaixadas estrangeiras que escondiam as suas embaixadas” provocaria, assim, uma estranheza, que resultaria da repetição imediata de duas palavras cuja polissemia se diluiu no português contemporâneo. Após discussão durante as sessões de acompanhamento, optou-se por prescindir do jogo de palavras e por fazer prevalecer o sentido do texto.

Como já dito acima, há um passo muito sugestivo do ponto de vista linguístico que procura reproduzir, com efeito onomatopéico, o som dos testos a bater, mas, ao mesmo tempo, refere os comentários da vizinha:

- p. 101 Ellen holte zwei Blechdeckel aus dem Schrank und schlug sie zornig gegeneinander. Vom Hof schrie die Hausbesorgerin. Es klang wie: Pack – packen – sich packen! Ellen tirou dois testos do armário e bateu com um no outro, irritada. Do pátrio gritou a senhoria. Soou como: trás... trastes... daqui para fora!

Ellen faz barulho por estar sozinha em casa, em silêncio – o silêncio é sinónimo de abandono e de insegurança, tal como observado em *V.4.2.1* – e a senhoria reage a esse barulho através de um substantivo (‘Pack’) e de um verbo (‘[sich] packen’). O substantivo tem um sentido depreciativo e designa um conjunto de pessoas associadas a práticas socialmente reprováveis, como atividades ilícitas. O verbo significa, na forma transitiva, ‘agarrar alguém/alguma coisa’, ‘prender alguém/alguma coisa’ ou ‘fazer as malas’; na

³² O *Vocabulario Portuguez* de Bluteau regista ‘embaixada’ com o sentido de ‘mensagem’ (Bluteau, 1712-28, p. 40).

forma reflexa, é usado com o sentido de ‘ir embora’, mas num registo de língua baixo, algo próximo do português ‘pôr-se a andar’. A escolha lexical procurou reproduzir a sobreposição de efeitos entre a onomatopeia e o jogo de palavras; todavia, preferiu-se abandonar a onomatopeia neste passo e procurou-se manter o sentido, o qual alude à expulsão dos judeus.

Para além dos jogos de palavras já mencionados, o texto de partida tem outras ocorrências de poliptoto. Uma delas acontece quando se descrevem as pessoas que esperam por ser atendidas no consulado – tal como observado em *II. 4 Estilo* –:

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 12 | Sie hörten nicht auf zu hoffen, das <u>Unwägbar</u> e in der Hand zu <u>wägen</u> und das <u>Unberechenbar</u> e zu <u>berechnen</u> . | Não se lhes esgotava a esperança de <u>ponderar</u> o <u>imponderável</u> na palma da mão e de <u>calcular</u> o <u>incalculável</u> . |
|-------|--|--|

O poliptoto consiste na acumulação de lexemas com o mesmo radical: ao verbo ‘wägen’ junta-se o substantivo deadjetival ‘das Unwägbar’, e ao verbo ‘berechnen’, o substantivo deadjetival ‘das Unberechenbar’. Em ambos os casos, a transformação do verbo para o substantivo ocorre através da inserção do sufixo ‘-bar’ e do prefixo de negação ‘un-’. Este recurso acentua a situação difícil e contraditória vivida pelas pessoas que esperam no consulado, às quais também pertence Ellen, ainda que procure vias alternativas para obter o visto.

Também se encontram poliptotos noutros passos dos capítulos traduzidos:

- | | | |
|--------|---|--|
| p. 101 | Wie <u>ungewiß</u> war alle <u>Gewißheit</u> . <u>Gewiß</u> war das <u>Ungewisse</u> , und es wurde immer <u>gewisser</u> seit der Erschaffung der Welt. | Quão <u>incerta</u> era toda a <u>certeza</u> . <u>Certo</u> era o <u>incerto</u> , e ia ficando cada vez mais <u>certo</u> desde a criação do mundo. |
| p. 111 | Ergib dich in das <u>Ungewisse</u> , damit du <u>gewiß</u> wirst. | Rende-te ao <u>incerto</u> para que estejas <u>certo</u> . |
| p. 111 | »Das tun sie immer«, sagte Leon, »das haben sie immer schon getan.« Seine Stimme veränderte sich. »Alles wird <u>deutlicher</u> .«
» <u>Undeutlicher</u> «, sagte Ruth verwirrt. | – Estão sempre a fazer isso – disse Leon – sempre fizeram isso. – A sua voz mudou. – Tudo fica mais <u>perceptível</u> .
– Mais <u>imperceptível</u> – disse Ruth, confusa. |

Em todos os casos, o sistema e a norma portuguesas admitem formações equivalentes, pelo que o efeito do original pode ser assegurado.

V.4.3. Linguagem imagética

A comparação e as metáforas constituem um dos recursos mais frequentes da linguagem imagética.

O passo seguinte apresenta um exemplo de comparação. A frase, já acima citada, descreve a imitação que o cego faz dos gritos do ardina:

p. 27	Wie ein Wald warf er dem Zeitungsjungen alle seine Schreie zurück.	<p><i>primeira versão</i> Tal como uma floresta, fazia ecoar até ao ardina todos os pregões que ele lançava.</p> <p><i>versão final</i> Como uma floresta, devolvia ao ardina todos os gritos que este lançava.</p>
-------	--	---

A comparação é feita através da menção à floresta, imaginando-se o efeito de eco que o conjunto de árvores pode fazer quando um som embate nelas e é por elas projetado. A primeira versão da tradução serviu-se do verbo ‘ecoar’, o que coincidiu com as traduções espanhola e francesa – apenas consultadas depois de concluir a primeira versão da tradução. Todavia, considerou-se que esta opção criaria uma metáfora no texto traduzido onde ela não existe no texto de partida, pois o verbo ‘zurückwerfen’ não tem o traço semântico de ‘eco’. A versão final recorreu, assim, a uma tradução literal, vertendo o verbo ‘zurückwerfen’ com ‘devolver’.

Ao longo romance, encontram-se várias metáforas. Estas metáforas não se revelaram um problema de tradução, uma vez que a tradução literal assegura o efeito pretendido. São exemplo disso os passos seguintes:

p. 102	Ellen stieß die Glastür auf. <u>In der Haltung eines fremden Eroberers</u> betrat sie die Konditorei (...)	Ellen abriu com força a porta de vidro. <u>Com a postura de um conquistador estrangeiro</u> , entrou na pastelaria (...)
p. 109	Georg verstellte die Tür. Er spannte die Arme aus und preßte den Kopf an das Holz, <u>eine lebendige Barrikade gegen das Weinen</u> (...)	Georg barrou a porta. Esticou os braços e pressionou a cabeça contra a madeira, <u>uma barricada viva contra o choro</u> (...)
p. 120	Sie setzten sich im Kreis auf den Fußboden. <u>Zwischendeck</u> . Es schien plötzlich, als wären sie längst unterwegs.	Sentaram-se em círculo no chão. <u>Entrecoberta</u> . Pareceu, de repente, que já estavam há muito tempo em viagem.

V.4.4. Diferença da expressão do aspeto entre o alemão e português

A expressão do aspeto em alemão e em português faz-se através de recursos gramaticais diferentes.

O sistema verbal alemão distingue morfológicamente o *Präteritum* e o *Präsensperfekt*, uma vez que o primeiro tem uma forma sintética e o segundo, uma analítica, composta por um verbo auxiliar e por um participio passado. O emprego de uma ou de outra forma prende-se com questões de ordem pragmática e regional, sendo o

Präteritum uma forma verbal mais frequentemente usada na expressão escrita do que na oral³³. A esta distinção não está associado um valor aspetual diferente³⁴.

O sistema verbal português distingue morfologicamente entre Pretérito Perfeito e Pretérito Imperfeito. A esta distinção está associado um valor aspetual diferente – o de perfeito e de imperfeito, respetivamente. Além disso, constata-se que, nos textos portugueses, sempre que há mais do que uma ação a ser descrita no passado, o Pretérito Imperfeito se usa para descrever uma ação durativa e o Pretérito Perfeito para enunciar uma ação pontual, que ocorre no decurso da primeira. Tal como discutido nas sessões de orientação, o Pretérito Imperfeito exprime uma ação como que “em segundo plano” relativamente à ação “em primeiro plano” expressa no Pretérito Perfeito.

Os sistemas verbais das duas línguas distinguem-se não a nível morfológico – pois ambas têm mais do que uma forma verbal para o passado –, mas sim a nível da expressão do aspeto e do uso diferenciado entre língua escrita e língua oral. Este uso é diferente nas duas línguas porque, em português, tanto a língua escrita como a língua oral empregam as duas formas do passado, ao passo que, em alemão, o *Präteritum* é uma forma usada sobretudo na língua escrita (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 514).

A tradução deste par de línguas no sentido alemão-português lida com este problema de tradução específico do par de línguas, pois o sistema português obriga à expressão do valor aspetual de uma ação, enquanto o sistema alemão não o especifica (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 513). O problema complexifica-se quando se consideram, para além da forma verbal do Pretérito Imperfeito, os verbos de operação aspetual – como ‘*ir + gerúndio*’, ‘*estar a + infinitivo*’, etc. (Mateus, 2006, p. 145) – de que a língua portuguesa dispõe e que contribuem para especificar o aspeto da ação descrita.

V.4.4.1. Par *Präteritum*-Imperfeito/Perífrase verbal

Este par apresenta um problema de tradução de resolução menos complexa quando o texto de partida usa o *Präteritum* para descrever uma ação “em segundo plano”, como *e.g.* a descrição física do espaço onde uma ação acontece.

Na tradução da cena inicial do primeiro capítulo, instrumentalizou-se a diferença entre os valores do Perfeito e do Imperfeito. Os valores aspetuais destes tempos, bem

³³ Devido a alterações do plano fonético, o uso do *Präteritum* na linguagem oral tem vindo a ser progressivamente menor no espaço do *Oberdeutsch* pelo menos desde o séc. XVI e já desapareceu por completo no do *Alemmanisch* (Nübling, 2000, pp. 217-9). No *Gemeindeutsch*, o uso do *Präteritum* na oralidade encontra-se circunscrito a alguns verbos de uso mais frequente.

³⁴ Os diferentes valores aspetuais são expressos, em alemão, através de outros recursos, como, por exemplo, o uso do advérbio *gerade* e de *sein + an + [infinitivo]* (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 411).

como das expressivas perífrases verbais em português, foram largamente comentados nas sessões de acompanhamento. As variações da luz sobre um mapa-mundo afixado numa parede foram interpretadas como um pano de fundo – traduzido por Imperfeito –, no decurso do qual surge uma nova ação – apresentada com o Perfeito. Num caso semelhante, o português serve-se do Imperfeito, como tempo preferencialmente usado para a descrição de eventos num passado narrativo. Para acentuar o aspeto durativo da ação descrita e também a sua lentidão, a tradução serviu-se da perífrase ‘*ir* + gerúndio’ no Imperfeito, tal como se observa no exemplo seguinte:

- p. 9 Rund um das Kap der Guten Hoffnung wurde Em torno do Cabo da Boa Esperança, o mar
das Meer dunkel. ia ficando escuro.

O uso das perífrases verbais, no entanto, deve ser alternado com formas simples, uma vez que uma das normas da prosa portuguesa é a variação de recursos. O passo seguinte mostra esta variação quando o texto de partida usa duas formas de *Präteritum* seguidas:

- p. 9 Die Dunkelheit landete und bewegte sich A escuridão ia aterrando e movia-se
langsam gegen Norden. lentamente para Norte.

Tal como referido acima, o Imperfeito pode descrever uma ação “em segundo plano”, por contraste com uma “em primeiro plano”. Este uso diferenciado é verificável no passo seguinte:

- p. 104 »Wenn sie mehr kostet«, begann Ellen zum – Se custar mais – recomeçou Ellen pela
drittenmal. Ihre Lippen zitterten. terceira vez. Os lábios tremiam-lhe.

A ação “em primeiro plano” é a fala de Ellen, no momento em que tenta convencer a empregada da pastelaria a vender-lhe o bolo, mesmo que ele custe mais; a ação “em segundo plano” é o tremer dos lábios. O Imperfeito denota, aqui, que o tremer dos lábios é uma ação que decorre em pano de fundo, mas que está aqui apresentada para dar a conhecer a reação psicológica da personagem, sem contribuir diretamente para o desenrolar da ação.

A língua alemã, uma vez que não tem, para o passado, uma forma verbal que indique *per se* o aspeto dos verbos, fá-lo empregando lexemas de outras classes, *e.g.* advérbios (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 497), tal como se lê no exemplo seguinte:

- p. 21 Schritte klapperten über den Hof. Noch immer rauschte der Brunnen. Ouviu-se o bater de passos no pátio. A fonte ainda rumorejava.

V.4.4.2. Par *Präteritum*-Perfeito

Quando, no alemão, o *Präteritum* refere uma ação em primeiro plano depois de descrever uma em segundo plano ou um cenário, torna-se necessário, no português, ativar a diferença entre Perfeito e Imperfeito.

Esta situação verifica-se quando é descrito o cenário inicial, com o jogo de luzes sobre o mapa e, depois, se apresenta a primeira ação de Ellen. A tradução emprega na descrição do cenário o Pretérito Imperfeito e, na ação de Ellen, o Perfeito. O uso de cada um destes tempos foi sopesado, tendo em atenção a focalização do passo. O exemplo que se segue toma a frase que antecede a ação de Ellen e a frase da dita ação, para que se observe a diferença dos tempos verbais da tradução:

- p. 9 Wie eine große Karawane zog sie die Wüste hinauf, breit und unaufhaltsam. Ellen schob die Matrosenmütze aus dem Gesicht und zog die Stirne hoch. Como uma grande caravana, avançava deserto acima, larga e imparável. Ellen puxou a boina de marinheiro para trás e ergueu a cabeça.

Esta alteração também se verifica no sentido contrário, *i.e.* quando o texto passa da apresentação de uma ação pontual para a descrição de um cenário:

- p. 12 Der Konsul sprang auf. Er fand den Schalter nicht gleich. Als er das Licht andrehte, schlief Ellen noch immer. Ihr Mund stand offen. Sie lag auf dem Rücken und hatte die Fäuste geballt. Ihr Haar war geschnitten wie die Mähne eines Ponys (...). Levantou-se de repente. Não encontrou logo o interruptor. Quando acendeu a luz, Ellen ainda estava a dormir. De boca aberta. Estava deitada de costas e tinha os punhos cerrados. Tinha o cabelo cortado como a crina de um pônei (...)

V.4.4.3. Par *Präsensperfekt*-Perfeito

Tal como referido acima, o *Präsensperfekt* é usado sobretudo na oralidade. Este uso encontra-se também em *Die größere Hoffnung*. A distinção entre um tempo verbal mais usado na linguagem escrita e de outro mais usado na oralidade não se aplica na distinção entre o Pretérito Perfeito e o Imperfeito. Assim, a oralidade é representada através de outros recursos também existentes no texto de partida, como as partículas modais, as frases não concluídas e as expressões enfáticas:

- p. 15 »Dann –«, sagte Ellen, »dann –«; ihre – Então... – disse Ellen, – então... – os lábios Lippen zitterten. tremiam-lhe.

- | | |
|--|---|
| »Was ist dann? | – Então o quê? |
| »Dann haben Sie <u>doch</u> die Landkarte versteckt.« | – Então o senhor <u>sempre</u> escondeu o mapa-mundo. |
| » <u>Was soll der Unsinn?</u> « sagte der Konsul zornig. | – <u>Que disparate é esse?</u> – disse o cônsul, irritado. |
| » <u>Sie können es gutmachen.</u> « Ellen wühlte in ihrer Schultasche. »Ich habe meinen Zeichenblock mitgebracht und eine Feder. | – <u>O senhor pode remediar o que fez.</u> – Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila. |
| | – Trouxe o meu caderno de desenho e uma caneta. |

V.4.5. Partículas modais [*Abtönungspartikeln*]

As partículas modais são lexemas de diferentes classes gramaticais cuja presença num enunciado tem o propósito de expressar opiniões, suposições, avaliações e expectativas do emissor em relação à mensagem (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 595). O seu contributo semântico é complexo e de difícil reprodução em português. Exemplos destas partículas são ‘*doch*’, ‘*schon*’ e ‘*ja*’.

A tradução destas partículas revela-se um problema, porque é necessário reconhecer o seu propósito em cada ato de fala, o contexto situacional e as caracterizações psicológicas das personagens nele envolvidas; além disso, estas partículas têm uma brevidade³⁵ e uma densidade e sutileza semânticas que são dificilmente transponíveis através de lexemas portugueses com as mesmas características. O português e o alemão têm, neste ponto, uma “incorespondência” que dificulta a tradução neste par de línguas (Delille, 1986). Quando isto acontece, a tradução portuguesa pode resultar tão forçada que se torna preferível optar por não traduzir as partículas.

V.4.5.1. ‘*doch*’

- | | | |
|-------|---|---|
| p. 15 | »Dann haben Sie <u>doch</u> die Landkarte versteckt.« | – Então o senhor <u>sempre</u> escondeu o mapa-mundo. |
|-------|---|---|

Neste passo, a partícula ‘*doch*’ está a ser usada para fazer uma constatação que põe em causa a veracidade de afirmações anteriores. Pressupõe uma sequência de pensamentos complexa: (a) Ellen julga que o cônsul escondeu o mapa-mundo; (b) o cônsul convence-a de que não o fez, justificando-se; (c) Ellen acredita nas palavras do cônsul; (d) um outro facto faz com que Ellen ponha em causa a justificação do cônsul dada em (b); (e) Ellen torna à ideia inicial expressa em (a). No momento (e), surge a partícula ‘*doch*’. Em português, infere-se a mesma sequência de pensamentos através do uso do lexema ‘sempre’.

³⁵ Os exemplos aqui aduzidos têm apenas uma sílaba cada.

p. 109 »Helft mir, helft mir doch! – Ajudem-me, ajudem-me, por favor!

Este é um caso frequente do uso de ‘doch’ como forma de enfatizar um imperativo (Eisenberg, *et al.*, 2009, p. 592). Procurou, aqui, transmitir-se a ênfase através da locução ‘por favor’. O sentido de premência da partícula fica mais claro quando considerado o contexto em que o passo se insere, precisamente no momento em que Hanna, uma das crianças, quer conhecer a causa do choro do rapaz, no quinto capítulo.

Outros casos do uso de *doch* verificam-se nos passos seguintes:

- p. 17 »Ich bin müde, ich sollte schon schlafen, weil ich doch morgen über das Meer fahre.« – Estou cansada, já devia estar a dormir porque amanhã me vou embora para o outro lado do mar.
- p. 17 »Aber vielleicht hast du doch geträumt? – Mas, se calhar, tu sonhaste?
- p. 113 Was sollten alle Wahrsager, wenn es doch den Stern gab? De que é que serviriam os adivinhos se havia a estrela?
- p. 122 »Und wenn wir uns doch zu früh freuen würden«, sagte Bibi und stand still. »Wenn es doch wahr wäre, was ich gehört habe?« – E se estivermos a alegrar-nos demasiado cedo? – disse Bibi e ficou em silêncio – Se afinal fosse verdade aquilo que eu ouvi?

Os passos acima ilustram a omissão de ‘doch’ no texto de chegada – com exceção da última frase. Optou-se por omitir a partícula por se considerar que a sua tradução resulta muito forçada em português. Na última frase – Wenn es doch wahr wäre, was ich gehört habe? / Se afinal fosse verdade aquilo que eu ouvi? –, optou-se por traduzir ‘doch’ por ‘afinal’ por se considerar necessário reproduzir a expressão modal dada pela partícula.

V.4.5.2. ‘schon’

- p. 16 (...) das stimmt, man kann nicht für mich bürgen, aber für wen kann man schon bürgen, sagt meine Großmutter, wenn er lebendig ist? (...) é verdade, ninguém pode ser meu fiador, mas afinal, diz a minha avó, quem é que pode ser fiador de quem ainda está vivo?

Este passo requer considerar o tema do desígnio inicial de Ellen, o qual se manifesta nas frases recorrentes construídas com o verbo ‘bürgen’. O sentido de ‘schon’ lido neste passou aproxima-se do de ‘afinal’ em português e transmite um sentido de conclusão óbvia.

V.4.5.3. 'ja'

- p. 29 »Sie!« Ellen zitterte vor Zorn. »Sie machen sich ja lustig!« – Tem cada uma! – Ellen tremia de ira – Está a brincar comigo!

A partícula modal 'ja' significa, aqui, que o emissor pretende expressar surpresa perante uma manifestação anterior do interlocutor (Eisenberg, et al., 2009, p. 591), tendo-se optado pela tradução zero.

- p. 113 »Wehe, wenn du den Stern nimmst, sei froh, wenn es dich nicht trifft! Niemand weiß, was der Stern bedeutet. Und niemand weiß, wohin er führt.« – Ai de ti se pegares na estrela, sorte tens tu por isso não se aplicar a ti! Ninguém sabe o que a estrela significa. E ninguém sabe para onde ela leva.
Nein, das konnte man ja nicht wissen, das durfte man auch nicht wissen, man mußte ihm nur nachgehen, und diese Verordnung traf alle. Não, de facto, isso não se podia saber, isso também ninguém estava autorizado a saber, só era preciso segui-la, e esta lei aplicava-se a todos.

O passo acima apresenta outro sentido da partícula 'ja'. A partícula exprime uma suposição de conhecimento partilhado entre o emissor e o recetor. Esta suposição é dada através de focalização interna, como se fosse um monólogo interno em que a personagem pretende confirmar algo para si própria. A partícula foi aqui traduzida por 'de facto'.

- p. 113 Sie wollte gar nicht zu ihnen gehören, denen stand ja die Angst im Gesicht. Die mußten ja Unglück haben. Ela não queria de maneira nenhuma fazer parte deles, tinham o medo estampado no rosto. Deviam ter má sorte.

Também aqui estamos num caso de focalização interna, desta feita da personagem de Julia – uma das crianças, já mais velha, que pertenceu ao grupo, mas que o abandonou, ficando entre ela e o grupo uma relação tensa. A presença da partícula 'ja' também aqui indica uma suposição de conhecimento partilhado entre o emissor e o recetor – parece ser óbvio para Julia que as crianças têm má sorte. Neste passo, optou-se pela tradução zero, por se considerar que forçar uma tradução da partícula 'ja' resultaria numa ênfase exagerada e desadequada.

V.4.6. Omissão do artigo [Nullartikel]

O romance tem algumas frases que se iniciam com substantivos desprovidos de artigo. A língua alemã, à semelhança da portuguesa, admite a omissão de artigo, ora antes de substantivos não-contáveis, ora quando se menciona o plural de um substantivo na sua forma indefinida – situação em que o português admite a omissão do artigo ou o uso do determinando artigo indefinido 'um', e.g. Ich habe Bücher, die ich noch nicht gelesen habe / Tenho (uns) livros que ainda não li.

Os passos do romance em que se observa esta situação são de carácter descritivo e têm em comum uma ideia de indefinição. Esta indefinição está relacionada com as descrições surrealistas da realidade que marcam o estilo do romance, tal como observado anteriormente (*vide II.4 Estilo*).

Um dos parágrafos iniciais do quinto capítulo permite ilustrar duas estratégias de tradução da omissão do artigo:

p. 27	<u>ø</u> Autos rasten vorbei und hatten blaue Gläser vor den Scheinwerfern.	Por eles passavam <u>ø</u> carros a alta velocidade e tinham vidros azuis nos faróis.
pá. 106	<u>ø</u> Schleier sanken aus dem stillen Hof durch die matten Scheiben und versuchten, den Stern zu verhüllen.	<u>ø</u> Véus caíam do pátio silencioso através das janelas baças e tentavam cobrir a estrela.

No primeiro passo, as hipóteses de tradução passariam por acrescentar um artigo indefinido ‘um’ (“Uns carros passavam por eles...”) ou por não usar artigo (“ ? Carros passavam por eles”). Qualquer uma destas hipóteses causa a estranheza, razão pela qual se optou pela segunda hipótese, introduzindo, porém, uma inversão dos elementos da frase. Esta inversão colocou o complemento oblíquo ‘por eles’ em primeiro lugar, seguido do verbo e só depois o sujeito sem artigo, parecendo esta solução mais admissível.

No segundo passo, considerou-se mais aceitável omitir o artigo, pelo facto de a imagem construída ter uma dimensão poética que admite uma maior transgressão das normas linguísticas.

V.5. Relacionados com o código fónico-rítmico

No texto de partida, observou-se que o código fónico-rítmico recebeu algum destaque através do uso de aliterações, do ritmo das frases e de repetições³⁶. Na primeira versão produzida, constatou-se que a tradução literal resultaria, nalguns passos, em frases cacofónicas ou em rimas que, de acordo com as normas estilísticas da língua portuguesa, são de evitar. Por esta razão, os problemas daqui resultantes são da categoria de problemas específicos do par de culturas.

V.5.1. Aliterações

As aliterações resultam do sistema fonético da língua de partida e as coincidências com o sistema da língua de chegada são raras, no caso do par de língua alemão-português.

³⁶ Desconsidere-se aqui o métrico, por concisão e por se tratar de uma obra em prosa.

A primeira versão da tradução procurou dar conta das aliterações do texto de partida; contudo, verificou-se que este procedimento tendia a afastar o sentido do texto de chegada daquele que se lê no de partida. A segunda versão deu, assim, mais destaque ao sentido e menos às aliterações. No entanto, ficou da primeira versão uma frase que procura reproduzir pelo menos algumas das aliterações do texto de partida:

- | | | |
|-------|--|---|
| p. 20 | Und ob die <u>weite</u> <u>Welt</u> <u>wirklich</u> <u>weit</u> ist, das
liegt an jedem Menschen. | E se o <u>vasto</u> mundo é <u>verdadeiramente</u> <u>vasto</u>
ou não, isso está nas mãos de cada um. |
|-------|--|---|

O advérbio ‘wirklich’, que admite várias traduções em português, foi aqui intencionalmente traduzido com o advérbio ‘verdadeiramente’ para procurar manter a aliteração em /v/, possibilitada pela coincidência entre ‘weit’ /vaɪt/ e ‘vasto’ /'vaf.tu/.

V.5.2. Rima

As normas da prosa portuguesa não aceitam muito bem o uso da rima. Os passos seguintes ilustram situações em que a tradução literal resultou numa rima indesejada:

- | | | |
|-------|--|--|
| p. 29 | Schwer und verlassen hob sich seine Gestalt
vom kühlen Himmel ab. | <p><i>primeira versão</i>
<u>Pesada e abandonada</u>, a sua figura destacava-se do céu frio.</p> <p><i>versão final</i>
<u>Pesada, em abandono</u>, a sua figura destacava-se do céu frio.</p> |
|-------|--|--|

A rima entre ‘pesada’ e ‘abandonada’ foi resolvida, substituindo o segundo adjetivo pela locução ‘em abandono’, com sentido semelhante.

V.5.3. Cacofonia

As normas linguísticas portuguesas preveem que se evite a cacofonia. Ela pode resultar, a título de exemplo, da justaposição de consoantes fricativas, tal como se verifica nos exemplos seguintes:

- | | | |
|-------|---|--|
| p. 15 | Ellen <u>wühlte</u> in ihrer Schultasche. | <p><i>primeira versão</i>
Ellen <u>remexeu na mochila</u>.</p> <p><i>versão final</i>
Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila.</p> |
|-------|---|--|

A primeira versão da tradução tem uma aliteração cacofônica em /f/ nas palavras ‘remexeu’ /ʁi.mi.ˈfɛw/ e ‘mochila’ /muˈʃilə/. A versão final altera a cacofonia recorrendo a uma perífrase de sentido idêntico.

p. 105 (...) als sie [die Eltern] ihn [Georg] aus dem hellen Hospiz auf ihren Armen die Gasse hinab in das fallende Dunkel trugen.

primeira versão
(...) o [Georg] foram [os pais] buscar à maternidade clara, com ele nos braços, rua abaixo em direção à escuridão cadente adentro.

versão final
(...) o [Georg] foram [os pais] buscar à maternidade clara, com ele nos braços, rua abaixo em direção à escuridão que caía.

A aliteração cacofônica em /dẽ.t/ da primeira versão (/ka.dẽ.ṭ a.dẽ.tru/) foi alterada, mudando o adjetivo ‘cadente’ para uma oração relativa.

V.6. Outros problemas

V.6.1. Resposta afirmativa

Nas sessões de acompanhamento abordou-se a questão da resposta afirmativa em alemão e em português. Constatou-se que a resposta afirmativa se faz, em alemão, com o lexema ‘ja’ e, em português, a maior parte das vezes, através da repetição do verbo da pergunta. O uso do advérbio de afirmação ‘sim’ acontece sobretudo quando há dificuldades externas de comunicação, revelando-se esta resposta mais perceptível do que a habitual, ou quando o emissor não pretende continuar a conversa. É ainda possível responder com a repetição do verbo seguida do advérbio ‘sim’ como forma enfática de resposta, como se lê no exemplo seguinte:

p. 14 »Da kennen Sie die großen Leute schlecht!« – Aí conhece mal as pessoas crescidas! –
erwiderte Ellen nachsichtig. »Sind Sie der – retorquiu Ellen com indulgência. – O senhor
Konsul?« é o cônsul?
»Der bin ich.« – Sou, sim.

Uma simples resposta com ‘sim’ resultaria demasiado brusca, o que não estaria de acordo com situação descrita nem com o estatuto da personagem do cônsul.

V.6.2. Lexemas compostos [*Komposita*]

A língua alemã dispõe de uma formação lexical que admite a formação de lexemas compostos, chamados *Komposita* ou *Zusammensetzungen*. Ainda que a língua portuguesa tenha formações semelhantes, a tradução dos *Komposita* alemães para português nem

sempre acontece através de uma palavra composta (Hörster & Athayde, 2006). Daqui resulta um problema de tradução específico do par de línguas.

Uma das estratégias possíveis, eventualmente a mais frequente, é a de unir lexemas através da preposição ‘de’. O passo seguinte apresenta duas traduções possíveis para o lexema composto ‘Zeichenblock’:

p. 15	»Sie können es gutmachen.« Ellen wühlte in ihrer Schultasche. »Ich habe meinen <u>Zeichenblock</u> mitgebracht und eine Feder.	<i>primeira versão</i>
		– O senhor pode remediar o que fez. – Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila. – Trouxe o meu <u>caderno dos desenhos</u> e uma caneta.
		<i>versão final</i>
		– O senhor pode remediar o que fez. – Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila. – Trouxe o meu <u>caderno de desenho</u> e uma caneta.

Tal como observado nas sessões de acompanhamento deste projeto, a tradução com determinante artigo definido – ‘caderno dos desenhos’ – parece dar a entender que se trata de um caderno que é por acaso usado para desenhar, ou um caderno onde estão alguns desenhos sem importância. Já a tradução sem determinante artigo definido – ‘caderno de desenho’ – permite a associação a um caderno usado exclusivamente para desenhar e que tem, para Ellen, alguma importância – ao ponto de a menina ter lá guardado o seu visto fantasioso. Conclui-se que a tradução com ou sem determinante artigo evoca *scenes* diferentes.

V.6.3. Formas de tratamento

As formas de tratamento constituem um problema de tradução específico do par de culturas e, concomitantemente, específico do par de línguas. O modo como os interlocutores se dirigem mutuamente apresenta variações acentuadas entre as diferentes culturas, mas tanto a portuguesa como a alemã fazem uma distinção clara entre uma forma de tratamento próxima e coloquial e outra distanciada e formal: à forma coloquial ‘du’ do alemão corresponde ‘tu’ do português; já para a forma formal ‘Sie’ do alemão, existe uma grande variedade de hipóteses em português, as quais se empregam consoante a situação, o estatuto, a idade, o grau de intimidade, a variante diatópica da língua, entre muitos outros fatores. A tradução de uma forma de tratamento exige, portanto, que se atenda a todos estes fatores, para além da consideração da natureza literária do texto a traduzir.

Observa-se que a omissão de pronomes, em português, é um recurso frequentemente usado tanto na forma formal como na informal. Assim, algumas ocorrências de ‘Sie’ não foram traduzidas, tal como se lê no passo seguinte:

p. 14 »Wo haben Sie die Landkarte hingetan?« – Onde é que pôs o mapa-mundo?

Esta opção é possível porque se torna claro, no co-texto, quem são os intervenientes e porque a forma verbal de terceira pessoa faz pressupor a presença omissa de ‘o senhor’, que seria a forma correta de uma criança se dirigir a um adulto. Todavia, é necessário, por vezes, indicar ‘o senhor’ para que daí resulte uma ênfase semelhante à que se lê no texto de partida:

p. 15 »Dann haben Sie doch die Landkarte – Então o senhor sempre escondeu o mapa-
versteckt.« mundo.
»Was soll der Unsinn?« sagte der Konsul – Que disparate é esse? – disse o cônsul,
zornig. irritado.
»Sie können es gutmachen.« – O senhor pode remediar o que fez.

Neste passo, Ellen confronta o cônsul com o desaparecimento do mapa-mundo e acusa-o de o ter escondido. Na frase anterior, ‘Sie’ não foi traduzido, mas foi-o nestas, para evidenciar a determinação de Ellen perante o cônsul.

Há outros passos em que o pronome pessoal de terceira pessoa representa uma forma de chamada de atenção:

p. 24 »Sie!« sagte Ellen und ließ die Beine – Ouçá! – disse Ellen e ficou de pernas
drohend über den Rand des Bettes hängen. penduradas na beira da cama como uma
ameaça.
p. 29 »Sie!« Ellen zitterte vor Zorn. »Sie machen – Tem cada uma! – Ellen tremia de ira – Está
sich ja lustig!« a brincar comigo!
p. 30 »Sie!« sagte Ellen und zerrte an seinem – Ouçá! – disse Ellen enquanto lhe puxava
Mantel. pelo casaco.

Nestes passos, o pronome ‘Sie’ está a ser usado por Ellen como forma de interpelar, de forma agressiva, ora a mulher da hortalixa (no sonho), ora o cego. Está presente a ideia da agressividade e não tanto a de usar uma forma de tratamento padronizada. Por esta razão, optou-se por uma tradução, que seguisse a ideia referida. O segundo passo serve-se de uma expressão fixa que denota espanto e admiração, ao mesmo tempo que o resto da frase transmite a mesma ideia de agressividade já verificada nos outros passos.

A tradução das formas de tratamento, sobretudo no caso do tratamento formal, constitui um problema de tradução que pode ser ultrapassado (i) com consideração da

situação comunicativa no texto de partida, (ii) com o conhecimento das personagens nela envolvidas e das suas intenções comunicativas e (iii) com a adequação destes fatores aos recursos linguísticos do português e às convenções culturais.

V.6.4. Diferença de géneros das palavras

O quinto capítulo apresenta um exemplo interessante de tradução justificado pela não coincidência de género entre substantivos alemães e as suas respetivas traduções para português. Esta diferença é particularmente relevante porque lhe estão associados símbolos expressos ora no feminino, ora no masculino. O primeiro e o segundo episódios deste capítulo apresentam, respetivamente, a compra do bolo de aniversário por parte de Ellen e a festa de Georg. Estes episódios têm em comum os infortúnios das duas personagens, porque nem Ellen consegue comprar o bolo, nem Georg consegue oferecer aos amigos nada senão um bolo de qualidade muito inferior àquela do bolo que Ellen quis comprar. O bolo da menina recebe uma descrição muito positiva: ele é “branco e brilhante” (p. 102), é “a própria paz” (*ibid.*), e “naquele dia, estava mais bonito do que nunca” (*ibid.*); já o bolo do rapaz é “negro” (p. 105), está “desajeitado” (*ibid.*) e “(...) não era de chocolate. Era só negro (*ibid.*)”.

O bolo de cada um torna-se evidentemente um objeto-símbolo [*Dingsymbol*] não só para a situação, mas também para cada uma das personagens a que está associado: Ellen, motivada desde o início do romance pelo sonho, traz consigo o bolo da paz; já Georg, na tristeza de viver num sítio temporário e numa situação de indigência própria do tempo de guerra, só consegue ter um bolo que representa a tristeza. Georg manifesta a associação ao referir-se ao bolo branco de Ellen como sendo uma “Braut”³⁷. Fica assim clara a ligação não só entre os bolos e as personagens, mas também entre os estados psicológicos de cada uma: Georg espera que Ellen lhe traga a esperança simbolizada no bolo.

Esta associação não acontece exclusivamente ao nível da narrativa, mas também ao nível da escolha lexical. Nas culturas de expressão alemã – e, por isso, também na língua – distingue-se entre um bolo de confeção mais detalhada e complexa e um bolo mais simples; ao primeiro dá-se o nome de ‘Torte’ (género feminino) e, ao segundo, o de ‘Kuchen’ (género masculino). As definições de cada um dos lexemas atestam esta diferença: o DWDS define ‘Torte’ como: “runder, aus mehreren Schichten bestehender,

³⁷ “»Warte nur«, sagte Georg, »bald kommt deine Braut.“ (p. 106).

aus den verschiedensten Teigen in einer blechernen Form gebackener, feiner Kuchen mit Füllungen aller Art, oft mit einer Glasur und mit eingemachten Früchten garniert” (Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaft, s.d.) e ‘Kuchen’ como: “größeres Gebäck, das aus Mehl, Fett, Eiern, Zucker und verschiedenen anderen Zutaten in mannigfaltiger Weise bereitet wird” (*ibid.*). Das definições torna-se claro que ‘Torte’ é um tipo de ‘Kuchen’ mais complexo, ao passo que ‘Kuchen’ é um ‘Gebäck’ – substantivo coletivo para designar o que se produz através da ação do verbo ‘backen’. Nesta diferença de lexemas, observa-se também o género feminino de ‘Torte’ e o masculino de ‘Kuchen’, o que, tal como mencionado, contribui para a associação da ‘Torte’ a Ellen e do ‘Kuchen’ a Georg.

Daqui resultam problemas de tradução a vários níveis. Sintetizando, a situação descrita em alemão é a de fazer associar um bolo de aniversário “feminino” e complexo a Ellen, e um bolo de aniversário “masculino” e simples a Georg. Há, pelo menos, dois níveis de problemas na tradução que estão intrinsecamente relacionados: o primeiro está relacionado com a lexificação de ‘bolo de aniversário’ que não admite variações; o segundo resulta da diferença de género dos lexemas alemães, que permite a associação inequívoca às personagens. Esta fica praticamente impossível em português, pela inaceitabilidade de variações de ‘bolo de aniversário’, mesmo substituindo ‘bolo’ por um lexema feminino, tal como ‘torta de aniversário’.

Perante este problema, consultaram-se as traduções espanhola e francesa, com especial enfoque na tradução das frases “Erst die Torte im halbhellen Schaufenster der Konditorei brachte sie zum Stehen.” (p. 102) e “Unbeholfen stand der große schwarze Kuchen inmitten der Tassen” (p. 105). A tradução espanhola refere-se à ‘Torte’ de Ellen como ‘la tarta’³⁸ e ao ‘Kuchen’ de Georg como ‘el pastel’³⁹, marcando, assim, a diferença entre os tipos de bolo e a associação a cada uma das personagens através do género de cada lexema. A tradução francesa revela alguma inconsistência, uma vez que se refere a ‘Torte’ e a ‘Kuchen’ como ‘gâteau’⁴⁰. Só mais tarde, quando se torna claro que ‘die Torte’ representa Ellen, a tradução francesa muda a designação para ‘charlotte’⁴¹. A opção dos

³⁸ “Solo la detuvo la tarta expuesta en el escaparate medio iluminado de la pastelería” (*La esperanza más grande*, 2004, p. 101).

³⁹ “El pastel grande y negro se alzaba torpemente entre las tazas” (*La esperanza más grande*, 2004, p. 104)

⁴⁰ “Enfin, le gâteau dans la vitrine à peine éclairée de la pâtisserie l’arrêta dans sa course” (Un plus grand espoir, 2007, p. 101) e “Le grand gâteau noir se tenait au milieu des tasses” (*ibid.*, p. 104).

⁴¹ A mudança de ‘gâteau’ para ‘charlotte’ acontece neste passo do texto: “»Warte nur«, sagte Georg, »bald kommt deine Braut. Deine Braut ist eine Torte, weiß mit rosa. (...)«”. Lê-se na tradução francesa, “« Attends un peu, lui dit Georg, ta promise va arriver. Ta promise, c’est une charlotte blanche et rose. (...)»” (*Un plus grand espoir*, 2007, p. 105)

tradutores franceses, ainda que não tenha sido tomada de forma consistente ao longo do capítulo, passou por usar um tipo de bolo com nome feminino para ‘die Torte’.

Após longa consideração de várias opções, a estratégia aplicada à tradução portuguesa recorreu, numa segunda fase, a ‘charlota’ para ‘die Torte’. Contudo, esta opção provocou uma estranheza no texto de chegada que não existe no de partida, devido ao uso raro do termo ‘charlota’ em português. A decisão final foi pelo lexema ‘tarte’ por se considerar preferível admitir a existência de uma tarte que sirva de bolo de aniversário e pelo facto de este lexema não apresentar o grau de estranheza que se verificou com ‘charlota’. Acrescentou-se-lhe, no entanto, o adjetivo ‘bela’ como forma de compensação e para acentuar a valorização positiva da ‘bela tarte’.

VI. DIFICULDADES DE TRADUÇÃO

Considerou-se importante anotar os erros de leitura, para que, num próximo exercício de tradução, a atenção esteja já direcionada para as situações que se afigurem passíveis de uma leitura errada.

Aquando da correção da primeira versão, identificaram-se erros de leitura em lexemas parónimos: ‘Paar’ (‘um par’) em vez de ‘paar’ (‘alguns’) e ‘waschen’ (‘lavar’) em vez de ‘wachsen’ (‘crescer’).

De outra natureza foi um erro de leitura relacionado com o entendimento da personagem de Ellen. Durante a revisão da primeira versão da tradução, as orientadoras deste projeto observaram uma tendência para a repetição de lexemas e de expressões enfáticas com reflexo na caracterização da personagem. Isto verificou-se sobretudo em situações de comunicação oral. As repetições aconteceram, principalmente, com ‘já’, ‘mesmo’ e ‘é que’, nos atos de fala de Ellen. Na primeira versão, o tom da menina era demasiado enfático, quase agressivo, quando comparado com aquele que se lê no texto de partida. Esta desadequação resultava da introdução desses lexemas e, por vezes, da repetição dos lexemas supramencionados.

Nos passos seguintes, lê-se ‘já’ com um uso enfático excessivo face ao que se encontra no texto de partida:

p. 18	(...) »Dann will ich ein Delphin sein. Dann schwimm ich neben dem Dampfer her und dann spring ich um die Freiheitsstatue, ob Sie wollen oder nicht!«	<i>primeira versão</i> (...) Quero ser um golfinho. Assim <u>já</u> posso nadar atrás do navio e saltar à volta da Estátua da Liberdade, quer o senhor queira, quer não queira!
		<i>versão final</i> (...) – Então quero ser um golfinho. E depois vou a nadar ao lado do vapor e depois salto à volta da Estátua da Liberdade, quer o senhor queira, quer não queira!
p. 19	(...) »Und jetzt habe ich eine Idee!«	<i>primeira versão</i> (...) – E <u>já</u> tenho uma ideia!
		<i>versão final</i> (...) – E agora tenho uma ideia!

Uma situação semelhante encontra-se com o uso de ‘mesmo’, tanto nas falas de Ellen e do cônsul, como nas participações do narrador:

p. 32	»Das heißt, ich würde nicht in Tränen ertrinken.	<p><i>primeira versão</i> Quer dizer, eu não vou <u>mesmo</u> afogar-me em lágrimas.</p> <p><i>versão final</i> Quer dizer, eu não iria afogar-me em lágrimas.</p>
p. 20	Du wirst auf keinen Fall mehr Äpfel stehlen.	<p><i>primeira versão</i> Não vais <u>mesmo</u> roubar mais nenhuma maçã.</p> <p><i>versão final</i> Não vais de forma alguma voltar a roubar maçãs.</p>
p. 23	Wirklich wie auf einer Zeichnung!	<p><i>primeira versão</i> Era <u>mesmo</u> como num desenho!</p> <p><i>versão final</i> Realmente como num desenho!</p>
p. 27	Sein Stand befand sich auf der steinernen Insel inmitten der großen Kreuzung.	<p><i>primeira versão</i> O quiosque dele ficava na ilha de pedra, <u>mesmo</u> no centro do grande cruzamento.</p> <p><i>versão final</i> A sua banca ficava na ilha de pedra, no meio do grande cruzamento.</p>

Outra dificuldade encontrada relaciona-se com a tendência para um maior grau de explicitação no texto traduzido decorrente da necessidade sentida para veicular aos futuros leitores mais informações do que as presentes no texto de partida. As primeiras versões da tradução sofriam deste defeito, por se sentir necessidade de apresentar aos leitores mais informações do que aquelas presentes no texto. Esta propensão foi sendo gradualmente superada.

VII. TRADUÇÕES

VII.1. Tradução do capítulo 1 *Die große Hoffnung*

A grande esperança

Em torno do Cabo da Boa Esperança, o mar ia ficando escuro. As linhas de rota dos navios acendiam-se mais uma vez e apagavam-se. As linhas de rota dos aviões baixavam como uma temeridade. Assustados, os grupos de ilhas juntavam-se. O mar inundava todas as longitudes e latitudes. Ria-se do saber do mundo, aconchegava-se como seda pesada à terra clara e deixou a ponta sul de África apenas como uma vaga ideia no crepúsculo. Retirou às linhas costeiras o sentido e atenuou-lhes os contornos acidentados.

A escuridão ia aterrando e movia-se lentamente para Norte. Como uma grande caravana, avançava deserto acima, larga e imparável. Ellen puxou a boina de marinheiro para trás e ergueu a cabeça. De repente pôs a mão em cima do Mediterrâneo, uma mão pequenina e quente. Mas já não serviu de nada. A escuridão tinha entrado nos portos da Europa.

Sombras pesadas afundavam-se através dos caixilhos brancos das janelas. No pátio rumorejava uma fonte. Algures refluíu um riso. Uma mosca rastejava de Dover para Calais.

Ellen estava enregelada. Arrancou o mapa-mundo da parede e estendeu-o no chão. E dobrou o bilhete num barquinho branco com uma vela grande no meio.

O barco largou de Hamburgo rumo ao mar alto. O navio levava crianças. Crianças com as quais alguma coisa não estava certa. O barco estava a abarrotar. Navegou ao longo da costa oeste e ia sempre a acolhendo mais crianças. Crianças com casacos compridos e com sacolas minúsculas, crianças que tinham de fugir. Nenhuma delas tinha autorização para ficar e nenhuma delas tinha autorização para partir.

Crianças com avós errados, crianças sem passaporte e sem visto, crianças de quem já ninguém podia ser fiador. Por isso navegavam de noite. Ninguém sabia. Evitavam os faróis e davam grandes curvas para contornar de largo os transatlânticos. Quando encontravam barcos de pescadores, pediam pão. Compaixão não pediam a ninguém.

No meio do oceano, debruçaram-se sobre a amurada e começaram a cantar. “Zum, zum, zum, abelhinha, voa ...”, “It’s a long way to Tipperary...”, “Coelhinho, foge, foge desta tua toca escura” e ainda muitas outras coisas. A lua deitou sobre o mar uma fita prateada de árvore de Natal. Sabia que elas não tinham timoneiro. O vento soprava-lhes nas velas, a ajudar. Sofria com elas, também ele era um daqueles de quem ninguém podia

ser fiador. Um tubarão nadava ao lado delas. Tinha solicitado o direito de protegê-las das pessoas. Quando ficava com fome, as crianças davam-lhe do seu pão. E ele ficava bastantes vezes com fome. Dele também ninguém podia ser fiador.

Ele contou às crianças que andavam à caça dele e as crianças contaram-lhe que andavam à caça delas, que navegavam às escondidas e que era mesmo emocionante. Não tinham nem passaporte nem visto. Mas queriam a todo o custo chegar ao outro lado.

O tubarão consolou-as como só um tubarão consegue consolar. E ficou ao lado delas.

Um submarino emergiu à sua frente delas. Ficaram muito assustadas, mas, quando os marinheiros viram que muitas das crianças tinham boinas de marinheiro, atiravam-lhes laranjas e não lhes fizeram nada.

Quando o tubarão ia para contar uma piada às crianças para as distrair dos pensamentos tristes, rebentou uma tempestade medonha. O pobre tubarão foi atirado para muito longe por uma onda gigante. Apavorada, a lua puxou de repente a fita da árvore de Natal. Água negra como carvão salpicou o barquinho todo. As crianças gritaram alto por socorro. Ninguém fora fiador delas. Nenhuma tinha boia de salvação.

Grande e luminosa e inatingível surgiu, do susto, a Estátua da Liberdade. Pela primeira e pela última vez.

Ellen gritou no meio do sono. Estava atravessada sobre o mapa-mundo e rebojava, inquieta, de um lado para o outro entre a Europa e a América. Com os braços esticados chegava à Sibéria e ao Havai. No punho fechado segurava o barquinho de papel e segurava-o com força.

Os bancos brancos com as almofadas vermelhas de veludo corriam espantados em círculo. As portas altas, brilhantes tremiam levemente. Os cartazes coloridos ficaram escuros ante esta dor.

Ellen pôs-se a chorar. As lágrimas humedeceram o Oceano Pacífico. A boina de marinheiro tinha-lhe caído da cabeça e tapava uma parte do Oceano Antártico. Era bem duro estar deitada neste mundo. Se não fosse o barquinho de papel!

O cônsul levantou os olhos do trabalho.

Pôs-se de pé, deu uma volta à secretária e tornou a sentar-se. O relógio tinha parado e ele não fazia ideia de que horas eram. Devia ser perto da meia-noite. Já não era hoje e ainda não era amanhã, isso era certo.

Enfiou o casaco e apagou a luz. Quando ia para pôr o chapéu, ouviu qualquer coisa. Ficou com o chapéu na mão. Era o grito de um gato, desesperado e insistente. Aquilo irritou-o.

Vinha possivelmente da sala onde, durante o dia, as pessoas ficavam à espera de ser rejeitadas. Aquelas muitas, muitas pessoas de rosto pálido e expectante, que queriam todas elas emigrar porque tinham medo e porque ainda pensavam que o mundo era redondo. Impossível explicar-lhes que a regra era uma exceção e que a exceção não era regra. Impossível tornar-lhes clara a diferença entre o Pai do Céu e um funcionário do consulado. Não se lhes esgotava a esperança de ponderar o imponderável na palma da mão e de calcular o incalculável. Pura e simplesmente, não se lhes esgotava a esperança.

O cônsul debruçou-se à janela uma vez mais e olhou para baixo. Não havia ninguém. Fechou a porta ao sair e meteu a chave no bolso. A passos largos atravessou as salas de espera. Mais de espera do que salas, bem vistas as coisas. Mais esperança do que se podia satisfazer. Demasiada esperança. Mesmo demasiada?

E, contudo, o silêncio doía. Negra no negro, a noite. Quente e densamente entretecida como um vestido de luto. Tenham esperança, gente, tenham esperança! Entreteçam-lhe fios de tons claros lá pelo meio! Um padrão novo tem de surgir do outro lado.

O cônsul começou a andar mais depressa. Olhou em frente e bocejou. Mas, ainda antes de ter conseguido levar a mão à boca, estatelou-se no chão. Tinha tropeçado num obstáculo.

Levantou-se de repente. Não encontrou logo o interruptor. Quando acendeu a luz, Ellen ainda estava a dormir. De boca aberta. Estava deitada de costas e tinha os punhos cerrados. Tinha o cabelo cortado como a crina de um pônei e, na cinta da boina, estavam umas letrinhas douradas a dizer “Navio-escola Nelson”. Estava deitada entre o Cabo da Boa Esperança e a Estátua da Liberdade e era impossível tirá-la dali. Era tudo o que uma pessoa conseguia perceber com um olho esquerdo inchado. O cônsul ia para dizer alguma coisa desagradável em voz alta, mas tapou a boca com a mão. Apanhou o chapéu do chão e alisou-o. E aproximou-se de Ellen muito devagarinho. Ela tinha uma respiração profunda e acelerada, como se perdesse algo de muito mais importante a cada expiração.

O cônsul deu a volta ao mapa-mundo em bicos dos pés. Debruçou-se, levantou Ellen suavemente daquele mundo duro e deitou-a sobre as almofadas de veludo. Ela suspirou de olhos fechados e enterrou a cabeça no casaco cinzento-claro do cônsul, uma cabeça redonda, muito dura. Quando o cônsul sentiu os pés dormentes, pegou em Ellen ao colo, abriu outra vez as portas e trouxe-a com cuidado para o seu escritório.

Bateu a uma, a hora em que nenhum relógio do mundo consentia em dizer algo mais. A hora em que ou já é demasiado tarde ou ainda é demasiado cedo, a hora depois das doze. Um cão ladrou. Agosto. No terraço do cimo de um prédio, ainda se dançava. Algures gritou uma ave noturna.

O cônsul esperou pacientemente. Tinha deitado Ellen numa poltrona. Com um charuto nos dedos, pernas esticadas, sentou-se à frente dela. Tinha a sólida intenção de ser paciente. Nunca em toda a sua vida recebera uma visita mais despreocupada do que esta.

A cabeça de Ellen estava apoiada num braço da poltrona. Havia uma confiança sem limites no seu rosto. O candeeiro de pé revelava essa confiança. O cônsul ia acendendo um charuto no outro. Foi buscar um grande pedaço de chocolate ao armário e pô-lo à frente de Ellen, na mesinha de fumo; além disso, preparou um lápis vermelho. O que também encontrou foi um monte de folhetos coloridos. Mas nada disso conseguiu que Ellen acordasse. Virou a cabeça para o outro lado uma única vez – sobressaltado, o cônsul se levantou – mas ela continuou a dormir.

Bateram as duas. A fonte ainda rumorejava. O cônsul estava morto de cansaço. Surpreendido, o retrato do falecido presidente sorria-lhe do alto. O cônsul tentou retribuir este olhar. Mas já não lhe foi possível.

Quando Ellen acordou, sentiu logo a falta do mapa-mundo. Nem pensar que um pedaço de chocolate e um cônsul adormecido a pudessem consolar dessa falta. Franziu a testa, encolheu-se agarrada aos joelhos. Depois galgou o braço da poltrona e sacudiu o cônsul pelos ombros.

– Onde é que pôs o mapa-mundo?

– O mapa-mundo? – disse o cônsul, confuso, ajeitou a gravata e passou a mão pelos olhos.

– Quem és tu?

– Onde está o mapa-mundo? – repetiu Ellen em tom ameaçador.

– Não sei. – disse o cônsul, zangado – Achas que eu o escondi?

– Se calhar – murmurou Ellen.

– Como é que podes pensar isso de mim? – disse o cônsul e espreguiçou-se. – Que pessoa é que ia querer esconder o mundo inteiro?

– Aí conhece mal as pessoas crescidas! – retorquiu Ellen com indulgência. – O senhor é o cônsul?

– Sou, sim.

– Então... – disse Ellen, – então... – os lábios tremiam-lhe.

– Então o quê?

– Então o senhor sempre escondeu o mapa-mundo.

– Que disparate é esse? – disse o cônsul, irritado.

– O senhor pode remediar o que fez. – Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila. – Trouxe o meu caderno de desenho e uma caneta. Para o caso de a sua secretária já estar trancada.

– E que é que eu faço com isso?

– O visto – Ellen sorriu a medo – por favor passe-me o visto! A minha avó disse: está nas suas mãos, o senhor só tem de assinar. E a minha avó é uma mulher que sabe o que diz, pode acreditar em mim!

– Está bem, – disse ele – acredito em ti.

– Graças a Deus! – disse Ellen, sorrindo – Mas então porque é que me negou o visto? A minha mãe não pode ir para o outro lado do mar sozinha. A quem é que ela há de pentear o cabelo e lavar as meias? A quem é que ela há de contar uma história, à noite, se está sozinha? A quem é que ela há de descascar uma maçã, se eu não puder ir com ela? E a quem é que ela havia de dar uma palmada, quando de repente perder a paciência? Não posso deixar a minha mãe ir sozinha, senhor cônsul! E eles mandaram a minha mãe embora.

– Não é assim tão fácil – disse o cônsul para ganhar tempo.

– E tudo isto – disse Ellen – porque ninguém é meu fiador. O fiador da minha mãe não é meu fiador. É uma questão de dinheiro, diz a minha avó, ridículo, diz a minha avó, mais fedelho, menos fedelho, diz a minha avó, a menina aqui é que não fica, vai e mais nada, a culpa é toda do cônsul!

– A tua avó diz isso?

– Diz. Ninguém me pode dar garantia! Qualquer frigorífico tem alguém que lhe dá garantia, só eu não tenho ninguém. A minha avó diz: é verdade, ninguém pode ser meu fiador, mas afinal, diz a minha avó, quem é que pode ser fiador de quem ainda está vivo? O tubarão e o vento, esses também não têm ninguém que seja seu fiador, mas o tubarão e o vento, esses também não precisam de visto!

– Vamos lá falar agora como pessoas sensatas? – disse o cônsul, impaciente.

– Vamos! – respondeu Ellen prontamente. E começou a contar-lhe a história do tubarão, das crianças sem visto e da grande tempestade. Lá pelo meio também lhe cantou

uma canção. Depois continuou a contar a história. Alta e amedrontada, a sua voz erguia-se da grande poltrona. Estava enterrada entre o acento e as costas da poltrona e as solas dos sapatos remendadas fitavam suplicantes a cara do cônsul.

Quando ela terminou, ele ofereceu-lhe chocolate.

– Não é possível que tenhas sonhado com isso tudo? – perguntou ele cautelosamente.

– Sonhado? – gritou Ellen – Nem pensar! Para isso, também tinha sonhado que os meninos do recreio não querem brincar comigo, para isso tinha sonhado que a minha mãe foi mandada embora e que eu tenho de ficar sozinha, para isso tinha sonhado que ninguém é meu fiador, para isso também só tinha sonhado que o senhor escondeu o mapa-mundo e que o meu visto foi rejeitado!

– As crianças estão todas a dormir – disse o cônsul devagar – só tu é que não.

– De noite há menos gente no consulado, – disse Ellen – de noite não é preciso senha, de noite vai tudo muito mais depressa porque não há horas de expediente!

– Bem pensado!

– Pois é! – Ellen riu-se – O sapateiro lá do prédio, o sapateiro checo, sabe, disse assim: Vai ter com o cônsul, o cônsul é homem bom, o cônsul é fiador do vento e dos tubarões, o cônsul também é teu fiador!

– Como é que entraste aqui? – perguntou o cônsul, mais incisivamente.

– Dei uma maçã ao porteiro.

– Mas, se calhar, tu sonhaste? Agora tens de ir para casa.

– Para casa – disse Ellen, obstinada – casa é sempre onde a minha mãe estiver. E a minha mãe amanhã vai atravessar o mar, a minha mãe, depois de amanhã ela já está onde tudo fica azul, onde o vento se deita para dormir e onde os golfinhos saltam à volta da Estátua da Liberdade!

– Os golfinhos não saltam à volta da Estátua da Liberdade –, interrompeu-a o cônsul.

– Não faz mal. – Ellen pousou a cabeça nos braços. – Estou cansada, já devia estar a dormir porque amanhã me vou embora para o outro lado do mar.

A sua confiança era inabalável. Como um vento de deserto, varreu o escritório frio.

– O visto!

– Estás com febre – disse o cônsul.

– Por favor, o visto!

Ela pôs-lhe o caderno dos desenhos debaixo do nariz. Uma folha branca tinha sido acrescentada, nela estava escrito, com letras grandes e desajeitadas “Visto”. À volta

estavam desenhadas umas flores coloridas, flores e pássaros, e em baixo havia uma linha para a assinatura.

– Eu trouxe tudo, só precisa mesmo de assinar. Por favor, querido senhor cônsul, por favor!

– Não é assim tão fácil. – Levantou-se e fechou a janela – Não é tão fácil quanto ser castigado e escrever cem vezes a mesma coisa. Anda – disse – anda lá! Na rua, explico-te tudo.

– Não! – gritou Ellen e enroscou-se toda na poltrona. As faces ardiam-lhe. – Por favor! O sapateiro disse, o sapateiro disse mesmo assim: quem for fiador do vento e dos tubarões também é meu fiador!!

– Pois é – disse o cônsul – pois é, quem é fiador do vento e dos tubarões também é teu fiador. Mas não sou eu.

– Não acredito numa palavra do que está a dizer – sussurrou Ellen – E se o senhor não assina agora... – estava a tremer. O sapateiro tinha mentido. O sapateiro tinha dito: o cônsul... mas o cônsul estava a despachar isto para outro. E a mãe estava sentada em casa e não conseguia fazer as malas porque estava com medo. E era a última noite.

– Se o senhor não assina agora... – Ellen procurou uma ameaça pesada. Os dentes batiam-lhe uns nos outros. – Então quero ser um golfinho. E depois vou a nadar ao lado do vapor e depois salto à volta da Estátua da Liberdade, quer o senhor queira, quer não queira!

Emudeceu. Intocado, o chocolate continuava em cima da mesinha de fumo, intocados, os folhetos também lá estavam. – Estou com frio! – murmurou Ellen. Tinha a boca aberta. Não se mexia. Quando o cônsul se aproximou dela, ela bateu-lhe com os pés. Ele quis agarrá-la, mas ela atirou-se como um relâmpago por cima do braço da poltrona. Correu atrás dela. Ela enfiou-se por debaixo da secretária, derrubou duas cadeiras e agarrou-se com os dois braços ao fogão de sala. Entretanto, ia ameaçando transformar-se num golfinho. Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto.

Quando ele finalmente conseguiu apanhá-la, pareceu-lhe que ela estava em brasa. Quente e pesada, Ellen pendia-lhe dos braços. Embrulhou-a num cobertor e voltou a sentá-la na poltrona.

– O mapa-mundo, por favor, o mapa-mundo!

O cônsul foi à sala de espera, levantou o mapa-mundo do chão, alisou-o e trouxe-o consigo. Abriu-o sobre a mesinha.

– Está a girar! – disse Ellen.

– Pois está, – sorriu o cônsul, inquieto – o mundo gira. Ainda não deste isto na escola? O mundo é redondo.

– Pois é, – respondeu Ellen numa voz sumida – o mundo é redondo. – Estendeu a mão para o mapa-mundo.

– Agora acreditas que eu não escondi nada?

– Por favor, – disse Ellen pela última vez – por favor, assine o visto! – Levantou-a cabeça e apoiou-a nos cotovelos. – Ali está a caneta, chega. Se assinar, nunca mais volto a roubar maçãs. Faço tudo o que puder fazer por si! É verdade que na fronteira nos dão laranjas e um retrato do presidente, é mesmo verdade? E quantos salva-vidas há nos vapores grandes?

– Cada um é o seu próprio salva-vidas – disse o cônsul. – E agora tenho uma ideia! – Pôs o caderno dos desenhos sobre os joelhos.

– És tu que tens de te passar o visto. És tu que tens de assiná-lo!

– Como é que posso fazer isso? – perguntou Ellen, desconfiada.

– Podes. Toda a gente é, no fundo, o seu próprio cônsul. E se o vasto mundo é verdadeiramente vasto ou não, isso está nas mãos de cada um.

Ellen olhou para ele fixamente, admirada.

– Estás a ver, – disse ele – todos aqueles, muitos, a quem eu passei um visto, todos eles vão ficar desiludidos. O vento não vai dormir em parte alguma.

– Em parte alguma? – repetiu, incrédula.

– Quem não se passa o visto a si próprio – disse o cônsul – pode dar a volta ao mundo inteiro e nunca chega ao outro lado. Quem não se passa o visto a si próprio fica sempre preso. Só quem se passa o visto a si próprio é que fica livre.

– Eu quero passar-me o visto, – Ellen tentou levantar-se – mas como é que hei de fazer?

– Tens de assinar – disse ele – e esta assinatura representa uma promessa que fazes a ti mesma: não vais chorar quando disseres adeus à tua mãe, muito pelo contrário: vais consolar a tua avó, ela vai precisar do teu consolo. Não vais de forma alguma voltar a roubar maçãs. E, aconteça o que acontecer, vais acreditar sempre que algures tudo é azul! Aconteça o que acontecer.

Febri! Ellen assinou o seu próprio visto.

A manhã ia alvorecendo. Com a delicadeza de um assaltante experimentado, a manhã trepou agarrada às janelas. Um pássaro começou a cantar.

– Estás a ver – disse o cônsul – ele também não põe condições.

Ellen já não o entendia.

Nas ruas, lá fora, rolavam as carroças dos leiteiros. As coisas começaram de novo a destacar-se umas das outras. E, nos grandes parques, emergiam da neblina as primeiras flores de outono coloridas e negligentes.

O cônsul dirigiu-se para o telefone. Levou as mãos às têmporas e alisou o cabelo para trás. Abanou a cabeça, balançou-se três vezes nas pontas dos pés, fechou os olhos e voltou a abri-los de repente. Levantou o auscultador, marcou um número errado e pousou-o com força.

Ouviu-se o bater de passos no pátio. A fonte ainda rumorejava. O cônsul ia para tomar nota de alguma coisa, mas não encontrou o bloco de notas. Aproximou-se de Ellen e tirou-lhe o cartão escolar do bolso do casaco. Depois chamou o carro, levantou as cadeiras derrubadas e alisou o tapete. Em torno do Cabo da Boa Esperança, o mar ia clareando. O cônsul dobrou o mapa-mundo, embrulhou nele o chocolate e abriu a mochila de Ellen. Pegou de novo no caderno dos desenhos, mesmo diante dos olhos: estrelas, pássaros e flores coloridas e em baixo a assinatura de Ellen grande e angulosa. O primeiro autêntico visto em todo o seu tempo de serviço.

Suspirou, apertou o casaco de Ellen e pôs-lhe a boina na cabeça, com cuidado. No rosto dela havia raiva e sombra, mas, sobre a testa, estava agora de novo, em letras douradas e nítidas “Navio-escola Nelson”.

O cônsul soprou uma vez mais ao de leve sobre o visto como que para terminá-lo e para insuflar-lhe vida. Depois meteu-o na mochila, fechou-a e pô-la às costas de Ellen. Com ela ao colo, desceu as escadas, deitou-a no banco de trás do carro e deu a morada ao chauffeur. O carro dobrou a esquina.

De repente, o cônsul pôs a mão em pala sobre os olhos e tornou a subir a escada acima, a passos largos.

A lua empalidecia.

Ellen ergueu as mãos para tocar no rosto da mãe. Ergueu-as a ambas para tocar no rosto ardente, incendiado de lágrimas, sob o chapéu preto. Naquele rosto que tornara o mundo quente e verdadeiro, naquele rosto desde o princípio, naquele rosto único. Uma vez mais, Ellen quis tocar, suplicante, nas mãos do primordial, no jardim dos segredos, mas o rosto da mãe tornara-se inatingível, recuava e empalidecia como a lua na manhã que ia alvorecendo.

Ellen soltou um grito. Atirou com o cobertor, tentou levantar-se e as suas mãos encontraram o vazio. Com as suas últimas forças, galgou a grade. Caiu da cama. E caiu fundo.

Ninguém tentou apanhá-la. Em parte alguma havia uma estrela a que pudesse agarrar-se. Ellen caiu por entre os braços de todas as suas bonecas e de todos os seus ursos de peluche. Como uma bola através do arco, caiu por entre a roda das crianças no recreio que não a deixavam brincar com elas. Ellen caiu por entre os braços da mãe.

A meia-lua apanhou-a, virou-se sorrateiramente como todos os berços e lançou-a para longe de si. Nem pensar que as nuvens eram edredões de penas e que o céu era uma abóbada azul. O céu estava aberto, mortalmente aberto, e para Ellen tornou-se claro, ao cair, que o acima e o abaixo tinham cessado de existir. Será que ainda não o sabiam? Esta pobre gente crescida que chamavam “saltar” ao cair para baixo e “voar” ao cair para cima. Quando é que iriam percebê-lo?

Ao cair, Ellen atravessou as imagens do grande livro ilustrado, a rede dos acrobatas. A avó pegou nela e voltou a deitá-la na cama.

Como curvas de febre, subiam sol e lua, dias e noites, imparáveis, quentes e altos e afundavam-se de novo em si mesmos.

Quando Ellen abriu os olhos, apoiou-se nos cotovelos e disse:

– Mãe!

Disse-o alto e carinhosamente. Depois ficou à espera.

O tubo do fogão de sala deu um estalo e escondeu-se muito bem escondido atrás dos azulejos verde-escuros. À parte isso, tudo permanecia em silêncio. O cinzento adensou-se.

Ellen abanou a cabeça ao de leve, ficou tonta e voltou a cair nas almofadas. Pela parte de cima da janela viu um bando de aves migratórias, ordenadas tal como num desenho. Depois foram apagadas outra vez. Ellen riu-se baixinho. Realmente como num desenho!

Mas o senhor está a apagar demasiado! Teria a velha professora avisado o Pai do Céu. No fim ainda fica um buraco!

Mas, minha querida, diria então o Pai do Céu, era precisamente isso que eu queria. Ora espreite, por favor!

Queira desculpar, agora estou a perceber tudo!

Ellen fechou os olhos e, assustada, voltou a abri-los com força. A janela já não era limpa há muito tempo. Mal dava para ver. Linhas compridas e cinzentas escorriam como lágrimas secas pelos vidros abaixo. Ellen voltou a enfiar os pés debaixo do cobertor.

Estavam enregelados e pareciam não lhe pertencer completamente. Esticou-se. Devia ter crescido. Crescia sobretudo de noite. Mas alguma coisa não estava certa com esta manhã de primavera. Talvez... talvez fosse outono. E talvez fosse quase de noite.

Tanto melhor. Ellen estava completamente de acordo. A mãe de certeza que tinha ido às compras, de certeza. À mulher da hortaliça, ali à esquina.

Tenho de me despachar, sabe! A Ellen está sozinha em casa e nunca se sabe o que pode acontecer. Queria umas maçãs, se faz favor! São para assar, assim é que a Ellen gosta mais e eu também lhe tinha prometido acender um bocadinho o lume, já vai arrefecendo. Quanto é? Como disse? Quanto? Não, é demasiado. Demasiado!

Ellen sentou-se muito direita.

Fora como um grito. Fora como se ela o tivesse ouvido com os seus próprios ouvidos, aquele “Demasiado!” num sufoco. E a cara da mulher da hortaliça, vermelha e desfigurada, surgiu do crepúsculo a ameaçá-la.

– Ouça! – disse Ellen e ficou de pernas penduradas na beira da cama como uma ameaça. – Ai de si que peça demasiado! – A mulher da hortaliça não respondeu. Arrefeceu ainda mais.

– Mãe – chamou Ellen –, mãe, dá-me meias!

Nada se mexeu.

Oh, esconderam-se todas, pois claro. Lá estavam elas outra vez a pregar-lhe partidas sem graça nenhuma.

– Mãe, quero levantar-me! – soou mais insistente.

– Então, pronto, vou descalça! Se não me dás meias, vou descalça, pronto!

Mas também esta ameaça foi em vão.

Ellen saiu da cama. Não estava a sentir-se nada bem. Cambaleando, correu em direção à porta. Também na sala ao lado não estava ninguém. O piano estava aberto. A tia Sonja devia ter estado a praticar. Talvez tivesse ido ao cinema. Desde que passou a ser proibido, ela ia muito mais vezes ao cinema. Ellen apertou as faces às vidraças frias e lisas. Em frente, na casa velha, do outro lado da linha do comboio, a velhota segurava na criança à janela. Ellen acenou. A criança acenou de volta. A velhota estava a pegar-lhe na mão. Até aqui, estava tudo certo. Era preciso ganhar tempo, era preciso pensar em tudo com muita calma.

Ellen atravessou a casa e voltou atrás. Ai dela se a mãe a apanhasse assim, de camisa de dormir e descalça!

Hostis, as paredes fitavam-na. Ellen tocou uma nota no piano. Ressoou. Tocou uma segunda nota e uma terceira. Nenhuma ficava. Nenhuma se prolongava na seguinte. Nenhuma a consolava. Era como se elas soassem a contragosto, como se lhes apetecesse ficarem caladas, como se lhe escondessem alguma coisa.

Soubera a minha mãe do sucedido, ficaria de coração partido! Era como estava no velho livro de contos.

– Espera, vou dizer à minha mãe!

Ellen ameaçou o silêncio, mas o silêncio manteve-se silencioso.

Ellen bateu com o pé, o calor subiu-lhe às têmporas. Lá em baixo, na rua, um cão ladrava, crianças gritavam. Muito lá em baixo. Levou as mãos às faces. Não era o cão e não eram as crianças. Era outra coisa. E fazia estrondo. Ellen bateu nas teclas com ambos os punhos, nas brancas e nas pretas, desatou a bater com força como num tambor. Arrancou as almofadas do sofá para o chão, arrancou a toalha da mesa e atirou o cesto dos papéis contra o espelho, como David atirou a pedra contra Golias. Como David contra Golias, lutava contra o horror do abandono, contra a nova consciência terrível que erguia a cabeça das vagas dos sonhos como um tritão disforme.

Como é que podiam deixá-la assim sozinha tanto tempo? Como é que a mãe podia estar fora tanto tempo? Estava frio, era preciso acender o lume, estava frio, estava frio! Ellen correu por todas as divisões. Escancarou os armários, apalpou as roupas, atirou-se ao chão e espreitou por debaixo das camas. Mas a mãe não estava em lado nenhum.

Tinha de desmenti-lo, tinha de comprovar precisamente o contrário, queria sufocar a goela escancarada da realidade, tinha de encontrar a mãe! Em lado nenhum, não era possível! Em lado nenhum?

Ellen correu em círculo. Tinha escancarado todas as portas e corria atrás da mãe. Estavam a jogar à apanhada, pois era! E a mãe corria muito depressa, corria mais depressa do que Ellen, corria tão depressa que na verdade devia estar outra vez mesmo colada às costas, já que estavam a correr em círculo. E já a mãe a tinha apanhado, levantava-a bem alto e fazia-a girar em torno de si.

Ellen parou de repente, virou-se para trás muito depressa e abriu os braços: – Assim não vale! – gritou desesperada – Assim não vale, mãe, assim não vale! – Em cima da mesa estava o visto: pássaros e estrelas e a sua assinatura.

– Olh’ò jornal da noite! – gritou o ardina por todo o cruzamento. Gritava a plenos pulmões, enregelado e num entusiasmo de morte. Saltava para os estribos dos elétricos, apanhava as moedas com a mão esquerda, arfava e não dava vencimento. Era um negócio, oh, era o negócio mais maravilhoso do mundo: – Olh’ò jornal da noite!

Queriam sempre mais e mais. Todos eles pagariam ainda muito mais. Estavam tão ávidos como se ele lhes vendesse não o relato da guerra e o programa do cinema, estavam tão ávidos como se ele lhes vendesse a vida em carne e osso.

– Olh’ò jornal da noite! – gritou o ardina.

– Olh’ò jornal da noite! – um sussurro mesmo atrás dele. Outra vez.

A sua banca ficava na ilha de pedra, no meio do grande cruzamento. Encostado à banca, estava um cego. Tinha o chapéu na cabeça e não aceitava nada do que lhe davam. Estava ali e pronto, e ninguém lho podia proibir. De tempos a tempos dizia: – Olh’ò jornal da noite. – Mas não tinha nada para vender. Dizia-o baixinho e não pedia dinheiro. Como uma floresta, devolvia ao ardina todos os gritos que este lançava. Parecia não considerar nada daquilo era um negócio.

Como uma ave de rapina, o ardina circundou a banca. Desconfiado, lançou ao cego um olhar de soslaio. Estava lá como se não fosse o único cego no meio do grande cruzamento.

O ardina pôs-se a pensar em como poderia ver-se livre dele. O cego escarnecia dele, o cego transformava todos os seus gritos em pedidos de socorro apagados, o cego não tinha direito nenhum de fazer isso.

– Olh’ò jornal!

– Olh’ò jornal!

Por eles passavam carros a alta velocidade e tinham vidros azuis nos faróis. Muitos encostavam e davam ordem para lhes atirar o jornal pela janela. Precisamente quando o ardina estava a pensar quanto tempo precisaria para levar o cego para o outro lado, Ellen atravessou o cruzamento sem respeitar o sinal. Vinha a cambalear e olhava em frente. Debaixo do braço trazia o caderno dos desenhos, tinha puxado a boina para a cara.

Alguns carros pararam, os elétricos travaram a chiar. O polícia no meio do cruzamento fazia gestos de fúria com o braço.

Entretanto, Ellen tinha chegado à ilha de pedra. Como água do mar, deslizavam por ela os gritos irritados dos condutores. – Ei, ó senhor – disse o ardina ao cego – está ali uma pessoa que podia bem levá-lo para o outro lado! – O cego endireitou-se e bateu o vazio. Ellen sentiu a mão dele no ombro dela. Quando o polícia chegou ao pé do ardina

na ilha, já ela tinha desaparecido com o cego na multidão, mergulhados na cidade atemorizada, ensombrada.

– Para onde quer que o leve?

– Leva-me para o outro lado do cruzamento.

– Já cá estamos.

– É possível? – perguntou o cego – Este não é o cruzamento grande?

– Deve querer referir-se a outro – disse Ellen, cautelosa.

– Outro? – repetiu o cego. – Não me parece. Mas, se calhar, tu é que estás a referir-te a outro cruzamento?

– Não – gritou Ellen, irritada. Parou, deixou cair a mão do cego e ergueu os olhos a medo por ele acima.

– Só mais um bocado! – disse o cego.

– Mas tenho de ir ter com o cônsul! – disse Ellen e pegou outra vez no braço dele – e o cônsul mora na outra direção.

– Qual cônsul?

– O da grande água. O do vento e dos tubarões.

– Ah – disse o cego – esse! Nesse caso, podes vir comigo à vontade!

Tinham metido por uma viela longa e sombria. A viela era a subir. À direita havia casas silenciosas, embaixadas estrangeiras que escondiam as mensagens dos embaixadores. Seguiam ao longo de um muro. Com um som agudo e monótono, a bengala do cego batia na calçada. Folhas caíam como arautos do segredo. O cego apressou o passo. Com passos curtos, rápidos, Ellen seguia ao lado dele.

– Que é que tu queres ao cônsul? – perguntou o velho.

– Quero perguntar o que é que o meu visto quer dizer.

– Qual visto?

– Fui eu que o assinei – disse Ellen, insegura – à volta tem umas flores.

– Ah! – disse o velho, em tom aprovador – Então é o certo.

– E agora quero que ele mo confirme – disse Ellen.

– Não foste tu que o assinaste?

– Fui.

– Então o que é que o cônsul tem que confirmar?

– Não sei – disse Ellen – mas eu quero ir ter com a minha mãe.

– E onde é que está a tua mãe?

– Do outro lado. Da grande água.

– Queres ir a pé? – disse o cego.

– Tem cada uma! – Ellen tremia de irritação – Está a brincar comigo! – Tal como ao ardina, também a Ellen pareceu de repente que o cego não era nada cego, parecia que os seus olhos vazios cintilavam para lá do muro. Ela deu meia volta e correu rua abaixo, com o caderno dos desenhos debaixo do braço.

– Não me deixes sozinho! – gritou o cego – Não me deixes sozinho! – Estava de pé com a bengala, no meio da rua. Pesada, em abandono, a sua figura destacava-se do céu frio.

– Eu não o entendo. – gritou Ellen, ofegante, quando voltou para ao pé dele – A minha mãe está do outro lado e eu quero ir ter com ela. A mim, nada me vai impedir!

– Estamos em guerra – disse o cego – e já só partem poucos vapores de passageiros.

– Poucos vapores de passageiros – balbuciou Ellen, desesperada, e agarrou ao braço do cego com mais força – mas para mim ainda há de partir um! – Fixou os olhos e, como numa súplica, o ar húmido e sombrio – para mim ainda há de partir um!

Onde a rua chegava o fim, estava o céu. Duas torres surgiam das embaixadas como postos fronteiriços.

– Muito agradecido – disse o cego educadamente, apertou a mão a Ellen e sentou-se nos degraus da igreja. Pôs o chapéu entre os joelhos como se nada tivesse acontecido, sacou uma harmónica ferrugenta do bolso do casaco e começou a tocar. O sacristão deixava-o fazer isso já há muitos anos, pois ele tocava tão baixinho e de maneira tão desajeitada que soava como se fosse apenas o vento a gemer nas ramadas.

– Como é que eu agora vou para o consulado? – perguntou Ellen – como é que eu agora chego mais depressa ao consulado?

Mas o cego já não queria saber dela. Tinha a cabeça encostada à coluna, soprava absorto na harmónica ferrugenta e não deu mais nenhuma resposta. Agora também começava a chover.

– Ouça! – disse Ellen enquanto lhe puxava pelo casaco. Arrancou-lhe aquela lata das mãos e voltou a pôr-lha em cima dos joelhos. Sentou-se ao lado dele nos degraus frios e insistiu com ele com voz bem alta.

– Como é que disse que eu vou ter com o cônsul, o que é que o senhor disse? Quem é que me leva para o outro lado da água, se não há nenhum vapor que parta para mim? Quem é que me leva, então?

Ela soluçava de raiva e bateu no cego com o punho cerrado, mas ele não se mexeu. Grande e insegura, Ellen estava de pé em frente do cego e cravava-lhe os olhos na cara dele. Ele ficou tão impassível quanto os degraus que subiam até à igreja.

Hesitante, Ellen entrou na igreja deserta, ponderando, até ao último segundo, se não seria melhor voltar para trás. Sentia-se humilhada e detestou os seus próprios passos a destruir o silêncio daquele espaço. Tirou a boina da cabeça e voltou a pô-la, agarrou no caderno dos desenhos ainda com mais força do que antes. Confusa, inspecionou para as imagens dos santos nos altares laterais. A qual de todos eles ousaria queixar-se do cego?

De olhar sombrio, a cruz na mão magra e erguida, de pé sobre um monte reluzente para o qual se erguiam rostos amarelos e suplicantes pela salvação, aguardava Francisco Xavier. Ellen ficou parada e levantou a cabeça, mas reparou que o santo olhava para algures muito por cima dela. Em vão, procurou chamar a si o olhar dele. O velho pintor tinha pintado corretamente. – Não sei porque que venho ter precisamente contigo – disse ela, mas custou-lhe. Nunca percebera aquelas pessoas para quem ir à igreja era um deleite e que falavam disso regaladas como se falassem dum prazer. Não, não era prazer nenhum. Era antes um sofrimento que atraía sofrimento. Era como estender um dedo a alguém que queria muito mais do que a mão toda. E rezar? Teria preferido não o fazer. Há um ano tinha aprendido a saltar para a água de cabeça e era parecido. Era preciso subir a um trampolim elevado para ir fundo na queda. E depois era sempre uma decisão: saltar, assumir que Francisco Xavier não viraria os olhos para ela e esquecer-se de si própria.

Mas agora era preciso decidir. Ellen continuava sem saber por que razão tinha dirigido o seu pedido precisamente a este santo, acerca do qual estava escrito no livro antigo que, embora tivesse viajado por muitos países estrangeiros, acabou por morrer à vista do mais ansioso.

Com muito esforço, Ellen tentou explicar-lhe tudo. – A minha mãe está do outro lado, mas ela não pode ser minha fiadora, ninguém pode ser. Será que tu não podias... – Ellen hesitou – quer dizer, não podias dar tu uma palavrinha a alguém para ser meu fiador? Eu também não te ia desiludir quando eu depois finalmente estiver em liberdade!

O santo parecia admirado. Ellen reparou que não dissera exatamente o que queria dizer. A custo, afastou de si aquilo que a separava de si própria.

– Quer dizer, eu não te ia desiludir de forma alguma... mesmo que tivesse de ficar aqui, mesmo que tivesse de afogar-me em lágrimas!

De novo, o santo pareceu admirado e Ellen teve de ir mais longe.

– Quer dizer, eu não iria afogar-me em lágrimas. Eu iria tentar nunca te censurar, mesmo que eu não alcançasse a liberdade.

Mais uma só admiração surda de Francisco Xavier e a última porta cedeu.

– Ou seja, quero dizer... não sei o que é que é preciso para eu ser livre.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas Ellen sentiu que as lágrimas não se adequavam àquela conversa.

– Peço-te: aconteça o que acontecer, ajuda-me a acreditar que nalgum lado tudo é azul. Ajuda-me a ir para lá da água, mesmo que eu tenha de ficar aqui!

A conversa com o santo chegara ao fim. Todas as portas estavam abertas.

VII.2. Tradução do capítulo 5 *Die Angst vor der Angst*

O medo do medo

Como um grande brasão escuro era o espelho. No meio estava a estrela. Ellen ria-se, feliz. Pôs-se em bicos dos pés e cruzou os braços atrás da cabeça. Esta estrela maravilhosa. Esta estrela no meio.

A estrela era mais escura do que o sol e mais pálida do que a lua. A estrela tinha pontas grandes, afiadas. Quando anoitecia, o seu raio ficava indefinível como o de uma palma da mão alheia. Ellen tirara a estrela da caixa de costura às escondidas e cosera-a ao vestido.

– Nem penses nisso, – dissera a avó – sorte tens tu por isto te ser poupado, por não te ser obrigatório como é para os outros! – Mas Ellen é que sabia. Por lhe ser facultativo, a palavra era: facultativo. Soltou um suspiro profundo e aliviado. Quando ela se mexia, também se mexia a estrela no espelho. Quando saltava, a estrela saltava e ela podia pedir um desejo. Quando recuava, a estrela recuava com ela. De felicidade, pôs as mãos sobre as faces e fechou os olhos. A estrela continuava lá. Fora desde há muito tempo a ideia mais secreta da polícia secreta. Ellen pegou na bainha do vestido entre os dedos e girou em círculo, dançava.

Uma escuridão húmida ergueu-se das fendas das tábuas. A avó tinha saído. Como um navio a oscilar, tinha dobrado a esquina. Enquanto ainda dava para vê-la, o seu chapéu de chuva erguia-se como uma vela preta contra o vento húmido. Rumores incertos e frios varreram as vielas da ilha. A avó tinha saído para saber mais detalhes.

Mais detalhes?

Ellen sorriu para a estrela no espelho, pensativa. A avó queria ter a certeza. Entre dois espelhos.

Quão incerta era toda a certeza. Certo era o incerto, e ia ficando cada vez mais certo desde a criação do mundo.

No andar de cima, a tia Sonja dava aulas de piano. Dava-as às escondidas. No quarto à esquerda, os dois miúdos andavam às turras. Dava para ouvir claramente as suas vozes amargas e agudas. No quarto à direita, o velho surdo gritava com o buldogue: – Fazes ideia do que se vai passar, Peggy? Eles não me dizem nada, ninguém me diz nada!

Ellen tirou dois testos do armário e bateu com um no outro, irritada. Do pátrio gritou a senhoria. Soou como: trás... trastes... daqui para fora!

Por um momento, Ellen ficou a olhar para as paredes vazias e cinzentas que, atrás de si e da estrela, emergiam de dentro do espelho. Estava sozinha em casa. Nos quartos à esquerda e à direita moravam estranhos. Estava sozinha naquele quarto. E aquele quarto era casa. Tirou o casaco do gancho da porta. A avó podia regressar dali a nada, Ellen tinha de se despachar. Como um brasão grande e escuro era o espelho.

Arrancou a estrela do vestido, as mãos tremiam-lhe. Uma pessoa tinha de brilhar quando ficava assim tão escuro, e como é que podia brilhar se não através da estrela? Não deixou que nada a proibisse, nem a avó, nem a polícia secreta. À pressa, com pontos grandes e desajeitados, coseu a estrela no lado esquerdo do casaco. Estava sentada em cima da mesa e tinha a cabeça inclinada, quase a tocar no vestido. Depois enfiou o casaco, bateu com a porta e correu escadas abaixo.

Respirou fundo, ficou por um instante sob o arco do portão. Havia neblina no ar. Ellen lançou-se ao outono tardio.

Era por isso que ela o amava sem saber, porque ele dava a tudo algo de mais profundo, de escuro, que se erguia de dentro dele como uma maravilha, porque ele devolvia às pessoas a ideia do inconcebível, o segredo aos desprovidos de segredos. Porque ele não dava nas vistas abertamente e encandeante como a primavera – vejam todos, estou a chegar – mas sim porque ele se retraía como alguém que sabia mais: venham!

Ellen avançou. Andou pelas vielas antigas e enevoadas, passou por indiferentes e por apáticos, e lançou-se aos braços escondidos do outono. A estrela no casaco entusiasmava-a. Ouvia-se o bater forte das suas solas na calçada dura. Andou pelas vielas da ilha.

Só a bela tarte na montra meio iluminada da pastelaria a fez parar. Era uma tarte branca e brilhante, e, em cima, tinha escrito com glacé cor de rosa “Parabéns”. A tarte era para o Georg, era a própria paz. Umhas cortinas avermelhadas e plissadas rodeavam-na por todos os lados como mãos translúcidas. Quantas vezes eles ali tinham parado e tinham ficado a olhar. Uma vez, fora uma amarela, outra, uma verde. Mas, naquele dia, estava mais bonita do que nunca.

Ellen abriu com força a porta de vidro. Com a postura de um conquistador estrangeiro, entrou na pastelaria e dirigiu-se ao balcão a passos largos. – Boa tarde! – disse a empregada, distraída, levantou o olhar das unhas e emudeceu.

– Parabéns – disse Ellen – queria aquela tarte. – O cabelo comprido e húmido pendia-lhe sobre o casaco velho. O casaco era demasiado curto e deixava ver dois palmos do vestido escocês. Mas isso só por si não teria feito nada. O que foi decisivo foi a estrela.

Calma e clara, brilhava no tecido fino e azul-escuro como se estivesse convencida de estar no céu.

Ellen pusera o dinheiro à sua frente sobre o balcão, desde há semanas que andava a poupar. Saiba o preço.

Os clientes à volta pararam de comer. A empregada apoiou-se com os braços grossos e vermelhos na caixa registadora prateada. Não tirava os olhos da estrela. Não via nada senão a estrela. Atrás de Ellen alguém se levantou. Uma cadeira foi atirada contra a parede.

– A tarte, se faz favor – disse Ellen uma vez mais e, com dois dedos, empurrou o dinheiro para mais perto da caixa. Não conseguia arranjar explicação para esta demora. – Se custar mais – murmurou, insegura – se agora custar mais, vou buscar o resto, ainda tenho algum em casa. E posso ir num pé e vir noutro... – Levantou a cabeça e olhou para a cara da empregada. O que ela viu foi ódio.

– Se ainda estiverem abertos quando eu voltar! – gaguejou Ellen.

– Vê mas é se desapareces!

– Por favor – disse Ellen, assustada – Está enganada. Está enganada de certeza. Eu não quero que me ofereça a tarte, eu quero comprá-la! E, se custar mais, eu estou preparada, eu estou preparada...

– Ninguém te perguntou nada – disse a empregada friamente – Põe-te a andar! Põe-te a andar agora ou eu mando-te prender!

Tirou os braços da caixa registadora e deu a volta ao balcão lentamente. Aproximou-se de Ellen.

Ellen ficou muito quieta a olhar para a cara dela. Não tinha a certeza de estar realmente acordada. Esfregou os olhos com a mão. A empregada estava a um palmo à frente dela.

– Põe-te a andar! Estás a ouvir? Sorte tens tu por eu te deixar ir! Estava aos gritos. Os clientes não se mexiam. Ellen voltou-se para eles à procura de ajuda. Naquele momento, todos lhe viram a estrela no casaco. Alguns riram de escárnio. Os outros tinham um sorriso compassivo nos lábios. Ninguém a ajudou.

– Se custar mais – recomeçou Ellen pela terceira vez. Os lábios tremiam-lhe.

– Custa mais – disse um dos clientes.

Ellen deslizou o olhar sobre si mesma. De repente soube o preço da tarte. Tinha-se esquecido dela. Tinha-se esquecido de que as pessoas com a estrela não estavam autorizadas a entrar em lojas, muito menos numa pastelaria. O preço da tarte era a estrela.

– Não – disse Ellen – não, obrigado!

A empregada agarrou-a pelo colarinho. Alguém abriu com força a porta de vidro. Na mostra meio iluminada estava a tarte. Era a própria paz.

A estrela ardia como fogo. Perfurou o casaco azul de marinheiro e empurrou o sangue de Ellen para as têmporas. Era preciso escolher. Era preciso escolher entre a própria estrela e todas as outras coisas.

Ellen invejara as crianças com a estrela, Herbert, Kurt e Leon, todos os seus amigos, não percebera o medo deles, mas agora as garras da empregada estavam cima dela como um arrepio na nuca. Desde que a lei estava em vigor, lutara pela estrela, mas agora ela ardia-lhe como metal incandescente através do vestido e do casaco até à pele.

E que haveria de dizer a Georg?

Naquele dia era o aniversário de Georg. O tampo da mesa tinha sido aberto para os dois lados e coberto com uma toalha grande e clara.

A toalha tinha a cor das flores das macieiras. A senhora que morava no quarto ao lado da cozinha tinha-a emprestado a Georg por ser o seu aniversário.

Georg achou esquisito receber uma coisa emprestada no seu aniversário. Emprestanda. Este pensamento não o largava. Tenso e sozinho, estava sentado no lugar de honra e aguardava os convidados, estava com frio.

A sua cama e a do pai tinham sido empurradas até junto à parede para dar espaço. Contudo, não iam conseguir dançar, como Bibi queria. Georg franziu a testa e pôs as mãos à sua frente, em cima da mesa. Era triste não poder oferecer aos seus convidados tudo o que eles queriam. Desajeitado, o bolo grande e negro estava no meio das chávenas, como se elas o tivessem elegido como rei contra a vontade dele. Estavam enganadas, ele não era de chocolate. Era só negro. Georg estava sentado, em silêncio. Tinha andado tão, mas tão feliz com este dia. Tinha andado tão feliz quanto os seus pais quando, daquela vez, quinze anos antes, o foram buscar à maternidade clara, com ele nos braços, rua abaixo em direção à escuridão que caía. Georg estava feliz por ter nascido. Mas a sua felicidade nunca fora maior do que a deste ano.

Desde há semanas que falavam da festa de aniversário; desde há semanas que andavam a planear e a combinar tudo uns com os outros.

Para aumentar a pompa, o pai emprestara-lhe um fato cinzento-escuro. Um cinto estreito de couro segurava-lhe as calças. O casaco era comprido e com duas filas de

botões, dos ombros de Georg pendiam serenos os ombros do pai. Se não fosse a estrela, a grande estrela amarela no lindo casaco!

Arruinava a Georg toda a felicidade.

A estrela tinha a cor do sol. Fora desmascarado, este sol que adoravam, este astro fulgurante da infância! Ao semicerrar os olhos, apareciam-lhe contornos pretos que habilmente se retraíam e se espriavam, e no meio estava “Judeu”.

Desesperado, Georg pôs-lhe a mão por cima e voltou a tirá-la. Véus caíam do pátio silencioso através das janelas baças e tentavam cobrir a estrela. A polícia secreta proibira cobrir a estrela.

O crepúsculo incorria numa pena, tal como a lua incorria numa pena de cada vez que lançava a sua luz escarninha sobre a cidade escurecida.

Georg suspirou. Os convidados já estavam a tocar. Levantou-se e correu em torno da mesa.

– Estão todos?

– Falta a Ellen.

– Se calhar não vem mais!

– Se calhar não quer vir.

– Se calhar não é bom andar connosco.

– Não acredito nisso – disse Georg, pensativo. Os véus continuavam a cair através das janelas. E o bolo continuava ali, negro e triste, no meio da mesa.

– Espera – disse Georg – em breve chegará a tua noiva. A tua noiva é uma tarte, é branca e cor de rosa. Parabéns! Em breve estarás menos abandonado, meu querido!

O bolo estava calado.

– A Ellen trá-la – disse Georg com insistência – A Ellen trá-la de certeza. A Ellen não tem de andar com a estrela, sabes! Ela abre com força a porta de vidro e põe o dinheiro em cima do balcão. Diz: ‘A tarte, por favor!’ e dão-lha. É verdade. É verdade, estou-te eu a dizer. Uma pessoa recebe tudo se não andar com a estrela!

Bibi riu-se, mas não soou como se ela se risse de facto. Os outros estavam sentados à mesa e tentavam em vão conversar no tom silencioso e desinteressado dos adultos. Como se não ouvissem o choro do quarto ao lado e como se não tivessem medo. No quarto ao lado estava alguém a chorar, devia ser o rapaz que tinha sido alojado lá pouco tempo antes.

Georg levantou-se, apertou o cinto e pôs as mãos abertas e inseguras sobre a toalha. Tossiu e bebeu um golo de água. Queria fazer um discurso e queria fazê-lo com

solenidade. Queria dizer: Muito vos agradeço por terem vindo, é para mim uma alegria. Agradeço à Bibi e à Hanna e à Ruth pelos três lenços de seda, estava mesmo a precisar deles. E agradeço ao Kurt e ao Leon pela bolsa de couro para o tabaco que me estava a fazer falta. Quando a guerra terminar, tiro-a logo do bolso e fumamos o cachimbo da paz. Agradeço ao Herbert pela bola de polo vermelha, agora pertence-nos a todos. No próximo verão vamos jogar outra vez ao mata.

Georg queria dizer tudo isto. Para isso se levantara e puseras duas mãos sobre a toalha. Para isso tinha batido insistentemente com os dedos no canto da mesa. Queria a atenção dos amigos.

A crianças calaram-se por um longo momento, mas o rapaz desconhecido no quarto ao lado não se calou. O seu choro apagou as palavras na boca de Georg como uma corrente de ar apaga um fósforo depois do outro.

Georg queria fazer um grande discurso. Queria dizer tudo, mas o que disse foi só: – Está ali alguém a chorar! – e tornou a sentar-se. – Está mesmo alguém a chorar – repetiu Kurt, com má cara. Uma colher caiu ao chão. Bibi enfiou-se debaixo da mesa e apanhou-a.

– Não é ridículo – disse Herbert – chorar assim? Por nada e coisa nenhuma!

– Nada e coisa nenhuma – disse Leon, desesperado – é isso mesmo. É isso mesmo, é o que vos digo!

– Sirvam-se bolo! – disse Georg em voz alta. Era para soar em tom de animação, mas souou em tom assustador. Todos tiraram bolo. Georg observava-os amedrontado. Comeram depressa e com esforço, o bolo era muito seco. Ficaram embaçados. – Agora está aí a chegar a Ellen com o bolo – disse Georg. – E é sempre bom quando é no fim que o melhor...

– A Ellen não vem – interrompeu-o Kurt – ela não quer ter mais nada a ver connosco!

– Mais nada a ver com a estrela.

– Ela esqueceu-nos.

Ruth levantou-se e serviu o chá, em silêncio e rápido, sem entornar uma gota. Perdidos, os olhos das crianças brilharam por cima das chávenas brancas. Herbert fingiu que se tinha engasgado e começou a tossir.

Georg ia passando lentamente de um para outro, batia-lhes no ombro ao passar, dizia ‘Meu velho!’ e coisas parecidas e ria-se. Os outros riam-se com ele. Assim que paravam por um segundo, ouviam de novo o choro do lado, muito claramente. Kurt ia para contar qualquer coisa engraçada e entornou a chávena com o braço. – Não faz mal – disse Georg – não faz mal! – Bibi levantou-se e pôs o guardanapo sobre a nódoa húmida

Os véus que caíam pelas janelas mudaram de cinzento para preto. Sem razão, os fracos de compota vazios brilhavam do alto do armário.

Bibi sussurrou qualquer coisa a Kurt.

– No meu aniversário não há cá segredos! – resmungou Georg, ofendido.

– Sorte tens tu por não o saberes! – gritou Bibi com a sua voz clara e um pouco alta do outro lado da mesa. – Sorte tens tu, Georg, por isto não ser nada para o teu aniversário! – Bibi ficava feliz quando podia ter segredos. Não pensava mais no que o segredo pudesse ser. Se era um segredo, então já lhe era suficiente.

O choro do lado não abrandava. Hanna levantou-se de repente. – Vou perguntar-lhe agora – gritou, furiosa – vou perguntar e é já!

Georg barrou a porta. Esticou os braços e pressionou a cabeça contra a madeira, uma barricada viva contra o choro que está em todos os quartos do lado quando uma pessoa o quer ouvir. Hanna estava a agarrá-lo pelos ombros e tentava arrancá-lo dali. – Eu quero saber, estás a ouvir?

– Não é da nossa conta! Já é mau o suficiente termos de viver com estranhos porta com porta. Porque é que riem ou porque é que choram, isso não é da nossa conta!

– É da nossa conta! – gritou Hanna fora de si – sempre foi da nossa conta, temos sido demasiado discretos. Mas agora é especialmente da nossa conta! – voltou-se para os outros. – Ajudem-me, ajudem-me por favor! Temos de ter a certeza!

– Não se deve exigir certeza – disse Georg em voz baixa – isso é o que fazem os crescidos, é o que fazem quase todos, mas é por isso que se morre. Porque se exige certeza. Por mais que vocês perguntem, haverá sempre algo incerto, sempre, estão a ouvir? Enquanto forem vivos. – Agarrou-se com os dedos fixos nos batentes da porta. Os braços iam-lhe ficando sem força e ameaçavam cair.

– Tu estás doente – disse Hanna – tu estás doente, Georg.

Os outros estavam calados, em círculo.

Herbert chegou-se à frente.

– Querem saber o que é que a Bibi disse há bocado? Eu sei! Eu ouvi. Digo? Sim? Digo?

– Diz!

– Não digas!

– Ai de ti, Herbert!

– A Bibi disse, ela disse...

– Não quero saber! – gritou Georg. – Hoje é o meu aniversário e eu não quero saber! – Os braços caíram-lhe definitivamente. – Hoje é o meu aniversário – repetiu, esgotado – e vocês todos me desejaram muitas felicidades. Cada um de vocês.

– Ele tem razão – disse Leon – hoje é o aniversário dele e mais nada. Vamos jogar qualquer coisa!

– Vamos – disse Georg – por favor! – Os seus olhos começaram outra vez a brilhar. – Eu já preparei o loto.

– E jogamos por que prémio?

– Pela honra.

– Pela honra? – escarneceu Kurt, exasperante – Por que honra? Joguem mas é pela estrela!

– Lá estão vocês outra vez – disse Georg, tenso.

– E agora – balbuciou Herbert – agora vou dizer-vos o que a Bibi disse! Ela disse... – e antes de ela conseguir tapar-lhe a boca com a mão... – A Bibi disse: a estrela significa a morte!

– Não é verdade! – disse Ruth.

– Eu tenho medo – disse Hanna – porque eu ainda queria ter sete filhos e aquela casa na costa sueca. Mas às vezes, nos últimos dias, o meu pai passa-me a mão pelo cabelo e, antes de eu conseguir virar-me, ele começa a assobiar...

– Os adultos – gritou Herbert, agitado – os adultos lá em casa falam em línguas estrangeiras!

– Estão sempre a fazer isso – disse Leon – sempre fizeram isso. – A sua voz mudou. – Tudo fica mais perceptível.

– Mais imperceptível – disse Ruth, confusa.

– Vai dar ao mesmo – disse Leon. Mas pareceu-lhe que estava a dizer um segredo que era melhor não ter dito. Rende-te ao incerto para que estejas certo.

Os outros afastaram-se. – Podemos, Georg? O ar aqui está a ficar abafado. – Abriram a janela e debruçaram-se. Estava escuro e profundo como um mar. Não dava para reconhecer o pátio.

– Se saltássemos agora – disse Kurt com voz rouca – um a seguir ao outro! Era um instante e depois já não tínhamos mais medo nenhum. Medo nenhum. Imaginem!

As crianças fecharam os olhos, olharam-se nitidamente, uma depois da outra. Um salto negro e rápido e vertical, como se saltassem para a água.

– Não era bom? – disse Kurt. – Quando eles nos encontrassem, estendidos e imóveis. Há quem diga assim: os mortos riem-se. Assim a gente ria-se deles!

– Não – gritou Herbert – não, não se deve fazer isso!

– A mamã não deixa! – disse Kurt a gozar.

– Isso cada um tem de saber por si – disse Ruth, tranquila, na escuridão da sala – O que se recebe quando se nasce e quando se faz anos não se deve mandar fora.

– E hoje é o meu aniversário – repetiu Georg – estão a ser mal-educados. – Tentou com todos os meios distrair os outros e afastá-los da janela. – Quem sabe se para o ano ainda estamos juntos. Se calhar, esta é a nossa última festa!

– Para o ano! – gritou Kurt com escárnio. Uma vez mais o desespero apoderou-se das crianças. – Por favor, sirvam-se de bolo! – gritou Georg fora de si. Se Ellen lá estivesse. Ellen tê-lo-ia ajudado. Ellen tê-los-ia convencido a saírem da janela. Mas ela não estava lá.

– Se o fizéssemos – repetiu Kurt, insistente – se o fizéssemos agora! Não temos nada a perder.

– Nada a não ser a estrela!

Ellen assustou-se.

Abriam-se as névoas. Como um espelho alto e abobadado era o céu. Já não espelhava nenhuma forma, nenhum contorno e nenhum limite, nenhuma pergunta e nenhum medo. Já só espelhava a estrela. Cintilante, tranquila e implacável.

A estrela levava Ellen pelas vielas húmidas e escuras, para longe de Georg, para longe dos seus amigos, para longe de todos os seus desejos, numa direção que, sendo contrária a todas as outras direções, as unia a todas. A estrela levava Ellen em direção de si mesma. Cambaleava, tropeçava de braços abertos atrás da estrela. Saltava e erguia as mãos para agarrar, mas não havia nada para agarrar. Não havia nenhum fio pendurado.

A avó não tinha tido razão com todos os seus avisos?

– Ai de ti se pegares na estrela, sorte tens tu por isso não se aplicar a ti! Ninguém sabe o que a estrela significa. E ninguém sabe para onde ela leva.

Não, de facto, isso não se podia saber, isso também ninguém estava autorizado a saber, só era preciso segui-la, e esta lei aplicava-se a todos.

De que é que ainda se devia ter medo? De que é que serviriam os adivinhos se havia a estrela? Não era só ela que tinha o poder de dissolver o tempo em algo diferente e de perfurar o medo?

Ellen parou de repente. Parecia-lhe que tinha chegado. O seu olhar soltou-se lentamente da estrela e passou pelo céu, baixando até aos telhados. Dos telhados, o caminho já não era longo até aos números e às portas. Era tudo o mesmo, todos se escondiam da estrela.

Ellen estava de pé em frente à casa em que Julia morava. Julia, de quem deixou de se falar e que eles tinham expulsado depois de ela mesma se ter expulsado. Ela não queria de maneira nenhuma fazer parte deles, tinham o medo estampado no rosto. Deviam ter má sorte. Julia já não quisera brincar com eles no cais. Ela devia andar com a estrela, mas não andava com ela. Desde que a lei da estrela tinha entrado em vigor, ela tinha deixado de sair à rua.

Julia já não se considerava parte das crianças com a estrela. – Só saio de casa para ir para a América!

– Não vais receber o visto, eu também não o recebi!

– Tu não, Ellen. Mas eu vou recebê-lo. Vou no último comboio, no último dos últimos!

Desde então, Ellen não voltara a ver Julia. Julia, era o nome do sucesso perpétuo e incompreensível, ao lado do qual Ellen era o nome do insucesso perpétuo. Entre as crianças, visitá-la era considerado traição. Como a avó tinha dito pouco tempo antes: – A Julia vai para a América. Devias ir dizer-lhe adeus.

– Dizer-lhe adeus? Ter ainda de lhe ir dizer adeus? Ser amável e, já agora, desejar-lhe felicidades para a viagem?

Ellen gemeu de má vontade e levantou o colarinho do casaco.

Uns segundos depois estava a abraçá-la e contaram-lhe, entre muitos beijos rápidos e ternurentos, que Julia recebera poucas horas antes o visto para a América. Julia, que tinha dezasseis anos, que usava calças compridas de seda e que se entretinha a separar lenços por cores.

Agora estava Ellen, pálida e tensa, sentada num banco verde-claro, tentava engolir as lágrimas e tinha os pés encolhidos para não sujar as roupas espalhadas à sua volta. À frente da janela estava uma mala de navio: – Dantes eu também brincava às malas – disse Ellen, com esforço.

– Brincar! – gritou Julia.

– Mas agora já há muito tempo que não faço isso – disse Ellen.

– Porque é que estás a chorar? – perguntou a mais velha, surpreendida. Ellen não respondeu – Verdes com aros brancos! – disse maravilhada em vez de responder, e pegou num par de óculos de sol que estava no chão. – Vais levar um livro de orações?

– Um livro de orações? Tens cada ideia mais esquisita, Ellen! Acho que isso deve vir da idade.

– A maioria das ideias vem da idade – murmurou Ellen.

– Mas para que é que haveria de precisar de um livro de orações?

– Se calhar... – disse Ellen – porque eu pensei, caso o navio se afundar. Nesse caso, podia ser muito bom... – Julia deixou cair os lenços e ficou a olhar para ela, assustada. – Porque é que o navio há de se afundar?

– Não tens medo?

– Não – gritou a mais velha, irritada – não, não tenho medo! Então, de que é que hei de ter medo?

– É que seria possível – insistiu Ellen, mais calma – é que seria possível que o navio se afundasse.

– É isso que me desejas?

Ambas respiravam pesadamente. E antes de uma delas se acalmar, já se tinham agarrado uma à outra e atirado ao chão. – Retira o que disseste!

Rolaram para debaixo do piano. – Tens inveja de mim. Eu tenho a aventura maior!

– A aventura maior sou eu que vou ter!

A aflição dava força a Ellen. Enquanto Julia lhe prendia os braços com muita força, Ellen tentou dar-lhe uma cabeçada no queixo. Mas como a mais velha era mais alta e muito mais ágil, conseguiu defender-se com facilidade. Nisto, ia sussurrando com crueldade: – O oceano é verde azulado. Estão à minha espera no desembarcadouro. E no oeste há palmeiras.

– Para! – disse Ellen ofegante e tapou-lhe a boca, mas Julia continuava a cuspir palavras como *college* e *golf* através dos dedos de Ellen e, quando a mais nova a largou por um instante, ela disse com clareza: – Três pessoas são minhas fiadoras.

– Pois, – gritou Ellen, exasperada – e ninguém é meu fiador!

– Ninguém consegue ser o teu fiador.

– Graças a Deus que não – disse Ellen.

Esgotadas, ficaram ambas em silêncio.

– Tens inveja de mim – disse Julia – sempre tiveste inveja de mim.

– Pois tenho – respondeu Ellen – é verdade, eu sempre tive inveja de ti. Já naquela altura em que tu já sabias andar e eu ainda não, porque tu tens uma bicicleta e eu não tenho nenhuma. E agora? Agora tu vais para o outro lado do mar e eu não. Agora tu vais ver a Estátua da Liberdade e eu não...

– Agora eu tenho a aventura maior! – repetiu Julia, triunfante.

– Não – disse Ellen em voz baixa e largou Julia – se calhar a aventura maior é não ter nada disso.

Julia agarrou outra vez na mais nova, empurrou-a pelos ombros contra a parede e olhou-a, cheia de medo: – Desejas-me que o meu navio se afunde? Sim ou não?

– Não – gritou Ellen, impaciente – não, não, não! Porque assim terias tu a aventura maior e, além disso...

– E além disso?

– Não poderias dizer olá por mim à minha mãe. – Emudeceram, assustadas, a última parte da luta decorreu em silêncio.

Anna abriu a porta e ficou de pé ante a escuridão. Trazia ao pescoço um lenço claro e ria-se. – Que nem marinheiros bêbedos! – disse ela, tranquila. Também morava naquela casa e, de vez em quando, ia lá acima. Mas era mais velha do que Julia.

Ellen levantou-se, bateu com a testa numa quina e gritou: – Acho que a sua estrela está a brilhar.

– Lavei-a ontem muito bem – respondeu Anna. – Já que tenho de andar com ela, tem de estar a brilhar. – Encostou a cabeça à ombreira da porta. – Toda a gente deveria andar com estrelas!

– Eu não! – disse Ellen, exasperada – eu não sou obrigada a andar com ela! Dois avós errados a menos. E eles dizem que eu não pertenço!

– Ah – disse Anna e tornou a rir-se – talvez seja indiferente se uma pessoa a traz no casaco ou na cara.

Julia ergueu-se lentamente com um gemido. – De qualquer maneira, tu trá-la em duplicado, no casaco e na cara. Tens sempre motivo para estar contente?

– Tenho – respondeu Anna – tu não?

– Não – disse Julia, hesitante – apesar de ir para a América na semana que vem. Mas a Ellen tem inveja de mim.

– De quê? – disse Anna.

– Como se não fosse claro... – murmurou Ellen

– Muito claro – disse Anna – América. Só queria saber mais exatamente.

– O mar – gaguejou Ellen, confusa – e a liberdade!

– Isso é menos exato – respondeu Anna, com calma.

– Como é que faz – disse Ellen – quero dizer: tem alguma razão especial para isso?

– Para quê? Que é que queres dizer?

– O que a Julia disse há bocado. Brilhar!

– Não tenho nenhuma razão especial para isso – disse Anna lentamente.

– Tens sim! – insistiu Julia – Porque é que vieste?

– Vim para te dizer adeus.

– Mas só hoje recebi o visto e tu não tinhas como saber...

– Não – disse Anna, com esforço – eu também não o sabia. Ainda assim, vim para te dizer adeus.

– Não percebo!

– Também me vou embora.

– Para onde?

Anna não respondeu.

Ellen estava outra vez de pé. – Para onde é que vai?

Julia ficou vermelha de alegria. – Vamos juntas!

– Para onde é que vai? – repetiu Ellen. Anna virou os olhos para ela e viu-lhe o rosto aflito e muito pálido.

– Tens inveja de mim, Ellen?

Ellen desviou a cara para o lado, mas sentiu-se compelida a olhar para Anna.

– Sim ou não?

– Sim, tenho – disse Ellen baixinho e pareceu-lhe que as suas palavras, por desespero, ficavam em silêncio no espaço – sim, eu tenho inveja de si.

– Cuidado! – disse Julia, com escárnio – Daqui a nada ainda se atira a ti!

– Deixa-a! – disse Anna.

– Ela tem razão – murmurou Ellen, cansada – mas a minha mãe está do outro lado. E a liberdade.

– A liberdade, Ellen, a liberdade está onde a tua estrela estiver. – Puxou Ellen para si.

– É mesmo verdade que tens inveja de mim?

Ellen tentou soltar-se, cravou os dentes nos lábios e não conseguiu sair dos braços da outra. Uma vez mais se desviou e uma vez mais se sentiu compelida a lançar um olhar

àquela cara. Depois viu por um segundo o brilho a despedaçar-se. E, no rosto de Anna, viu medo, medo mortal e uma boca desfigurada.

– Não – gaguejou Ellen, horrorizada – não, eu não tenho inveja de si. Para onde é que vai?

– Que é que se passa convosco? – disse Julia, impaciente.

Anna levantou-se, afastou Ellen de si. – Vim para te dizer adeus.

– Não vamos juntas?

– Não – disse Anna. – As direções são diferentes. – Encostou-se ligeiramente à parede e tentou encontrar palavras.

– Eu... eu recebi a ordem para a Polónia.

Era isto que eles não se atreviam a dizer em voz alta – a avó, a tia Sonja, todos, todos. Era por isto que eles tremiam. Ellen ouvia-o agora pela primeira vez em voz alta. Para ela, todo o medo do mundo estava contido ali. – Que é que vais fazer? – perguntou Julia petrificada.

– Partir – disse Anna.

– Não, não é isso que quero dizer. Quero dizer... em que é que tens esperança?

– Em tudo – disse Anna. E o brilho de uma esperança maior inundou de novo o medo no seu rosto.

– Em tudo? – disse Ellen em voz baixa. – Em tudo... foi o que disse?

– Em tudo – repetiu Anna, tranquila. – Sempre tive esperança em tudo. Porque é que havia de desistir agora?

– Isso... – balbuciou Ellen – Isso era o que eu queria dizer. É isso que a estrela significa: tudo!

Julia olhava confusa de uma para a outra.

– Esperem! – gritou Ellen – Não demora muito, vou só buscar os outros.

E antes de alguém a conseguir parar, já tinha batido com a porta.

Assustados, afastaram-se da janela.

– Venham comigo!

– Aonde?

– Se quiserem saber o que significa a estrela...

Estavam tão enfraquecidos pelo medo que nem perguntaram por mais. Estavam felizes por terem sido tirados da profundidade que os sugava. Calados, correram atrás de Ellen. Nem viram as pequenas carroças pesadamente carregadas na escuridão da berma da

estrada, nem os rostos de choro, nem o riso dos indiferentes. Tal como Ellen, já só viam a estrela.

À frente do portão, recuaram, assustados.

– A Julia, não!

– Não – disse Ellen e abriu o portão com força.

Julia arrumara os lenços espalhados. Enquanto cumprimentava as crianças, não falou do visto e não os olhou no rosto.

– Nunca mais cá teríamos vindo – disse Bibi com a sua voz aguda – A culpa é da Ellen!

– Nunca! – repetiram os outros.

– Teríamos passado bem sem isto – disse Kurt.

Os sapatos pesados deles deixaram pegadas no chão claro.

– A Anna está aqui – disse Ellen.

Anna, era como uma respiração. Como receber e entregar num só.

Anna estava sentada em cima da mala de navio e sorria-lhes. Perderam a timidez. – Não se querem sentar?

Sentaram-se em círculo no chão. Entrecoberta. Pareceu, de repente, que já estavam há muito tempo em viagem.

– E que querem saber?

– Queremos saber o que a estrela quer dizer!

Anna olhava tranquilamente de uns para os outros. – Porque é que querem saber isso?

– Porque temos medo. – Os rostos deles reluziam.

– E de que é que têm medo? – disse Anna.

– Da polícia secreta! – gritaram todos ao mesmo tempo.

Anna levantou a cabeça e olhou para todos de repente. – Mas porquê? Porque é que é logo da polícia secreta que têm medo? – As crianças calaram-se, perplexas.

– Eles proibem-nos de respirar – disse Kurt e ficou vermelho de raiva – eles cospem-nos para cima, eles andam atrás de nós!

– Estranho – disse Anna – porque é que eles fazem isso?

– Eles odeiam-nos.

– Que é que lhes fizeram?

– Nada – disse Herbert.

– Vocês estão em minoria. Vocês são proporcionalmente mais pequenos e mais fracos do que eles. Vocês não têm armas. E ainda assim não têm paz.

– Queremos saber o que a estrela quer dizer! – gritou Kurt. – Que é que se vai passar connosco?

– Quando fica escuro – disse Anna – quando fica muito escuro, que é que acontece?

– Ficamos com medo.

– E que é que se fazemos?

– Defendemo-nos.

– Lutamos por nós mesmos, não é? – disse Anna – Constatamos que não serve de nada. Fica ainda mais escuro. Que é que fazemos então?

– Procuramos uma luz. – gritou Ellen.

– Uma estrela – disse Anna – Está muito escuro à volta da polícia secreta.

– Acredita... acredita mesmo nisso? – surgiu inquietação entre as crianças. Pálidos e furiosos, os rostos deles brilhavam.

– Já percebi! – Georg levantou-se – Agora já percebi, já percebi!

– Que é que já percebeste?

– A polícia secreta tem medo.

– Claro – disse Anna – a polícia secreta é medo, medo vivo... nada mais. – O brilho no rosto dela ficou mais profundo.

– A polícia secreta tem medo!

– E nós temos medo deles!

– Medo do medo, uma coisa anula a outra!

– Medo do medo, medo do medo! – gritou Bibi e riu-se. Deram-se as mãos e saltaram em torno da mala grande.

– A polícia secreta perdeu a estrela.

– A polícia secreta anda atrás de uma outra.

– Mas a que eles perderam e a que nós trazemos são uma e a mesma coisa!

– E se estivermos a alegrar-nos demasiado cedo? – disse Bibi e ficou em silêncio – Se afinal fosse verdade aquilo que eu ouvi?

– Que é que ouviste?

– A estrela significa a morte.

– Onde é que ouviste isso, Bibi?

– Porque os meus pais achavam que eu já tinha adormecido.

– Se calhar ouviste mal – murmurou Ellen – se calhar queriam dizer que a morte significa a estrela?

– Não se deixem enganar – disse Anna, tranquila – tudo o que vos posso aconselhar é isto: vão atrás da estrela! Não perguntem aos adultos, eles enganam-vos como Herodes quis enganar os três reis. Perguntem a vocês mesmos, perguntem aos vossos anjos.

– A estrela – gritou Ellen com as faces em brasa – a estrela dos reis magos, eu sabia!

– Tenham compaixão para com a polícia secreta – disse Anna – Já estão outra vez com medo do rei dos judeus.

Julia levantou-se e, enregelada, correu as cortinas. – Ficou tão escuro!

– Tanto melhor – disse Anna.

CONCLUSÃO

A realização deste projeto deu-me a oportunidade de me dedicar à tradução literária, quer na sua prática, quer na reflexão sobre o trabalho desenvolvido. O contacto não só com o romance, mas também com obras teóricas sobre literatura e sobre tradução permitiu-me consolidar os conhecimentos adquiridos ao longo deste ciclo de estudos e também adquirir uma nova experiência e uma compreensão diferente do ato de traduzir.

A conclusão que destaco em primeiro lugar, por ter sido aquela que se revelou de maior importância, é a de que a leitura – e a consequente interpretação – do texto a traduzir, de obras dos mesmos autores e de outros textos de diversa índole, que direta ou indiretamente tenham sido produzidos pelos autores, é mais determinante e mais proveitosa do que a dos textos sobre a obra e/ou sobre os autores. A leitura reiterada do texto na sua globalidade e, particularmente, dos capítulos a traduzir, bem como de outras obras de Aichinger e das entrevistas que lhe foram feitas ensinou-me mais sobre o romance do que o conhecimento das recensões e das críticas.

Esta leitura possibilitou uma exploração dos “invisíveis do texto” (Barrento, 2002, pp. 17-8), particularmente uma consciência mais aprofundada do estilo da obra, o que se revelou determinante, por um lado, na construção das personagens e no seu modo de agir e de reagir no universo diegético, e, por outro lado, na identificação das isotopias. Com efeito, as primeiras versões da tradução apresentavam alguns desvios em relação ao original no modo como as personagens se expressavam. Um desses desvios foi a reprodução demasiado enfática da oralidade. Uma familiaridade maior com a obra e com o seu estilo, bem como uma maior consciência das *nuances* semânticas presentes nas partículas modais alemãs possibilitaram aproximar da expressão das personagens do texto traduzido àquela que se lê no texto de partida. Também a identificação de uma rede complexa de isotopias recorrentes no romance levou a várias alterações aquando de cada versão da tradução. O exemplo mais evidente talvez seja o passo em que ‘still’, inicialmente traduzido por ‘tranquilas’, passa para ‘silenciosas’, a favor da recorrência da isotopia do silêncio.

Esta abordagem permitiu-me ter maior consciência da natureza complexa do texto literário e da forma como a sua tradução se distingue da de um texto pragmático. A tradução literária exige uma atenção especial a componentes, como o tema, os macrossignos, as técnicas de estruturação e o estilo, ao passo que o texto pragmático se pauta por outros critérios. A polissemia é outra característica do texto literário que

distingue a sua tradução da de um texto pragmático. Esta figura estilística nem sempre é passível de tradução, dadas as múltiplas diferenças entre os sistemas linguísticos em causa. Esta condição obriga por vezes os tradutores a fazerem escolhas, que podem diminuir o espectro de sentidos possíveis e que, por isso, podem condicionar a leitura do texto traduzido.

Em segundo lugar, concluo que é fundamental ter uma ideia clara da ‘encomenda de tradução’, mesmo que ela exista apenas como referência criada na mente dos tradutores e não como uma encomenda dada por uma entidade externa. Dentro da noção de ‘encomenda de tradução’, saliento a relevância do público-alvo. Traduzir um texto tão denso como este romance, graças à sua linguagem de tendências surrealistas, às frequentes relações intertextuais de carácter literário, religioso e cultural, às múltiplas figuras de linguagem, como os jogos de palavras, torna-se uma tarefa menos difícil se se pressupuserem conhecimentos literários e culturais, também eles densos, por parte dos leitores do texto de chegada. Porém, esta suposição tem limites dificilmente definíveis e a função dos tradutores assenta em perscrutar, não sem risco, até onde podem chegar os conhecimentos destes leitores.

Em terceiro lugar, ganhei consciência de que não se deve subestimar o novo recetor e ceder ao impulso de aduzir muitas explicações. As primeiras versões da tradução sofriam deste defeito, por se sentir necessidade de apresentar aos leitores mais informações do que as presentes no texto.

Em quarto lugar, observei que a comparação do texto de partida com as traduções espanhola e francesa e das traduções entre si, apesar de ter sido um trabalho moroso, se revelou profícuo. A comparação, propositadamente posterior ao meu próprio trabalho, (i) ajudou-me a lidar mais profundamente com o romance, quase como sendo uma releitura através da ótica de outros tradutores e de outras línguas – dois fatores que influenciam profundamente a expressão de um texto –; (ii) mostrou-me outras opções de que, possivelmente, não me lembraria espontaneamente e outras opções que rejeitei por a minha leitura se afastar daquelas que encontrei nos tradutores e/ou por encarar a tradução literária de modo diferente; (iv) permitiu-me formular a hipótese de a tradução francesa se apoiar na espanhola e (v) deu-me um maior conhecimento de todas as línguas em causa.

Concluo ainda que um texto literário em língua estrangeira pode ter passos cuja compreensão, aparentemente clara no momento da leitura, se torna difícil na da tradução. A dificuldade da compreensão de alguns passos pode ser colmatada através do

conhecimento da obra a traduzir e, eventualmente, de outros textos, bem como através do contacto com falantes nativos da língua de partida com experiência literária.

Por último, acrescento que me sinto, agora, mais capaz de lidar com textos literários complexos e de os interpretar, privilegiando a identificação dos problemas e das dificuldades que fui consciencializando na tradução dos capítulos e na redação deste texto.

OBRAS DE ILSE AICHINGER CONSULTADAS

- Aichinger, I. (1948). *Die größere Hoffnung*. Fischer Taschenbuch Verlag.
- Aichinger, I. (1952). Die Vögel beginnen zu singen, wenn es noch finster ist. Em S. Moser (Ed.), *Ilse Aichinger: Materialien zu Leben und Werk* (pp. 23-24). Fischer Taschenbuch Verlag.
- Aichinger, I. (1977). Ilse Aichinger im Gespräch. (H. Fleck, Entrevistador) ORF.
- Aichinger, I. (1980). Sich nicht anpassen lassen.... (H. Vinke, Entrevistador, & S. Fässler, Editor)
- Aichinger, I. (1982). Genau hinsehe, was geschieht. (C. Janacs, Entrevistador, & S. Fässer, Editor)
- Aichinger, I. (1986). »Die Vögel beginnen zu singen, wenn es noch finster ist«. Auszug aus einem Gespräch mit Ilse Aichinger im Anschluß an eine Neueinspielung des Hörspiels 'Die Schwestern Jouet'. (M. Esser, Entrevistador, & S. Moser, Editor)
- Aichinger, I. (1996). Ich will verschwinden. (I. Radisch, Entrevistador, & S. Fässler, Editor)
- Aichinger, I. (1996-2002). *Werke: Taschenbuchausgabe in acht Bänden*. (R. Reichensperger, & H. Mayer, Edits.) Fischer Taschenbuch Verlag.
- Aichinger, I. (1997). Dazwischen sehr viel Schweigen. (C. Hell, Entrevistador, & S. Fässler, Editor)
- Aichinger, I. (2004). *La esperança más grande*. (A. Kovacsics, Trad.) Editorial Minúscula.
- Aichinger, I. (2007). *Un plus grand espoir*. (U. Müller, & D. Denjean, Trads.) Éditions Verdier.

LISTA DE REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Barrento, J. (2002). *O poço de Babel*. Relógio D'Água.
- Bartsch, K., & Melzer, G. (Edits.). (1993). *Ilse Aichinger*. Literaturverlag Droschl.
- Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaft (Ed.). (s.d.). *DWDS – Digitales Wörterbuch der deutschen Sprache. Das Wortauskunftssystem zur deutschen Sprache in Geschichte und Gegenwart*. Obtido de <https://www.dwds.de>
- Berlin-Brandenburgischen Akademie der Wissenschaft (Ed.). (s.d.). "leise". Obtido em 23 de fevereiro de 2021
- Bluteau, R. (1712-28). *Vocabulário português e latino* (Vol. III). Collegio das Artes da Companhia de Jesu. Obtido de <https://purl.pt/13969>
- Bundeszentrale für politische Bildung. (14 de Setembro de 2020). *Bundeszentrale für politische Bildung*. Obtido em 8 de Janeiro de 2021, de <https://www.bpb.de/politik/hintergrund-aktuell/68999/nuernberger-gesetze>
- Camões, L. (1572 (1985)). *Os Lusíadas*. (E. Ramos, Ed.)
- Capicua (2012). Medo do medo [Capicua gravado]. Em *Capicua* [LP]. O. Discos.
- Delille, K. (1986). *Problemas da tradução literária*. Almedina.
- Deutsche Nationalbibliothek. (2013). *Helga Michie*. Obtido em 8 de Janeiro de 2021, de Künste im Exil: <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/DE/Personen/michie-helga.html>
- Dietz, L. (2015). Ilse Aichinger. Em *Kindler Klassiker: Deutsche Literatur* (p. 7). Springer-Verlag.
- Dudenredaktion. (14 de Fevereiro de 2021). *Duden online*. Obtido de <https://www.duden.de/woerterbuch>
- Eisenberg, P., Peters, J., Gallmann, P., Fabricius-Hansen, C., Nübling, D., . . . Fiehler, R. (2009). *Duden - Die Grammatik* (8. ed.). Duden.
- Endres, E. (1990). Ilse Aichinger. Em S. Moser (Ed.), *Ilse Aichinger: Materialien zu Leben und Werk* (pp. 90-96). Fischer Taschenbuch Verlag.
- Esser, M. (1986). »Die Vögel beginnen zu singen, wenn es noch finster ist«. Auszug aus einem Gespräch mit Ilse Aichinger im Anschluß an eine Neueinspielung des Hörspiels 'Die Schwestern Jouet'. Em S. Moser (Ed.), *Ilse Aichinger: Materialien zu Leben und Werk* (pp. 41-50). Fischer Taschenbuch Verlag.
- Fässler, S. (Ed.). (2011). *Es muss gar nichts bleiben*. Edition Korrespondenzen.

- Götz, D., Haensch, G., & Wellmann, H. (Eds.). (2003). *Großwörterbuch Deutsch als Fremdsprache*. Langenscheidt.
- Grimm, J., & Grimm, W. (1812-1858 (2015)). *Kinder- und Hausmärchen (Contos Completos)*. (F. Silva, Ed., & T. Bairos, Trad.) Temas e Debates.
- Haider, H. (1975). Guter Rat ist teuer geworden. Em S. Fässler (Ed.), *Es muss gar nichts bleiben: Interviews 1952-2005* (pp. 21-24). Edition Korrespondenzen.
- Hörster, M. (1984). Ilse Aichinger (1921-). Em L. Scheidl, *Novas histórias com tempo e lugar* (pp. 283–290). Edições Afrontamento.
- Hörster, M. (1998). Problemas de tradução. Sistematização e exemplos. *V Jornadas de Tradução* (pp. 33-43). Instituto Superior de Assistentes e Intérpretes.
- Hörster, M., & Athayde, F. (2006). Compostos alemães: aspectos da sua tradução para português. *Akten des XII. ALEG-Kongresses* (pp. 1-20). Asociación Latinoamericana de Estudios Germanísticos.
- Infopédia. (s.d.). *Infopédia*. Obtido em 23 de 06 de 2021, de Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/embaixada>
- Johnson, L. (1989). *Introducing Austria: a short history*. Ariadne Press.
- Kirchof, E. (julho-dezembro de 2010). Yuri Lotman e semiótica da cultura. *Revista Práxis*, pp. 63-72.
- Kleinlercher, A. (2015). Ilse Aichinger's Novel Die größere Hoffnung in English Translation: A Critique. *Austrian Studies, Vol. 23, Translating Austria*, 143-157. Obtido em 7 de Janeiro de 2021, de <https://www.jstor.org/stable/10.5699/austrianstudies.23.2015.0143>
- Langenscheidt (Ed.). (s.d.). *Deutsch-Portugiesisch Wörterbuch*. Obtido de <https://de.langenscheidt.com/deutsch-portugiesisch/>
- Mateus, M. (2006). *Gramática da língua portuguesa*. Caminho.
- Michaelis, H. (1934). *Neues Wörterbuch der portugiesischen und detuschen Sprache*. Brockhaus.
- Moderno dicionário da língua portuguesa*. (1985). Círculo de leitores.
- Moser, S. (Ed.). (1990). *Ilse Aichinger: Materialien zu Leben und Werk*. Fischer Taschenbuch Verlag.
- Nabokov, V. (1955). Problems of Translation: "Onegin" in English. Em L. Venuti (Ed.), *The translation studies reader* (pp. 71-83). Routledge.
- Nord, C. (1988). *Textanalyse und Übersetzung*. Julius Groos.
- Nord, C. (1993). *Einführung in das funktionale Übersetzen*. Francke Verlag.

- Nübling, D. (2000). Entwicklungen im Flexionsklassen- und Ablautsystem des Alemannischen. (H. Wellmann, & I. Barz, Edits.) *Sprache - Literatur und Geschichte*, pp. 217-229.
- Pequeno dicionário da língua portuguesa*. (1998). Melhoramentos.
- PONS (Ed.). (s.d.). *PONS Online-Wörterbuch*. Obtido de <https://de.pons.com/%C3%BCbersetzung?q=&l=de&in=&lf=de&qnac=>
- Reulecke, J. (2014). A época das Guerras Mundiais (1914-1945). Em U. Dirlmeier, A. Gestrich, U. Herrmann, E. Hinrichs, K. Jarausach, C. Kleßmann, & J. Reulecke (Edits.), *História da Alemanha do século VI aos nossos dias* (M. Toldy, & T. Toldy, Trads., pp. 287-340). Edições 70.
- Schafroth, H. (1978). Ilse Aichinger. Em H. Korte (Ed.), *Kritisches Lexikon zur deutschsprachigen Gegenwartsliteratur* (pp. 1-12; A-H). edition text + kritik.
- Schafroth, H. (1997). Ilse Aichinger. Em *Kritisches Lexikon zur deutschsprachigen Gegenwartsliteratur*.
- Silva, V. (2011). *Teoria e metodologia literárias*. Universidade Aberta.
- Silva, V. (2020). *Teoria da literatura*. Livraria Almedina.
- Steinwendtner, B. (1993). Ein paar Fragen in Briefen. Em S. Fässler (Ed.), *Es muss gar nichts bleiben: Interviews 1952-2005* (pp. 67-71). Edition Korrespondenzen.
- Steinwendtner, B. (2001). Gespräche aus vielen Jahren. Em S. Fässler (Ed.), *Es muss gar nichts bleiben* (pp. 159-167). Edition Korrespondenzen.
- Thums, B. (1998). Aichinger, Ilse. Em U. Hechtfisher, R. Hof, I. Stephan, & F. Veit-Wild (Edits.), *Metzler Autorinnen Lexikon* (pp. 9-11). J. B. Metzler.
- Thums, B. (2000). *Den Ankünften nicht glauben wahr sind die Abschiede : Mythos, Gedächtnis und Mystik in der Prosa Ilse Aichingers*. Rombach.
- Trier Center for Digital Humanities. (s.d.). *Deutsches Wörterbuch von Jacob Grimm und Wilhelm Grimm, digitalisierte Fassung im Wörterbuchnetz des Trier Center for Digital Humanities*. Obtido em 14 de Fevereiro de 2021, de <https://woerterbuchnetz.de/?sigle=DWB#0>
- Vannemeren, M., & Snell-Hornby, M. (1986). Die Szene hinter dem Text: "scenes-and-frames semantics" in der Übersetzung. Em M. Snell-Hornby (Ed.), *Übersetzungswissenschaft - eine Neuorientierung* (pp. 184-205).
- Vinay, J., & Darbelnet, J. (1977). *Stylistique comparée du français et de l'anglais : méthode de traduction*. Didier.
- Vocelka, K. (2000). *Geschichte Österreichs*. Wilhelm Heyne Verlag.

Weindling, P. (27 de Abril de 2020). The Kindertransport from Vienna: the children who came and those left behind. *Jewish Historical Studies*, pp. 16-32.
doi:10.14324/111.444.jhs.2020v51.003

VIII. ANEXOS

VIII.1. Capítulo 1 *Die große Hoffnung* (texto de partida e tradução)

Die große Hoffnung

Rund um das Kap der Guten Hoffnung wurde das Meer dunkel. Die Schifffahrtslinien leuchteten noch einmal auf und erloschen. Die Fluglinien sanken wie eine Vermessenheit. Ängstlich sammelten sich die Inselgruppen. Das Meer überflutete alle Längen- und Breitengrade. Es verlachte das Wissen der Welt, schmiegte sich wie schwere Seide gegen das helle Land und ließ die Südspitze von Afrika nur wie eine Ahnung im Dämmern. Es nahm den Küstenlinien die Begründung und milderte ihre Zerrissenheit.

Die Dunkelheit landete und bewegte sich langsam gegen Norden. Wie eine große Karawane zog sie die Wüste hinauf, breit und unaufhaltsam. Ellen schob die Matrosenmütze aus dem Gesicht und zog die Stirne hoch. Plötzlich legte sie die Hand auf das Mittelmeer, eine heiße kleine Hand. Aber es half nichts mehr. Die Dunkelheit war in die Häfen von Europa eingelaufen.

Schwere Schatten sanken durch die weißen Fensterrahmen. Im Hof rauschte ein Brunnen. Irgendwo verebbte ein Lachen. Eine Fliege kroch von Dover nach Calais.

Ellen fror. Sie riß die Landkarte von der Wand und breitete sie auf den Fußboden. Und sie faltete aus ihrem Fahrschein ein weißes Papierschiff mit einem breiten Segel in der Mitte.

Das Schiff ging von Hamburg aus in See. Das Schiff trug Kinder. Kinder, mit denen irgend etwas nicht in Ordnung war. Das Schiff war vollbeladen. Es fuhr die Westküste entlang und nahm immer noch Kinder auf. Kinder mit langen Mänteln und ganz kleinen Rucksäcken, Kinder, die fliehen mußten. Keines von ihnen hatte die Erlaubnis zu bleiben und keines von ihnen hatte die Erlaubnis zu gehen.

Kinder mit falschen Großeltern, Kinder ohne Paß und ohne

A grande esperança

Em torno do Cabo da Boa Esperança, o mar ia ficando escuro. As linhas de rota dos navios acendiam-se mais uma vez e apagavam-se. As linhas de rota dos aviões baixavam como uma temeridade. Assustados, os grupos de ilhas juntavam-se. O mar inundava todas as longitudes e latitudes. Ria-se do saber do mundo, aconchegava-se como seda pesada à terra clara e deixou a ponta sul de África apenas como uma vaga ideia no crepúsculo. Retirou às linhas costeiras o sentido e atenuou-lhes os contornos acidentados.

A escuridão ia aterrando e movia-se lentamente para Norte. Como uma grande caravana, avançava deserto acima, larga e imparável. Ellen puxou a boina de marinheiro para trás e ergueu a cabeça. De repente pôs a mão em cima do Mediterrâneo, uma mão pequenina e quente. Mas já não serviu de nada. A escuridão tinha entrado nos portos da Europa.

Sombras pesadas afundavam-se através dos caixilhos brancos das janelas. No pátio rumorejava uma fonte. Algures refluíu um riso. Uma mosca rastejava de Dover para Calais.

Ellen estava enregelada. Arrancou o mapa-mundo da parede e estendeu-o no chão. E dobrou o bilhete num barquinho branco com uma vela grande no meio.

O barco largou de Hamburgo rumo ao mar alto. O navio levava crianças. Crianças com as quais alguma coisa não estava certa. O barco estava a abarrotar. Navegou ao longo da costa oeste e ia sempre a acolhendo mais crianças. Crianças com casacos compridos e com sacolas minúsculas, crianças que tinham de fugir. Nenhuma delas tinha autorização para ficar e nenhuma delas tinha autorização para partir.

Crianças com avós errados, crianças sem passaporte e sem

Visum, Kinder, für die niemand mehr bürgen konnte. Deshalb fuhren sie bei Nacht. Niemand wußte davon. Sie wichen den Leuchttürmen aus und machten große Bogen um die Ozeandampfer. Wenn sie Fischerbooten begegneten, baten sie um Brot. Um Mitleid baten sie niemanden.

In der Mitte des Ozeans streckten sie die Köpfe über den Schiffsrand und begannen zu singen. »Summ, summ, summ, Bienchen summ herum –«, »It's a long way to Tipperary –«, »Häschen in der Grube« und noch vieles andere. Der Mond legte eine silberne Christbaumkette über das Meer. Er wußte, daß sie keinen Steuermann hatten. Der Wind fuhr hilfreich in ihre Segel. Er fühlte mit ihnen, er war auch einer von denen, für die niemand bürgen konnte. Ein Haifisch schwamm neben ihnen her. Er hatte sich das Recht ausgebeten, sie vor den Menschen beschützen zu dürfen. Wenn er Hunger bekam, gaben sie ihm von ihrem Brot. Und er bekam ziemlich oft Hunger. Auch für ihn konnte niemand bürgen.

Er erzählte den Kindern, daß Jagd nach ihm gemacht wurde, und die Kinder erzählten ihm, daß Jagd nach ihnen gemacht wurde, daß sie heimlich fuhren und daß es sehr aufregend war. Sie hatten keinen Paß und kein Visum. Aber sie wollten um jeden Preis hinüberkommen.

Der Haifisch tröstete sie, wie nur ein Haifisch trösten kann. Und er blieb neben ihnen.

Ein U-Boot tauchte vor ihnen auf. Sie erschrakten sehr, aber als die Matrosen sahen, daß manche von den Kindern Matrosenmützen trugen, warfen sie ihnen Orangen zu und taten ihnen nichts.

Als der Haifisch den Kindern gerade einen Witz erzählen wollte, um sie von ihren traurigen Gedanken abzulenken, brach

visto, crianças de quem já ninguém podia ser fiador. Por isso navegavam de noite. Ninguém sabia. Evitavam os faróis e davam grandes curvas para contornar de largo os transatlânticos. Quando encontravam barcos de pescadores, pediam pão. Compaixão não pediam a ninguém.

No meio do oceano, debruçaram-se sobre a amurada e começaram a cantar. “Zum, zum, zum, abelhinha, voa ...”, “It's a long way to Tipperary...”, “Coelhinho, foge, foge desta tua toca escura” e ainda muitas outras coisas. A lua deitou sobre o mar uma fita prateada de árvore de Natal. Sabia que elas não tinham timoneiro. O vento soprava-lhes nas velas, a ajudar. Sofria com elas, também ele era um daqueles de quem ninguém podia ser fiador. Um tubarão nadava ao lado delas. Tinha solicitado o direito de protegê-las das pessoas. Quando ficava com fome, as crianças davam-lhe do seu pão. E ele ficava bastantes vezes com fome. Dele também ninguém podia ser fiador.

Ele contou às crianças que andavam à caça dele e as crianças contaram-lhe que andavam à caça delas, que navegavam às escondidas e que era mesmo emocionante. Não tinham nem passaporte nem visto. Mas queriam a todo o custo chegar ao outro lado.

O tubarão consolou-as como só um tubarão consegue consolar. E ficou ao lado delas.

Um submarino emergiu à sua frente delas. Ficaram muito assustadas, mas, quando os marinheiros viram que muitas das crianças tinham boinas de marinheiro, atiravam-lhes laranjas e não lhes fizeram nada.

Quando o tubarão ia para contar uma piada às crianças para as distrair dos pensamentos tristes, rebentou

ein furchtbarer Sturm los. Der arme Haifisch wurde von einer riesigen Woge weit hinausgeschleudert. Entsetzt riß der Mond die Christbaumkette zurück. Kohlschwarzes Wasser spritzte über das kleine Schiff. Die Kinder schrien laut um Hilfe. Niemand hatte für sie gebürgt. Keines von ihnen hatte einen Rettungsgürtel.

Groß und licht und unerreichbar tauchte die Freiheitsstatue aus dem Schrecken. Zum ersten und zum letzten Male.

Ellen schrie im Schlaf. Sie lag quer über der Landkarte und wälzte sich unruhig zwischen Europa und Amerika hin und her. Mit ihren ausgestreckten Armen erreichte sie Sibirien und Hawaii. In der Faust hielt sie das kleine Papierschiff und sie hielt es fest.

Die weißen Bänke mit den roten Samtpolstern liefen erstaunt im Kreis. Die hohen, glänzenden Türen zitterten leise. Die bunten Plakate wurden dunkel vor diesem Schmerz.

Ellen weinte. Ihre Tränen befeuchteten den Pazifischen Ozean. Ihre Matrosenmütze war vom Kopf gefallen und bedeckte einen Teil des Südlichen Eismeers. Es lag sich hart genug auf dieser Welt. Wäre das kleine Papierschiff nicht gewesen!

Der Konsul hob den Kopf von seiner Arbeit.

Er stand auf, ging um den Schreibtisch und setzte sich wieder nieder. Seine Uhr war stehengeblieben und er hatte keine Ahnung, wie spät es war. Es mußte auf Mitternacht gehen. Nicht mehr heute und noch nicht morgen, soviel war sicher.

Er schlüpfte in den Mantel und löschte das Licht. Gerade als er den Hut aufsetzen wollte, hörte er es. Er behielt den Hut

uma tempestade medonha. O pobre tubarão foi atirado para muito longe por uma onda gigante. Apavorada, a lua puxou de repente a fita da árvore de Natal. Água negra como carvão salpicou o barquinho todo. As crianças gritaram alto por socorro. Ninguém fora fiador delas. Nenhuma tinha boia de salvação.

Grande e luminosa e inatingível surgiu, do susto, a Estátua da Liberdade. Pela primeira e pela última vez.

Ellen gritou no meio do sono. Estava atravessada sobre o mapa-mundo e rebojava, inquieta, de um lado para o outro entre a Europa e a América. Com os braços esticados chegava à Sibéria e ao Havai. No punho fechado segurava o barquinho de papel e segurava-o com força.

Os bancos brancos com as almofadas vermelhas de veludo corriam espantados em círculo. As portas altas, brilhantes tremiam levemente. Os cartazes coloridos ficaram escuros ante esta dor.

Ellen pôs-se a chorar. As lágrimas humedeceram o Oceano Pacífico. A boina de marinheiro tinha-lhe caído da cabeça e tapava uma parte do Oceano Antártico. Era bem duro estar deitada neste mundo. Se não fosse o barquinho de papel!

O cônsul levantou os olhos do trabalho.

Pôs-se de pé, deu uma volta à secretária e tornou a sentar-se. O relógio tinha parado e ele não fazia ideia de que horas eram. Devia ser perto da meia-noite. Já não era hoje e ainda não era amanhã, isso era certo.

Enfiou o casaco e apagou a luz. Quando ia para pôr o chapéu, ouviu qualquer coisa. Ficou com o chapéu

in der Hand. Es war das Schreien einer Katze; hilflos und unentwegt. Es machte ihn zornig.

Möglicherweise kam es aus dem Raum, in welchem die Leute tagsüber darauf warteten, abgewiesen zu werden. Diese vielen, vielen Leute mit den weißen, erwartungsvollen Gesichtern, die alle auswandern wollten, weil sie Angst hatten und weil sie noch immer daran dachten, die Welt wäre rund. Unmöglich, ihnen zu erklären, daß die Regel eine Ausnahme und die Ausnahme keine Regel war. Unmöglich, ihnen den Unterschied zwischen dem lieben Gott und einem Konsulatsbeamten klarzumachen. Sie hörten nicht auf zu hoffen, das Unwägbare in der Hand zu wägen und das Unberechenbare zu berechnen. Sie hörten einfach nicht auf.

Der Konsul beugte sich noch einmal aus dem Fenster und sah hinunter. Da war niemand. Er schloß hinter sich ab und steckte den Schlüssel in die Tasche. Mit großen Schritten durchquerte er die Vorräume. Mehr Vorräume als Räume, wenn man alles zusammennahm. Mehr Hoffnung, als man erfüllen konnte. Viel zuviel Hoffnung. Wirklich, zuviel?

Und doch tat die Stille weh. Schwarz in schwarz war die Nacht. Warm und dicht ineinandergewebt wie ein Trauerkleid. Hofft, ihr Leute, hofft! Webt helle Fäden dazwischen! Ein neues Muster muß werden auf der anderen Seite.

Der Konsul ging schneller. Er sah geradeaus und gähnte. Aber ehe er noch die Hand vor den Mund halten konnte, flog er der Länge nach hin. Er war über ein Hindernis gestolpert.

Der Konsul sprang auf. Er fand den Schalter nicht gleich. Als er das Licht andrehte, schlief Ellen noch immer. Ihr Mund stand offen. Sie lag auf dem Rücken und hatte die Fäuste geballt. Ihr Haar war geschnitten wie die Mähne eines Ponys,

na mão. Era o grito de um gato, desesperado e insistente. Aquilo irritou-o.

Vinha possivelmente da sala onde, durante o dia, as pessoas ficavam à espera de ser rejeitadas. Aquelas muitas, muitas pessoas de rosto pálido e expectante, que queriam todas elas emigrar porque tinham medo e porque ainda pensavam que o mundo era redondo. Impossível explicar-lhes que a regra era uma exceção e que a exceção não era regra. Impossível tornar-lhes clara a diferença entre o Pai do Céu e um funcionário do consulado. Não se lhes esgotava a esperança de ponderar o imponderável na palma da mão e de calcular o incalculável. Pura e simplesmente, não se lhes esgotava a esperança.

O cônsul debruçou-se à janela uma vez mais e olhou para baixo. Não havia ninguém. Fechou a porta ao sair e meteu a chave no bolso. A passos largos atravessou as salas de espera. Mais de espera do que salas, bem vistas as coisas. Mais esperança do que se podia satisfazer. Demasiada esperança. Mesmo demasiada?

E, contudo, o silêncio doía. Negra no negro, a noite. Quente e densamente entretecida como um vestido de luto. Tenham esperança, gente, tenham esperança! Entreteçam-lhe fios de tons claros lá pelo meio! Um padrão novo tem de surgir do outro lado.

O cônsul começou a andar mais depressa. Olhou em frente e bocejou. Mas, ainda antes de ter conseguido levar a mão à boca, estatelou-se no chão. Tinha tropeçado num obstáculo.

Levantou-se de repente. Não encontrou logo o interruptor. Quando acendeu a luz, Ellen ainda estava a dormir. De boca aberta. Estava deitada de costas e tinha os punhos cerrados. Tinha o cabelo cortado como a crina de um pónei

und auf dem Rand ihrer Mütze stand mit kleinen, goldenen Buchstaben »Schulschiff Nelson«. Sie lag zwischen dem Kap der Guten Hoffnung und der Freiheitsstatue und war nicht wegzubringen. Das war alles, was man mit einer Beule über dem linken Auge halbwegs ausnehmen konnte. Der Konsul wollte mit lauter Stimme etwas Unfreundliches sagen, preßte aber die Hand vor den Mund. Er hob seinen Hut vom Boden auf und streifte alles glatt. Und er kam ganz langsam auf Ellen zu. Sie atmete tief und schnell, als versäumte sie mit jedem Atemzug etwas viel Wichtigeres.

Der Konsul schlich auf den Fußspitzen rund um die Landkarte. Er bückte sich, hob Ellen sanft von der harten Welt und legte sie auf die Samtpolster. Sie seufzte mit geschlossenen Augen und grub den Kopf in seinen hellgrauen Mantel, einen runden, ganz harten Kopf. Als dem Konsul beide Füße eingeschlafen waren, nahm er Ellen auf die Arme, sperrte alle Türen wieder auf und trug sie vorsichtig in sein Zimmer.

Es schlug eins, die Stunde, zu der keine Uhr der Welt sich bewegen ließ, mehr zu sagen. Die Stunde, zu der es entweder schon zu spät oder noch zu früh ist, die Stunde nach zwölf. Ein Hund bellte. August. Auf einer Dachterrasse wurde noch getanzt. Irgendwo schrie ein Nachtvogel.

Der Konsul wartete geduldig. Er hatte Ellen in einen Lehnstuhl gelegt. Mit einer Zigarre zwischen den Fingern, die Beine weit von sich gestreckt, saß er ihr gegenüber. Er hatte die feste Absicht, geduldig zu sein. Er hatte sein ganzes Leben lang keinen unbekümmerteren Besuch empfangen.

Ellens Kopf lag auf der Lehne. Grenzenloses Vertrauen war in ihrem Gesicht. Die Stehlampe enthüllte es. Der Konsul zündete sich eine Zigarre an der andern an. Er holte ein großes

e, na cinta da boina, estavam umas letrinhas douradas a dizer “Navio-escola Nelson”. Estava deitada entre o Cabo da Boa Esperança e a Estátua da Liberdade e era impossível tirá-la dali. Era tudo o que uma pessoa conseguia perceber com um olho esquerdo inchado. O cônsul ia para dizer alguma coisa desagradável em voz alta, mas tapou a boca com a mão. Apanhou o chapéu do chão e alisou-o. E aproximou-se de Ellen muito devagarinho. Ela tinha uma respiração profunda e acelerada, como se perdesse algo de muito mais importante a cada expiração.

O cônsul deu a volta ao mapa-mundo em bicos dos pés. Debruçou-se, levantou Ellen suavemente daquele mundo duro e deitou-a sobre as almofadas de veludo. Ela suspirou de olhos fechados e enterrou a cabeça no casaco cinzento-claro do cônsul, uma cabeça redonda, muito dura. Quando o cônsul sentiu os pés dormentes, pegou em Ellen ao colo, abriu outra vez as portas e trouxe-a com cuidado para o seu escritório.

Bateu a uma, a hora em que nenhum relógio do mundo consentia em dizer algo mais. A hora em que ou já é demasiado tarde ou ainda é demasiado cedo, a hora depois das doze. Um cão ladrou. Agosto. No terraço do cimo de um prédio, ainda se dançava. Algures gritou uma ave noturna.

O cônsul esperou pacientemente. Tinha deitado Ellen numa poltrona. Com um charuto nos dedos, pernas esticadas, sentou-se à frente dela. Tinha a sólida intenção de ser paciente. Nunca em toda a sua vida recebera uma visita mais despreocupada do que esta.

A cabeça de Ellen estava apoiada num braço da poltrona. Havia uma confiança sem limites no seu rosto. O candeeiro de pé revelava essa confiança. O cônsul ia acendendo um charuto no outro. Foi buscar

Stück Schokolade aus dem Schrank und legte es vor Ellen auf den Rauchtisch; außerdem bereitete er einen Rotstift vor. Was er noch fand, war ein Berg bunter Prospekte. Doch das alles konnte Ellen nicht bewegen, zu erwachen. Ein einziges Mal drehte sie den Kopf auf die andere Seite - erregt richtete sich der Konsul auf - aber da schief sie schon wieder.

Es schlug zwei. Noch immer rauschte der Brunnen. Der Konsul war todmüde. Erstaunt lächelte das Bild des verstorbenen Präsidenten auf ihn herab. Der Konsul versuchte diesen Blick zu erwidern. Aber es war ihm nicht mehr möglich.

Als Ellen erwachte, vermißte sie sofort die Landkarte. Keine Rede, daß ein Stück Schokolade und ein schlafender Konsul sie darüber hinwegtrösten konnten. Sie faltete die Stirn und zog die Knie an sich. Dann stieg sie über die Lehne und rüttelte den Konsul an den Schultern.

»Wo haben Sie die Landkarte hingetan?«

»Die Landkarte?« sagte der Konsul verwirrt, zog seine Krawatte zurecht und strich sich mit der Hand über die Augen.

»Wer bist du?«

»Wo ist die Landkarte?« wiederholte Ellen drohend.

»Ich weiß es nicht«, sagte der Konsul ärgerlich. »Oder meinst du, ich hätte sie versteckt?«

»Vielleicht«, murmelte Ellen.

»Wie kannst du das von mir glauben?« sagte der Konsul und streckte sich. »Welcher Mensch wollte die ganze Welt verstecken?«

»Da kennen Sie die großen Leute schlecht!« erwiderte Ellen nachsichtig. »Sind Sie der Konsul?«

»Der bin ich.«

um grande pedaço de chocolate ao armário e pô-lo à frente de Ellen, na mesinha de fumo; além disso, preparou um lápis vermelho. O que também encontrou foi um monte de folhetos coloridos. Mas nada disso conseguiu que Ellen acordasse. Virou a cabeça para o outro lado uma única vez – sobressaltado, o cônsul se levantou – mas ela continuou a dormir.

Bateram as duas. A fonte ainda rumorejava. O cônsul estava morto de cansaço. Surpreendido, o retrato do falecido presidente sorria-lhe do alto. O cônsul tentou retribuir este olhar. Mas já não lhe foi possível.

Quando Ellen acordou, sentiu logo a falta do mapa-mundo. Nem pensar que um pedaço de chocolate e um cônsul adormecido a pudessem consolar dessa falta. Franziu a testa, encolheu-se agarrada aos joelhos. Depois galgou o braço da poltrona e sacudiu o cônsul pelos ombros.

– Onde é que pôs o mapa-mundo?

– O mapa-mundo? – disse o cônsul, confuso, ajeitou a gravata e passou a mão pelos olhos.

– Quem és tu?

– Onde está o mapa-mundo? – repetiu Ellen em tom ameaçador.

– Não sei. – disse o cônsul, zangado – Achas que eu o escondi?

– Se calhar – murmurou Ellen.

– Como é que podes pensar isso de mim? – disse o cônsul e espreguiçou-se. – Que pessoa é que ia querer esconder o mundo inteiro?

– Aí conhece mal as pessoas crescidas! – retorquiu Ellen com indulgência. – O senhor é o cônsul?

– Sou, sim.

»Dann –«, sagte Ellen, »dann –«; ihre Lippen zitterten.
»Was ist dann?«
»Dann haben Sie doch die Landkarte versteckt.«
»Was soll der Unsinn?« sagte der Konsul zornig.
»Sie können es gutmachen.« Ellen wühlte in ihrer Schultasche. »Ich habe meinen Zeichenblock mitgebracht und eine Feder. Falls Ihr Schreibtisch schon versperrt ist.«
»Was soll ich damit?«
»Das Visum«, lächelte Ellen ängstlich, »bitte schreiben Sie mir das Visum! Meine Großmutter hat gesagt: Es liegt an Ihnen, Sie müssen nur unterschreiben. Und meine Großmutter ist eine gescheite Frau, das können Sie mir glauben!«
»Ja«, sagte er, »ich glaube es dir.«
»Gott sei Dank!« lächelte Ellen. »Aber weshalb haben Sie mir dann das Visum verweigert? Meine Mutter kann nicht allein über das Meer fahren. Wem soll sie das Elaar bürsten und die Socken waschen? Wem soll sie abends ein Märchen erzählen, wenn sie allein ist? Wem soll sie einen Apfel schälen, wenn ich nicht mitfahren kann? Und wem sollte sie eine Ohrfeige geben, wenn es ihr plötzlich zuviel wird? Ich kann meine Mutter nicht allein fahren lassen, Elerr Konsul! Und meine Mutter ist ausgewiesen.«
»Das ist nicht so einfach«, erklärte der Konsul, um Zeit zu gewinnen.
»Und alles«, sagte Ellen, »weil niemand für mich bürgt. Der für meine Mutter bürgt, der bürgt nicht für mich. Das ist eine Geldfrage, sagt meine Großmutter, lächerlich, sagt meine Großmutter, ein Spatz mehr oder weniger, sagt meine Großmutter, das Kind bleibt nicht, das Kind geht auf und davon, der Konsul ist an allem schuld!«

– Então... – disse Ellen, – então... – os lábios tremiam-lhe.
– Então o quê?
– Então o senhor sempre escondeu o mapa-mundo.
– Que disparate é esse? – disse o cônsul, irritado.
– O senhor pode remediar o que fez. – Ellen pôs-se à procura de alguma coisa na mochila. – Trouxe o meu caderno de desenho e uma caneta. Para o caso de a sua secretária já estar trancada.
– E que é que eu faço com isso?
– O visto – Ellen sorriu a medo – por favor passe-me o visto! A minha avó disse: está nas suas mãos, o senhor só tem de assinar. E a minha avó é uma mulher que sabe o que diz, pode acreditar em mim!
– Está bem, – disse ele – acredito em ti.
– Graças a Deus! – disse Ellen, sorrindo – Mas então porque é que me negou o visto? A minha mãe não pode ir para o outro lado do mar sozinha. A quem é que ela há de pentear o cabelo e lavar as meias? A quem é que ela há de contar uma história, à noite, se está sozinha? A quem é que ela há de descascar uma maçã, se eu não puder ir com ela? E a quem é que ela havia de dar uma palmada, quando de repente perder a paciência? Não posso deixar a minha mãe ir sozinha, senhor cônsul! E eles mandaram a minha mãe embora.
– Não é assim tão fácil – disse o cônsul para ganhar tempo.

– E tudo isto – disse Ellen – porque ninguém é meu fiador. O fiador da minha mãe não é meu fiador. É uma questão de dinheiro, diz a minha avó, ridículo, diz a minha avó, mais fedelho, menos fedelho, diz a minha avó, a menina aqui é que não fica, vai e mais nada, a culpa é toda do cônsul!

»Sagt deine Großmutter?«

»Ja. Niemand kann für mich garantieren! Jeder Eisschrank hat einen, der für ihn garantiert, nur ich hab' niemanden. Meine Großmutter sagt: das stimmt, man kann nicht für mich bürgen, aber für wen kann man schon bürgen, sagt meine Großmutter, wenn er lebendig ist? Der Haifisch und der Wind, die haben auch niemanden, der für sie bürgt, aber der Haifisch und der Wind, die brauchen auch kein Visum!«

»Wollen wir jetzt sprechen wie vernünftige Leute?« sagte der Konsul ungeduldig.

»Ja!« erklärte Ellen bereitwillig. Und sie begann ihm die Geschichte von dem Haifisch zu erzählen, von den Kindern ohne Visum und von dem großen Sturm. Dazwischen sang sie ihm auch ein Lied vor. Dann erzählte sie wieder weiter. Laut und ängstlich drang ihre Stimme aus dem großen Lehnstuhl. Sie saß tief im Winkel, und ihre geflickten Schuhsohlen starrten ihm flehend ins Gesicht.

Als sie zu Ende war, bot er ihr Schokolade an.

»Wäre es nicht möglich, daß du alles geträumt hast?« fragte er vorsichtig.

»Geträumt?« rief Ellen. »Keine Spur! Dann hätte ich ja auch geträumt, daß die Kinder im Hof nicht mit mir spielen wollen, dann hätte ich geträumt, daß meine Mutter ausgewiesen ist und ich allein bleiben muß, dann hätte ich geträumt, daß niemand für mich bürgt, dann hätte ich nur geträumt, daß Sie die Landkarte versteckt haben und daß mein Visum verweigert ist!«

»Alle Kinder schlafen«, sagte der Konsul langsam, »nur du nicht.«

»Bei Nacht sind weniger Leute auf dem Konsulat«, erklärte

– A tua avó diz isso?

– Diz. Ninguém me pode dar garantia! Qualquer frigorífico tem alguém que lhe dá garantia, só eu não tenho ninguém. A minha avó diz: é verdade, ninguém pode ser meu fiador, mas afinal, diz a minha avó, quem é que pode ser fiador de quem ainda está vivo? O tubarão e o vento, esses também não têm ninguém que seja seu fiador, mas o tubarão e o vento, esses também não precisam de visto!

– Vamos lá falar agora como pessoas sensatas? – disse o cônsul, impaciente.

– Vamos! – respondeu Ellen prontamente. E começou a contar-lhe a história do tubarão, das crianças sem visto e da grande tempestade. Lá pelo meio também lhe cantou uma canção. Depois continuou a contar a história. Alta e amedrontada, a sua voz erguia-se da grande poltrona. Estava enterrada entre o acento e as costas da poltrona e as solas dos sapatos remendadas fitavam suplicantes a cara do cônsul.

Quando ela terminou, ele ofereceu-lhe chocolate.

– Não é possível que tenhas sonhado com isso tudo? – perguntou ele cautelosamente.

– Sonhado? – gritou Ellen – Nem pensar! Para isso, também tinha sonhado que os meninos do recreio não querem brincar comigo, para isso tinha sonhado que a minha mãe foi mandada embora e que eu tenho de ficar sozinha, para isso tinha sonhado que ninguém é meu fiador, para isso também só tinha sonhado que o senhor escondeu o mapa-mundo e que o meu visto foi rejeitado!

– As crianças estão todas a dormir – disse o cônsul devagar – só tu é que não.

– De noite há menos gente no consulado, – disse

Ellen, »bei Nacht braucht man keine Nummer, bei Nacht geht alles viel schneller, weil es keine Amtsstunden gibt!«

»Gute Idee!«

»Ja!« lachte Ellen. »Der Schuster in unserem Haus, der tschechische Schuster, wissen Sie, der hat gesagt: Geh zum Konsul, der Konsul ist ein guter Mann, der Konsul bürgt für den Wind und die Haifische, der Konsul bürgt auch für dich!«

»Wie bist du hier hereingekommen?« fragte der Konsul schärfer.

»Ich habe dem Portier einen Apfel gegeben.«

»Aber vielleicht hast du doch geträumt? Du mußt jetzt nach Hause gehen.«

»Nach Hause«, beharrte Ellen, »das ist immer dort, wo meine Mutter ist. Und meine Mutter fährt morgen über das Meer, meine Mutter, die ist übermorgen schon dort, wo alles blau wird, wo der Wind sich schlafen legt und die Delphine um die Freiheitsstatue springen!«

»Die Delphine springen nicht um die Freiheitsstatue«, unterbrach sie der Konsul.

»Das macht nichts.« Ellen legte den Kopf auf die Arme.

»Ich bin müde, ich sollte schon schlafen, weil ich doch morgen über das Meer fahre.«

Ihr Vertrauen war unerbittlich. Wie Wüstenwind wehte es durch den kühlen Raum.

»Das Visum!«

»Du hast Fieber«, sagte der Konsul.

»Bitte das Visum!«

Sie hielt ihm den Zeichenblock dicht unter das Gesicht. Ein weißes Blatt war eingespannt, darauf stand mit großen, ungeschickten Buchstaben »Visum«. Rundherum waren bunte

Ellen – de noite não é preciso senha, de noite vai tudo muito mais depressa porque não há horas de expediente!

– Bem pensado!

– Pois é! – Ellen riu-se – O sapateiro lá do prédio, o sapateiro checo, sabe, disse assim: Vai ter com o cônsul, o cônsul é homem bom, o cônsul é fiador do vento e dos tubarões, o cônsul também é teu fiador!

– Como é que entraste aqui? – perguntou o cônsul, mais incisivamente.

– Dei uma maçã ao porteiro.

– Mas, se calhar, tu sonhaste? Agora tens de ir para casa.

– Para casa – disse Ellen, obstinada – casa é sempre onde a minha mãe estiver. E a minha mãe amanhã vai atravessar o mar, a minha mãe, depois de amanhã ela já está onde tudo fica azul, onde o vento se deita para dormir e onde os golfinhos saltam à volta da Estátua da Liberdade!

– Os golfinhos não saltam à volta da Estátua da Liberdade –, interrompeu-a o cônsul.

– Não faz mal. – Ellen pousou a cabeça nos braços. – Estou cansada, já devia estar a dormir porque amanhã me vou embora para o outro lado do mar.

A sua confiança era inabalável. Como um vento de deserto, varreu o escritório frio.

– O visto!

– Estás com febre – disse o cônsul.

– Por favor, o visto!

Ela pôs-lhe o caderno dos desenhos debaixo do nariz. Uma folha branca tinha sido acrescentada, nela estava escrito, com letras grandes e desajeitadas “Visto”. À volta estavam desenhadas umas

Blumen gezeichnet, Blumen und Vögel, und darunter lief ein Strich für die Unterschrift.

»Ich habe alles mitgebracht, Sie müssen nur unterschreiben. Bitte, lieber Herr Konsul, bitte!«

»Das ist nicht so einfach.« Er stand auf und schloß das Fenster. »Nicht so einfach wie bei einer Strafaufgabe. Komm«, sagte er, »komm jetzt! Auf der Gasse will ich dir alles erklären.«

»Nein!« schrie Ellen und rollte sich auf dem Lehnstuhl zusammen. Ihre Wangen brannten. »Bitte, der Schuster hat gesagt, der Schuster hat doch gesagt: Der für den Wind und die Haifische bürgt, der bürgt auch für mich!!«

»Ja«, sagte der Konsul, »ja, der für den Wind und die Haifische bürgt, der bürgt auch für dich. Aber der bin nicht ich.«

»Ich glaub' Ihnen kein Wort«, flüsterte Ellen. »Und wenn Sie jetzt nicht unterschreiben -.« Sie zitterte. Der Schuster hatte gelogen. Der Schuster hatte gesagt: der Konsul - aber der Konsul schob es wieder auf einen andern. Und ihre Mutter saß zu Hause und konnte die Koffer nicht packen, weil sie Angst hatte. Und es war die letzte Nacht.

»Wenn Sie jetzt nicht unterschreiben -«, Ellen suchte nach einer schweren Drohung. Ihre Zähne schlugen aufeinander. »Dann will ich ein Delphin sein. Dann schwimm ich neben dem Dampfer her und dann spring ich um die Freiheitsstatue, ob Sie wollen oder nicht!«

Sie verstummte. Unberührt lag die Schokolade auf dem runden Rauchtisch, unberührt lagen die bunten Prospekte. »Mich friert!« murmelte Ellen. Ihr Mund stand offen. Sie rührte sich nicht. Als der Konsul auf sie zukam, stieß sie mit den Füßen nach ihm. Er wollte sie packen, aber sie schwang sich blitzschnell über die Lehne. Er rannte hinter ihr her. Sie

flores coloridas, flores e pássaros, e em baixo havia uma linha para a assinatura.

– Eu trouxe tudo, só precisa mesmo de assinar. Por favor, querido senhor cônsul, por favor!

– Não é assim tão fácil. – Levantou-se e fechou a janela – Não é tão fácil quanto ser castigado e escrever cem vezes a mesma coisa. Anda – disse – anda lá! Na rua, explico-te tudo.

– Não! – gritou Ellen e enroscou-se toda na poltrona. As faces ardiam-lhe. – Por favor! O sapateiro disse, o sapateiro disse mesmo assim: quem for fiador do vento e dos tubarões também é meu fiador!!

– Pois é – disse o cônsul – pois é, quem é fiador do vento e dos tubarões também é teu fiador. Mas não sou eu.

– Não acredito numa palavra do que está a dizer – sussurrou Ellen – E se o senhor não assina agora... – estava a tremer. O sapateiro tinha mentido. O sapateiro tinha dito: o cônsul... mas o cônsul estava a despachar isto para outro. E a mãe estava sentada em casa e não conseguia fazer as malas porque estava com medo. E era a última noite.

– Se o senhor não assina agora... – Ellen procurou uma ameaça pesada. Os dentes batiam-lhe uns nos outros. – Então quero ser um golfinho. E depois vou a nadar ao lado do vapor e depois salto à volta da Estátua da Liberdade, quer o senhor queira, quer não queira!

Emudeceu. Intocado, o chocolate continuava em cima da mesinha de fumo, intocados, os folhetos também lá estavam. – Estou com frio! – murmurou Ellen. Tinha a boca aberta. Não se mexia. Quando o cônsul se aproximou dela, ela bateu-lhe com os pés. Ele quis agarrá-la, mas ela atirou-se como um relâmpago por cima do braço da poltrona. Correu atrás dela. Ela

schlüpfte unter dem Schreibtisch durch, stieß zwei Sessel um und umklammerte mit beiden Armen den Ofen. Dazwischen drohte sie immer wieder, sich in einen Delphin zu verwandeln. Tränen strömten über ihr Gesicht.

Als er sie endlich gefaßt hatte, schien es ihm, daß sie glühte. Heiß und schwer hing Ellen in seinen Armen. Er wickelte sie in eine Decke und legte sie in den Lehnstuhl zurück.

»Die Landkarte, bitte, die Landkarte!«

Er ging in den Vorraum, nahm die Karte vom Boden, strich sie glatt und holte sie herein. Er breitete sie auf den Rauchtisch.

»Es dreht sich!« sagte Ellen.

»Ja«, lächelte er unruhig, »die Welt dreht sich. Hast du es nicht schon in der Schule gelernt? Die Welt ist rund.«

»Ja«, antwortete Ellen schwach, »die Welt ist rund.« Sie tastete nach der Karte.

»Glaubst du jetzt, daß ich nichts versteckt habe?«

»Bitte«, sagte Ellen zum letzten Mal, »bitte unterschreiben Sie das Visum!« Sie hob den Kopf und stützte sich auf die Ellbogen. »Dort der Tintenstift, das genügt. Wenn Sie unterschreiben, werde ich nie mehr Äpfel stehlen. Ich will alles tun, was ich für Sie tun kann! Ist es wahr, daß man an der Grenze Orangen bekommt und ein Bild vom Präsidenten, ist es wirklich wahr? Und wie viele Rettungsboote sind auf den großen Dampfern?«

»Jeder ist sein eigenes Rettungsboot«, sagte der Konsul.

»Und jetzt habe ich eine Idee!« Er nahm den Zeichenblock auf die Knie.

»Du selbst mußt dir das Visum geben. Du selbst mußt es unterschreiben!«

»Wie kann ich das?« fragte Ellen mißtrauisch.

enfiou-se por debaixo da secretária, derrubou duas cadeiras e agarrou-se com os dois braços ao fogão de sala. Entretanto, ia ameaçando transformar-se num golfinho. Escorriam-lhe lágrimas pelo rosto.

Quando ele finalmente conseguiu apanhá-la, pareceu-lhe que ela estava em brasa. Quente e pesada, Ellen pendia-lhe dos braços. Embrulhou-a num cobertor e voltou a sentá-la na poltrona.

– O mapa-mundo, por favor, o mapa-mundo!

O cônsul foi à sala de espera, levantou o mapa-mundo do chão, alisou-o e trouxe-o consigo. Abriu-o sobre a mesinha.

– Está a girar! – disse Ellen.

– Pois está, – sorriu o cônsul, inquieto – o mundo gira. Ainda não deste isto na escola? O mundo é redondo.

– Pois é, – respondeu Ellen numa voz sumida – o mundo é redondo. – Estendeu a mão para o mapa-mundo.

– Agora acreditas que eu não escondi nada?

– Por favor, – disse Ellen pela última vez – por favor, assine o visto! – Levantou-a cabeça e apoiou-a nos cotovelos. – Ali está a caneta, chega. Se assinar, nunca mais volto a roubar maçãs. Faça tudo o que puder fazer por si! É verdade que na fronteira nos dão laranjas e um retrato do presidente, é mesmo verdade? E quantos salva-vidas há nos vapores grandes?

– Cada um é o seu próprio salva-vidas – disse o cônsul. – E agora tenho uma ideia! – Pôs o caderno dos desenhos sobre os joelhos.

– És tu que tens de te passar o visto. És tu que tens de assiná-lo!

– Como é que posso fazer isso? – perguntou Ellen, desconfiada.

»Du kannst es. Jeder Mensch ist im Grunde sein eigener Konsul. Und ob die weite Welt wirklich weit ist, das liegt an jedem Menschen.«

Ellen starrte ihn verwundert an.

»Siehst du«, sagte er, »alle die vielen, denen ich das Visum ausgestellt habe, alle diese vielen werden enttäuscht sein. Der Wind geht nirgends schlafen.«

»Nirgends?« wiederholte sie ungläubig.

»Wer sich nicht selbst das Visum gibt«, sagte der Konsul, »der kann um die ganze Welt fahren und kommt doch nie hinüber. Wer sich nicht selbst das Visum gibt, bleibt immer gefangen. Nur wer sich selbst das Visum gibt, wird frei.«

»Ich will mir das Visum geben«, Ellen versuchte sich aufzurichten, »aber wie soll ich das machen?«

»Du mußt unterschreiben«, sagte er, »und diese Unterschrift bedeutet ein Versprechen, das du dir gibst: Du wirst nicht weinen, wenn du von deiner Mut Abschied nimmst, ganz im Gegenteil: du wirst deine Großmutter trösten, die wird das nötig haben. Du wirst auf keinen Fall mehr Äpfel stehlen. Und was auch geschieht, du wirst immer daran glauben, daß irgendwo alles blau wird! Was auch immer geschieht.«

Fiebernd unterschrieb Ellen ihr eigenes Visum.

Der Morgen dämmerte. Sanft wie ein geübter Einbrecher zog er sich an den Fenstern hoch. Ein Vogel begann zu singen.

»Siehst du«, sagte der Konsul, »der stellt auch keine Bedingungen.«

Ellen verstand ihn nicht mehr.

Milchwagen rollten draußen auf den Gassen. Von neuem begann sich alles voneinander abzuheben. Und in den großen

– Podes. Toda a gente é, no fundo, o seu próprio cônsul. E se o vasto mundo é verdadeiramente vasto ou não, isso está nas mãos de cada um.

Ellen olhou para ele fixamente, admirada.

– Estás a ver, – disse ele – todos aqueles, muitos, a quem eu passei um visto, todos eles vão ficar desiludidos. O vento não vai dormir em parte alguma.

– Em parte alguma? – repetiu, incrédula.

– Quem não se passa o visto a si próprio – disse o cônsul – pode dar a volta ao mundo inteiro e nunca chega ao outro lado. Quem não se passa o visto a si próprio fica sempre preso. Só quem se passa o visto a si próprio é que fica livre.

– Eu quero passar-me o visto, – Ellen tentou levantar-se – mas como é que hei de fazer?

– Tens de assinar – disse ele – e esta assinatura representa uma promessa que fazes a ti mesma: não vais chorar quando disseres adeus à tua mãe, muito pelo contrário: vais consolar a tua avó, ela vai precisar do teu consolo. Não vais de forma alguma voltar a roubar maçãs. E, aconteça o que acontecer, vais acreditar sempre que algures tudo é azul! Aconteça o que acontecer.

Febril, Ellen assinou o seu próprio visto.

A manhã ia alvorecendo. Com a delicadeza de um assaltante experimentado, a manhã trepou agarrada às janelas. Um pássaro começou a cantar.

– Estás a ver – disse o cônsul – ele também não põe condições. Ellen já não o entendia.

Nas ruas, lá fora, rolavam as carroças dos leiteiros. As coisas começaram de novo a destacar-se umas das outras. E, nos grandes

Parks tauchten die ersten Herbstblumen bunt und lässig aus dem Nebel.

Der Konsul ging zum Telefon. Er legte die Hände an die Schläfen und strich das Haar zurück. Er schüttelte den Kopf, wippte dreimal auf den Fußspitzen, schloß die Augen und riß sie wieder auf. Er hob den Hörer ab, drehte eine falsche Nummer und warf ihn wieder hin.

Schritte klapperten über den Hof. Noch immer rauschte der Brunnen. Der Konsul wollte sich etwas notieren, fand aber sein Notizbuch nicht. Er ging auf Ellen zu und zog den Schülerschein aus ihrer Manteltasche. Dann bestellte er das Auto, stellte die umgeworfenen Sessel auf und zog den Teppich glatt. Rund um das Kap der Guten Hoffnung wurde das Meer hell. Der Konsul faltete die Landkarte, wickelte die Schokolade hinein und öffnete Ellens Schultasche. Noch einmal hielt er den Zeichenblock dicht vor seine Augen: Sterne, Vögel und bunte Blumen und darunter Ellens große, steile Unterschrift. Das erste wirkliche Visum während seiner ganzen Amtszeit.

Er seufzte, knöpfte Ellens Mantel zu und setzte ihr die Mütze vorsichtig auf den Kopf. Ihr Gesicht war wild und finster, aber darüber stand jetzt wieder golden und ganz deutlich »Schulschiff Nelson«.

Der Konsul blies noch einmal ganz leicht über das Visum, wie um es zu vollenden und lebendig zu machen. Dann schob er es in die Tasche, schloß sie und hing sie Ellen um. Auf seinen Armen trug er sie die Stiegen hinab, bettete sie in den Fond des Autos und gab dem Chauffeur die Adresse. Der Wagen bog um die Ecke.

Plötzlich legte der Konsul die Hand über die Augen und rannte mit großen Schritten die Treppe wieder hinauf.

parques, emergiam da neblina as primeiras flores de outono coloridas e negligentes.

O cônsul dirigiu-se para o telefone. Levou as mãos às têmporas e alisou o cabelo para trás. Abanou a cabeça, balançou-se três vezes nas pontas dos pés, fechou os olhos e voltou a abri-los de repente. Levantou o auscultador, marcou um número errado e pousou-o com força.

Ouviu-se o bater de passos no pátio. A fonte ainda rumorejava. O cônsul ia para tomar nota de alguma coisa, mas não encontrou o bloco de notas. Aproximou-se de Ellen e tirou-lhe o cartão escolar do bolso do casaco. Depois chamou o carro, levantou as cadeiras derrubadas e alisou o tapete. Em torno do Cabo da Boa Esperança, o mar ia clareando. O cônsul dobrou o mapa-mundo, embrulhou nele o chocolate e abriu a mochila de Ellen. Pegou de novo no caderno dos desenhos, mesmo diante dos olhos: estrelas, pássaros e flores coloridas e em baixo a assinatura de Ellen grande e angulosa. O primeiro autêntico visto em todo o seu tempo de serviço.

Suspirou, apertou o casaco de Ellen e pôs-lhe a boina na cabeça, com cuidado. No rosto dela havia raiva e sombra, mas, sobre a testa, estava agora de novo, em letras douradas e nítidas "Navio-escola Nelson".

O cônsul soprou uma vez mais ao de leve sobre o visto como que para terminá-lo e para insuflar-lhe vida. Depois meteu-o na mochila, fechou-a e pô-la às costas de Ellen. Com ela ao colo, desceu as escadas, deitou-a no banco de trás do carro e deu a morada ao chauffeur. O carro dobrou a esquina.

De repente, o cônsul pôs a mão em pala sobre os olhos e tornou a subir a escada acima, a passos largos.

Der Mond wurde blaß.

Ellen griff nach dem Gesicht ihrer Mutter. Mit beiden Armen griff sie nach dem heißen, von Tränen aufgebrannten Gesicht unter dem schwarzen Hut. Nach diesem Gesicht, das die Welt wahr und warm gemacht hatte, nach diesem Gesicht von Anfang an, nach diesem einen Gesicht. Noch einmal griff Ellen flehend nach dem Allerersten, nach dem Hort der Geheimnisse, aber das Gesicht ihrer Mutter war unerreichbar geworden, wich zurück und wurde blaß wie der Mond am dämmernden Morgen.

Ellen schrie auf. Sie warf die Decke ab, versuchte sich aufzurichten und griff ins Leere. Mit ihren letzten Kräften rollte sie das Gitter hinab. Sie fiel aus dem Bett. Und sie fiel tief.

Niemand machte den Versuch, sie aufzuhalten. Nirgends war ein Stern, um sich daran zu klammern. Ellen fiel durch die Arme aller ihrer Puppen und aller ihrer Teddybären. Wie ein Ball durch den Reifen fiel sie durch den Kreis der Kinder im Hof, die sie nicht mitspielen ließen. Ellen fiel durch die Arme ihrer Mutter.

Der halbe Mond fing sie auf, kippte heimtückisch wie alle Kinderwiegen und schleuderte sie wieder von sich. Keine Spur davon, daß die Wolken Federbetten waren und der Himmel ein blaues Gewölbe. Der Himmel war offen, tödlich offen, und es wurde Ellen im Fallen deutlich, daß Oben und Unten aufgehört hatten. Wußten sie es noch immer nicht? Diese armen großen Leute, die das Fallen nach unten springen und das Fallen nach oben fliegen nannten. Wann würden sie es begreifen?

Fallend durchstieß Ellen die Bilder des großen Bilderbuchs, das Netz der Gaukler.

A lua empalidecia.

Ellen ergueu as mãos para tocar no rosto da mãe. Ergueu-as a ambas para tocar no rosto ardente, incendiado de lágrimas, sob o chapéu preto. Naquele rosto que tornara o mundo quente e verdadeiro, naquele rosto desde o princípio, naquele rosto único. Uma vez mais, Ellen quis tocar, suplicante, nas mãos do primordial, no jardim dos segredos, mas o rosto da mãe tornara-se inatingível, recuava e empalidecia como a lua na manhã que ia alvorecendo.

Ellen soltou um grito. Atirou com o cobertor, tentou levantar-se e as suas mãos encontraram o vazio. Com as suas últimas forças, galgou a grade. Caiu da cama. E caiu fundo.

Ninguém tentou apanhá-la. Em parte alguma havia uma estrela a que pudesse agarrar-se. Ellen caiu por entre os braços de todas as suas bonecas e de todos os seus ursos de peluche. Como uma bola através do arco, caiu por entre a roda das crianças no recreio que não a deixavam brincar com elas. Ellen caiu por entre os braços da mãe.

A meia-lua apanhou-a, virou-se sorrateiramente como todos os berços e lançou-a para longe de si. Nem pensar que as nuvens eram edredões de penas e que o céu era uma abóbada azul. O céu estava aberto, mortalmente aberto, e para Ellen tornou-se claro, ao cair, que o acima e o abaixo tinham cessado de existir. Será que ainda não o sabiam? Esta pobre gente crescida que chamavam “saltar” ao cair para baixo e “voar” ao cair para cima. Quando é que iriam percebê-lo?

Ao cair, Ellen atravessou as imagens do grande livro ilustrado, a rede dos acrobatas.

Ihre Großmutter hob sie auf und legte sie in ihr Bett zurück.

Wie Fieberkurven stiegen Sonne und Mond, Tage und Nächte, unaufhaltsam, heiß und hoch und sanken wieder in sich.

Als Ellen die Augen aufschlug, stützte sie sich auf die Ellbogen und sagte:

»Mutter!«

Sie sagte es laut und freundlich. Dann wartete sie.

Das Ofenrohr krachte und verbarg sich tiefer hinter den dunkelgrünen Kacheln. Sonst blieb alles still. Das Grau wurde dichter.

Ellen schüttelte leicht den Kopf, wurde schwindlig und fiel in die Kissen zurück. Durch den oberen Teil des Fensters sah sie ein Geschwader von Zugvögeln, geordnet wie auf einer Zeichnung. Dann waren sie wieder wegradiert. Ellen lachte leise. Wirklich wie auf einer Zeichnung!

Aber Sie radieren zuviel! hätte die alte Lehrerin den lieben Gott gewarnt. Zuletzt bleibt ein Loch!

Aber meine Liebe, hätte da der liebe Gott gesagt, gerade das habe ich gewünscht. Schauen Sie durch, bitte!

Entschuldigen Sie, jetzt verstehe ich alles!

Ellen schloß die Augen und riß sie erschrocken wieder auf. Das Fenster war lange nicht gewaschen worden. Man sah schlecht durch. Lange graue Striche liefen wie eingetrocknete Tränen die Scheiben hinab. Ellen zog die Füße unter die Decke zurück. Sie waren eiskalt und schienen nicht ganz dazuzugehören. Sie streckte sich. Sie mußte gewachsen sein. Sie wuchs meistens über Nacht. Aber irgend etwas war nicht in Ordnung mit diesem Frühlingsmorgen. Vielleicht - vielleicht war es Herbst. Und vielleicht ging es gegen Abend.

A avó pegou nela e voltou a deitá-la na cama.

Como curvas de febre, subiam sol e lua, dias e noites, imparáveis, quentes e altos e afundavam-se de novo em si mesmos. Quando Ellen abriu os olhos, apoiou-se nos cotovelos e disse:

– Mãe!

Disse-o alto e carinhosamente. Depois ficou à espera.

O tubo do fogão de sala deu um estalo e escondeu-se muito bem escondido atrás dos azulejos verde-escuros. À parte disso, tudo permanecia em silêncio. O cinzento adensou-se.

Ellen abanou a cabeça ao de leve, ficou tonta e voltou a cair nas almofadas. Pela parte de cima da janela viu um bando de aves migratórias, ordenadas tal como num desenho. Depois foram apagadas outra vez. Ellen riu-se baixinho. Realmente como num desenho!

Mas o senhor está a apagar demasiado! Teria a velha professora avisado o Pai do Céu. No fim ainda fica um buraco!

Mas, minha querida, diria então o Pai do Céu, era precisamente isso que eu queria. Ora espreite, por favor!

Queira desculpar, agora estou a perceber tudo!

Ellen fechou os olhos e, assustada, voltou a abri-los com força. A janela já não era limpa há muito tempo. Mal dava para ver. Linhas compridas e cinzentas escorriam como lágrimas secas pelos vidros abaixo. Ellen voltou a enfiar os pés debaixo do cobertor. Estavam enregelados e pareciam não lhe pertencer completamente. Esticou-se. Devia ter crescido. Crescia sobretudo de noite. Mas alguma coisa não estava certa com esta manhã de primavera. Talvez... talvez fosse outono. E talvez fosse quase de noite.

Um so besser. Ellen war ganz einverstanden. Ihre Mutter war jedenfalls einkaufen gegangen. Zur Gemüsefrau, um die Ecke.

Ich muß mich beeilen, wissen Sie! Ellen ist allein zu Hause, und da kann man nie wissen, was alles geschieht. Ich möchte ein paar Apfel, bitte! Wir wollen sie braten, das hat Ellen am liebsten, und ich habe ihr auch versprochen, ein kleines Feuer zu machen, es wird schon kalt. Was ist zu zahlen? Wie bitte? Wieviel? Nein, das ist zuviel. Zuviel!

Ellen setzte sich ganz auf.

Es war wie ein Schrei gewesen. Es war, als hätte sie es mit ihren eigenen Ohren gehört, dieses erstickte: Zuviel! Und das Gesicht der Gemüsefrau drohte rot und verzerrt aus der Dämmerung.

»Sie!« sagte Ellen und ließ die Beine drohend über den Rand des Bettes hängen. »Wehe, wenn Sie zuviel verlangen!« Die Gemüsefrau gab keine Antwort. Es wurde noch kälter.

»Mutter«, rief Ellen, »Mutter, gib mir Strümpfe!«

Nichts rührte sich.

Ach, die hatten sich einfach alle versteckt. Die machten sich schon wieder einen schlechten Witz mit ihr.

»Mutter, ich will aufstehen!« Das klang dringender.

»So geh ich eben barfuß. Wenn du mir keine Strümpfe gibst, geh ich eben barfuß!«

Aber auch diese Drohung blieb vergeblich.

Ellen stieg aus dem Bett. Es war ihr nicht ganz geheuer. Taumelnd rannte sie gegen die Tür. Auch im Nebenzimmer war niemand. Das Klavier stand offen. Tante Sonja mußte eben noch geübt haben. Vielleicht war sie ins Kino gegangen. Seit es verboten war, ging sie viel öfter ins Kino. Ellen preßte die Wangen an die kalten, glatten Scheiben. Drüben, in dem alten

Tanto melhor. Ellen estava completamente de acordo. A mãe de certeza que tinha ido às compras, de certeza. À mulher da hortaliça, ali à esquina.

Tenho de me despachar, sabe! A Ellen está sozinha em casa e nunca se sabe o que pode acontecer. Queria umas maçãs, se faz favor! São para assar, assim é que a Ellen gosta mais e eu também lhe tinha prometido acender um bocadinho o lume, já vai arrefecendo. Quanto é? Como disse? Quanto? Não, é demasiado. Demasiado!

Ellen sentou-se muito direita.

Fora como um grito. Fora como se ela o tivesse ouvido com os seus próprios ouvidos, aquele “Demasiado!” num sufoco. E a cara da mulher da hortaliça, vermelha e desfigurada, surgiu do crepúsculo a ameaçá-la.

– Ouça! – disse Ellen e ficou de pernas penduradas na beira da cama como uma ameaça. – Ai de si que peça demasiado! – A mulher da hortaliça não respondeu. Arrefeceu ainda mais.

– Mãe – chamou Ellen –, mãe, dá-me meias!

Nada se mexeu.

Oh, esconderam-se todas, pois claro. Lá estavam elas outra vez a pregar-lhe partidas sem graça nenhuma.

– Mãe, quero levantar-me! – soou mais insistente.

– Então, pronto, vou descalça! Se não me dás meias, vou descalça, pronto!

Mas também esta ameaça foi em vão.

Ellen saiu da cama. Não estava a sentir-se nada bem. Cambaleando, correu em direção à porta. Também na sala ao lado não estava ninguém. O piano estava aberto. A tia Sonja devia ter estado a praticar. Talvez tivesse ido ao cinema. Desde que passou a ser proibido, ela ia muito mais vezes ao cinema. Ellen apertou as faces às vidraças frias e lisas. Em frente,

Haus, jenseits der Verbindungsbahn, hielt die alte Frau das Kind ans Fenster. Ellen winkte. Das Kind winkte zurück. Die alte Frau führte seine Hand. Soweit war alles in Ordnung. Man mußte Zeit gewinnen, man mußte ganz ruhig überlegen.

Ellen durchquerte die Wohnung und kehrte wieder um. Wehe, wenn ihre Mutter sie so fand, im Hemd und barfuß!

Feindlich starrten die Wände. Ellen schlug einen Ton am Klavier an. Es hallte. Sie schlug einen zweiten Ton an und einen dritten. Keiner blieb. Keiner ging in den andern über. Keiner tröstete sie. Es war, als klängen sie ungerne, als hätten sie Lust zu verstummen, als verheimlichten sie etwas vor ihr.

Wenn das meine Mutter wüßte, das Herz im Leib tat ihr zerspringen! So stand es in dem alten Märchenbuch.

»Warte, ich sag's meiner Mutter!«

Ellen drohte der Stille, aber die Stille blieb still.

Ellen stampfte mit dem Fuß, Hitze stieg ihr in die Schläfen. Unten auf der Gasse bellte ein Hund, Kinder schrien. Tief unten. Sie legte die Hände an die Wangen. Es war nicht der Hund und es waren nicht die Kinder. Es war etwas anderes. Und es tobte. Ellen schlug mit beiden Fäusten auf die Tasten, auf die weißen und auf die schwarzen, wie auf eine Trommel schlug sie darauflos. Sie warf die Polster von der Couch, riß das Tischtuch vom Tisch und schleuderte den Papierkorb gegen den Spiegel wie David seinen Stein gegen Goliath. Wie David gegen Goliath kämpfte sie gegen das Grauen der Verlassenheit, gegen das neue furchtbare Bewußtsein, das seinen Kopf wie ein häßlicher Wassermann aus den Fluten der Träume hob.

Wie konnte man sie so lange allein lassen? Wie konnte ihre Mutter so lange wegbleiben? Es war kalt, man mußte Feuer machen, es war kalt, es war kalt!

na casa velha, do outro lado da linha do comboio, a velhota segurava na criança à janela. Ellen acenou. A criança acenou de volta. A velhota estava a pegar-lhe na mão. Até aqui, estava tudo certo. Era preciso ganhar tempo, era preciso pensar em tudo com muita calma.

Ellen atravessou a casa e voltou atrás. Ai dela se a mãe a apanhasse assim, de camisa de dormir e descalça!

Hostis, as paredes fitavam-na. Ellen tocou uma nota no piano. Ressoou. Tocou uma segunda nota e uma terceira. Nenhuma ficava. Nenhuma se prolongava na seguinte. Nenhuma a consolava. Era como se elas soassem a contragosto, como se lhes apetecesse ficarem caladas, como se lhe escondessem alguma coisa.

Soubera a minha mãe do sucedido, ficaria de coração partido! Era como estava no velho livro de contos.

– Espera, vou dizer à minha mãe!

Ellen ameaçou o silêncio, mas o silêncio manteve-se silencioso. Ellen bateu com o pé, o calor subiu-lhe às têmporas. Lá em baixo, na rua, um cão ladrava, crianças gritavam. Muito lá em baixo. Levou as mãos às faces. Não era o cão e não eram as crianças. Era outra coisa. E fazia estrondo. Ellen bateu nas teclas com ambos os punhos, nas brancas e nas pretas, desatou a bater com força como num tambor. Arrancou as almofadas do sofá para o chão, arrancou a toalha da mesa e atirou o cesto dos papéis contra o espelho, como David atirou a pedra contra Golias. Como David contra Golias, lutava contra o horror do abandono, contra a nova consciência terrível que erguia a cabeça das vagas dos sonhos como um tritão disforme.

Como é que podiam deixá-la assim sozinha tanto tempo? Como é que a mãe podia estar fora tanto tempo? Estava frio, era preciso acender o lume, estava frio, estava frio!

Ellen rannte durch alle Zimmer. Sie riß die Schränke auf, tastete die Kleider ab, warf sich zu Boden und sah unter die Betten. Aber ihre Mutter war nirgends.

Sie mußte es widerlegen, genau das Gegenteil mußte sie beweisen, der Wirklichkeit wollte sie den aufgerissenen Rachen stopfen, ihre Mutter mußte sie finden! Nirgends, das gab es doch gar nicht! Nirgends?

Ellen lief im Kreis. Sie hatte alle Türen aufgerissen und rannte hinter ihrer Mutter her. Sie spielten Fangen, das war es! Und ihre Mutter lief sehr schnell, sie lief schneller als Ellen, sie lief so schnell, daß sie eigentlich schon wieder knapp hinter ihr sein mußte, wenn es doch im Kreis ging. Gleich hatte sie Ellen eingeholt, hob sie hoch und schwang sie um sich.

Ellen blieb plötzlich stehen, wandte sich ganz schnell um und breitete die Arme aus. »Es gilt nichts!« schrie sie verzweifelt. »Es gilt nichts, Mutter, es gilt nichts!« Auf dem Tisch lag das Visum: Vögel und Sterne und ihre Unterschrift.

»Nachtausgabe!« schrie der Zeitungsjunge über die Kreuzung. Er schrie aus vollem Hals, frierend und zu Tode begeistert. Er sprang auf die Trittbretter der Straßenbahn, fing die Geldstücke mit der linken Hand, keuchte und kam nicht nach. Es war ein Geschäft, oh, es war das wunderbarste Geschäft der Welt: »Nachtausgabe!«

Sie konnten nicht genug davon bekommen. Sie hätten alle noch viel mehr dafür bezahlt. Sie waren so gierig, als verkaufte er ihnen nicht den Kriegsbericht und das Kinoprogramm, sie waren so gierig, als verkaufte er ihnen das leibhaftige Leben.

»Nachtausgabe!« schrie der Zeitungsjunge.

»Nachtausgabe!« flüsterte es dicht hinter ihm. Schon wieder.

Ellen correu por todas as divisões. Escancarou os armários, apalpou as roupas, atirou-se ao chão e espreitou por debaixo das camas. Mas a mãe não estava em lado nenhum.

Tinha de desmenti-lo, tinha de comprovar precisamente o contrário, queria sufocar a goela escancarada da realidade, tinha de encontrar a mãe! Em lado nenhum, não era possível! Em lado nenhum?

Ellen correu em círculo. Tinha escancarado todas as portas e corria atrás da mãe. Estavam a jogar à apanhada, pois era! E a mãe corria muito depressa, corria mais depressa do que Ellen, corria tão depressa que na verdade devia estar outra vez mesmo colada às costas, já que estavam a correr em círculo. E já a mãe a tinha apanhado, levantava-a bem alto e fazia-a girar em torno de si.

Ellen parou de repente, virou-se para trás muito depressa e abriu os braços: – Assim não vale! – gritou desesperada – Assim não vale, mãe, assim não vale! – Em cima da mesa estava o visto: pássaros e estrelas e a sua assinatura.

– Olh'ò jornal da noite! – gritou o ardina por todo o cruzamento. Gritava a plenos pulmões, enregelado e num entusiasmo de morte. Saltava para os estribos dos eléctricos, apanhava as moedas com a mão esquerda, arfava e não dava vencimento. Era um negócio, oh, era o negócio mais maravilhoso do mundo: – Olh'ò jornal da noite!

Queriam sempre mais e mais. Todos eles pagariam ainda muito mais. Estavam tão ávidos como se ele lhes vendesse não o relato da guerra e o programa do cinema, estavam tão ávidos como se ele lhes vendesse a vida em carne e osso.

– Olh'ò jornal da noite! – gritou o ardina.

– Olh'ò jornal da noite! – um sussurro mesmo atrás dele. Outra vez.

Sein Stand befand sich auf der steinernen Insel inmitten der großen Kreuzung. Neben dem Stand lehnte ein Blinder. Er hatte den Hut auf dem Kopf und ließ sich nichts schenken. Er stand nur einfach dort, und das konnte ihm niemand verbieten. Von Zeit zu Zeit sagte er: »Nachtausgabe.« Aber er hatte nichts zu verkaufen. Er sagte es leise und verlangte kein Geld dafür. Wie ein Wald warf er dem Zeitungsjungen alle seine Schreie zurück. Er schien das Ganze nicht für ein Geschäft zu halten.

Wie ein Raubvogel umkreiste der Junge den Stand. Mißtrauisch äugte er zu dem Blinden hinüber. Der stand dort, als wäre er gar nicht der einzige Blinde inmitten der großen Kreuzung.

Der Junge überlegte, wie er ihn loswerden sollte. Der Blinde verspottete ihn, der Blinde machte alle seine lauten Schreie zu leisen Hilferufen, der Blinde hatte kein Recht dazu.

»Nachtausgabe!«

»Nachtausgabe!«

Autos rasten vorbei und hatten blaue Gläser vor den Scheinwerfern. Manche von ihnen hielten an und ließen sich die Zeitung durch das Schiebefenster werfen. Gerade als der Junge sich besann, wieviel Zeit es ihm nehmen würde, den Blinden hinüberzuführen, kam Ellen gegen das Signal über die Kreuzung. Sie ging schwankend und sah geradeaus. Unter dem Arm trug sie den Zeichenblock, die Mütze hatte sie ins Gesicht gezogen.

Autos stoppten, kreischend bremsten die Straßenbahnen. Der Polizist in der Mitte der Kreuzung winkte aufgebracht mit dem Arm.

Inzwischen war Ellen auf der steinernen Insel gelandet. Wie Meerwasser floß das zornige Geschrei der Wagenführer an ihr ab. »He, Sie -«, sagte der Zeitungsjunge zu dem Blinden, »da

A sua banca ficava na ilha de pedra, no meio do grande cruzamento. Encostado à banca, estava um cego. Tinha o chapéu na cabeça e não aceitava nada do que lhe davam. Estava ali e pronto, e ninguém lho podia proibir. De tempos a tempos dizia: – Olh'ò jornal da noite. – Mas não tinha nada para vender. Dizia-o baixinho e não pedia dinheiro. Como uma floresta, devolvia ao ardina todos os gritos que este lançava. Parecia não considerar nada daquilo era um negócio.

Como uma ave de rapina, o ardina circundou a banca. Desconfiado, lançou ao cego um olhar de soslaio. Estava lá como se não fosse o único cego no meio do grande cruzamento.

O ardina pôs-se a pensar em como poderia ver-se livre dele. O cego escarnecia dele, o cego transformava todos os seus gritos em pedidos de socorro apagados, o cego não tinha direito nenhum de fazer isso.

– Olh'ò jornal!

– Olh'ò jornal!

Por eles passavam carros a alta velocidade e tinham vidros azuis nos faróis. Muitos encostavam e davam ordem para lhes atirar o jornal pela janela. Precisamente quando o ardina estava a pensar quanto tempo precisaria para levar o cego para o outro lado, Ellen atravessou o cruzamento sem respeitar o sinal. Vinha a cambalear e olhava em frente. Debaixo do braço trazia o caderno dos desenhos, tinha puxado a boina para a cara.

Alguns carros pararam, os eléctricos travaram a chiar. O polícia no meio do cruzamento fazia gestos de fúria com o braço.

Entretanto, Ellen tinha chegado à ilha de pedra. Como água do mar, deslizavam por ela os gritos irritados dos condutores. – Ei, ó senhor – disse o ardina ao cego – está

ist jemand, der Sie gut hinüberbrächte!« Der Blinde richtete sich auf und griff ins Dunkel. Ellen fühlte seine Hand auf ihrer Schulter. Als der Polizist bei dem Zeitungsjungen auf der Insel anlangte, war sie mit dem Blinden im Gewühl verschwunden, untergetaucht in die verängstigte, verdunkelte Stadt.

»Wohin soll ich Sie führen?«

»Führ mich über die Kreuzung.«

»Wir sind schon darüber!«

»Kann das sein?« sagte der Blinde. »Ist es nicht die große Kreuzung?«

»Sie meinen vielleicht eine andere«, sagte Ellen vorsichtig.

»Eine andere?« wiederholte der Blinde. »Das glaube ich nicht. Aber vielleicht meinst du eine andere?«

»Nein«, rief Ellen zornig. Sie blieb stehen, ließ seine Hand fallen und sah ängstlich an ihm hinauf.

»Nur ein Stück noch!« sagte der Blinde.

»Aber ich muß zum Konsul«, sagte Ellen und nahm wieder seinen Arm, »und der Konsul wohnt in der anderen Richtung.«

»Welcher Konsul?«

»Der für das große Wasser. Der für den Wind und die Haifische!«

»Ach«, sagte der Blinde, »der! Da kannst du ruhig mit mir weitergehen!«

Sie waren in eine lange finstere Gasse eingebogen. Die Gasse führte hinauf. Rechts standen stille Häuser, fremde Botschaften, die ihre Botschaft verbargen. Sie gingen eine Mauer entlang. Hell und eintönig schlug der Stock des Blinden gegen das Pflaster. Blätter fielen wie Herolde des Verschwiegenen. Der Blinde ging schneller. Mit kurzen raschen Schritten lief Ellen neben ihm her..

ali uma pessoa que podia bem levá-lo para o outro lado! – O cego endireitou-se e tateou o vazio. Ellen sentiu a mão dele no ombro dela. Quando o polícia chegou ao pé do ardina na ilha, já ela tinha desaparecido com o cego na multidão, mergulhados na cidade atemorizada, ensombrada.

– Para onde quer que o leve?

– Leva-me para o outro lado do cruzamento.

– Já cá estamos.

– É possível? – perguntou o cego – Este não é o cruzamento grande?

– Deve querer referir-se a outro – disse Ellen, cautelosa.

– Outro? – repetiu o cego. – Não me parece. Mas, se calhar, tu é que estás a referir-te a outro cruzamento?

– Não – gritou Ellen, irritada. Parou, deixou cair a mão do cego e ergueu os olhos a medo por ele acima.

– Só mais um bocado! – disse o cego.

– Mas tenho de ir ter com o cônsul! – disse Ellen e pegou outra vez no braço dele – e o cônsul mora na outra direção.

– Qual cônsul?

– O da grande água. O do vento e dos tubarões.

– Ah – disse o cego – esse! Nesse caso, podes vir comigo à vontade!

Tinham metido por uma viela longa e sombria. A viela era a subir. À direita havia casas silenciosas, embaixadas estrangeiras que escondiam as mensagens dos embaixadores. Seguiam ao longo de um muro. Com um som agudo e monótono, a bengala do cego batia na calçada. Folhas caíam como arautos do segredo. O cego apressou o passo. Com passos curtos, rápidos, Ellen seguia ao lado dele.

»Was willst du vom Konsul?« fragte der Blinde.
 »Ich will fragen, was mein Visum bedeutet.«
 »Welches Visum?«
 »Ich habe es selbst unterschrieben«, erklärte Ellen unsicher,
 »rundherum sind Blumen.«
 »Ah!« sagte der Blinde anerkennend. »Dann ist es das Richtige.«
 »Und jetzt will ich's mir bestätigen lassen«, sagte Ellen.
 »Hast du es nicht selbst unterschrieben?«
 »Ja.«
 »Was soll der Konsul da bestätigen?«
 »Das weiß ich nicht«, sagte Ellen, »aber ich will zu meiner Mutter.«
 »Und wo ist deine Mutter?«
 »Drüben. Über dem großen Wasser.«
 »Willst du zu Fuß hinüber?« sagte der Blinde.
 »Sie!« Ellen zitterte vor Zorn. »Sie machen sich ja lustig!«
 Ebenso wie dem Zeitungsjungen schien es ihr plötzlich, als wäre der Blinde gar nicht blind, als funkelten seine leeren Augen über die Mauer hinweg. Sie drehte sich um und rannte, den Zeichenblock unter dem Arm, die Gasse wieder hinunter.
 »Laß mich nicht allein!« rief der Blinde. »Laß mich nicht allein!« Er stand mit seinem Stock inmitten der Gasse. Schwer und verlassen hob sich seine Gestalt vom kühlen Himmel ab.
 »Ich verstehe Sie nicht«, rief Ellen außer Atem, als sie wieder bei ihm angelangt war. »Meine Mutter ist drüben und ich will zu ihr. Mich wird nichts hindern!«
 »Es ist Krieg«, sagte der Blinde, »und es gehen nur mehr wenige Personendampfer.«
 »Wenige Personendampfer«, stammelte Ellen verzweifelt

– Que é que tu queres ao cônsul? – perguntou o velho.
 – Quero perguntar o que é que o meu visto quer dizer.
 – Qual visto?
 – Fui eu que o assinei – disse Ellen, insegura – à volta tem umas flores.
 – Ah! – disse o velho, em tom aprovador – Então é o certo.

 – E agora quero que ele mo confirme – disse Ellen.
 – Não foste tu que o assinaste?
 – Fui.
 – Então o que é que o cônsul tem que confirmar?
 – Não sei – disse Ellen – mas eu quero ir ter com a minha mãe.

 – E onde é que está a tua mãe?
 – Do outro lado. Da grande água.
 – Queres ir a pé? – disse o cego.
 – Tem cada uma! – Ellen tremia de irritação – Está a brincar comigo! – Tal como ao ardina, também a Ellen pareceu de repente que o cego não era nada cego, parecia que os seus olhos vazios cintilavam para lá do muro. Ela deu meia volta e correu rua abaixo, com o caderno dos desenhos debaixo do braço.
 – Não me deixes sozinho! – gritou o cego – Não me deixes sozinho! – Estava de pé com a bengala, no meio da rua. Pesada, em abandono, a sua figura destacava-se do céu frio.
 – Eu não o entendo. – gritou Ellen, ofegante, quando voltou para ao pé dele – A minha mãe está do outro lado e eu quero ir ter com ela. A mim, nada me vai impedir!
 – Estamos em guerra – disse o cego – e já só partem poucos vapores de passageiros.
 – Poucos vapores de passageiros – balbuciou Ellen, desesperada,

und packte seinen Arm fester, »aber für mich wird noch einer fahren!« Sie starrte beschwörend in die nasse, finstere Luft. »Für mich fährt noch einer!«

Wo die Gasse zu Ende ging, war der Himmel. Zwei Türme tauchten wie Grenzposten aus den Botschaften.

»Danke vielmals«, sagte der Blinde höflich, schüttelte Ellen die Hand und setzte sich auf die Kirchenstufen. Er nahm den Hut zwischen die Knie, als ob nichts gewesen wäre, zog eine verrostete Mundharmonika aus der Rocktasche und begann zu spielen. Der Mesner erlaubte das schon jahrelang, denn der Blinde spielte so leise und so ungeschickt, daß es klang, als stöhnte nur der Wind in den Asten.

»Wie komme ich denn jetzt zum Konsulat?« rief Ellen. »Wie komme ich von hier am schnellsten zum Konsul?«

Aber der Blinde kümmerte sich weiter nicht um sie. Er hatte den Kopf an den Pfeiler gelehnt, blies versunken in seine rostige Mundharmonika und gab keine Antwort mehr. Es begann jetzt auch zu regnen.

»Sie!« sagte Ellen und zerrte an seinem Mantel. Sie riß ihm das Blech aus den Händen und legte es wieder auf seine Knie zurück. Sie setzte sich neben ihn auf die kalten Stufen und sprach laut auf ihn ein.

»Was haben Sie gemeint, wie komme ich zum Konsul, was haben Sie denn gemeint? Wer bringt mich über das Wasser, wenn kein Dampfer mehr für mich fährt? Wer bringt mich dann hinüber?«

Sie schluchzte zornig und schlug mit der Faust nach dem Blinden, aber er rührte sich nicht. Breit und unsicher stand Ellen vor ihm und starrte ihm mitten ins Gesicht. Er war so gelassen wie die Stufen, die hinaufführten.

e agarrou ao braço do cego com mais força– mas para mim ainda há de partir um! – Fixou os olhos e, como numa súplica, o ar húmido e sombrio – para mim ainda há de partir um!

Onde a rua chegava o fim, estava o céu. Duas torres surgiam das embaixadas como postos fronteiriços.

– Muito agradecido – disse o cego educadamente, apertou a mão a Ellen e sentou-se nos degraus da igreja. Pôs o chapéu entre os joelhos como se nada tivesse acontecido, sacou uma harmónica ferrugenta do bolso do casaco e começou a tocar. O sacristão deixava-o fazer isso já há muitos anos, pois ele tocava tão baixinho e de maneira tão desajeitada que soava como se fosse apenas o vento a gemer nas ramadas.

– Como é que eu agora vou para o consulado? – perguntou Ellen – como é que eu agora chego mais depressa ao consulado?

Mas o cego já não queria saber dela. Tinha a cabeça encostada à coluna, soprava absorto na harmónica ferrugenta e não deu mais nenhuma resposta. Agora também começava a chover.

– Ouça! – disse Ellen enquanto lhe puxava pelo casaco. Arrancou-lhe aquela lata das mãos e voltou a pôr-lha em cima dos joelhos. Sentou-se ao lado dele nos degraus frios e insistiu com ele com voz bem alta.

– Como é que disse que eu vou ter com o cônsul, o que é que o senhor disse? Quem é que me leva para o outro lado da água, se não há nenhum vapor que parta para mim? Quem é que me leva, então?

Ela soluçava de raiva e bateu no cego com o punho cerrado, mas ele não se mexeu. Grande e insegura, Ellen estava de pé em frente do cego e cravava-lhe os olhos na cara dele. Ele ficou tão impassível quanto os degraus que subiam até à igreja.

Zögernd betrat Ellen die menschenleere Kirche, überlegend bis zur letzten Sekunde, ob es nicht besser wäre, umzukehren. Sie fühlte sich gedemütigt und verabscheute ihre eigenen Schritte, die die Stille des Raumes zerbrachen. Sie riß die Mütze vom Kopf und setzte sie wieder auf, den Zeichenblock hielt sie fester als vorher. Verwirrt musterte sie die Heiligenbilder an den Seitenaltären. Bei welchem von allen konnte sie es wagen, sich über den Blinden zu beschweren?

Dunklen Blickes, das Kreuz in der erhobenen, hageren Hand, stehend auf einem glühenden Gipfel, zu welchem gelbe, erlösungheischende Gesichter empordrängten, wartete Franz Xaver. Ellen blieb stehen und hob den Kopf, aber sie bemerkte, daß der Heilige weit über sie hinweg sah. Vergebens suchte sie seine Blicke auf sich zu lenken. Der alte Maler hatte richtig gemalt. »Ich weiß nicht, weshalb ich gerade zu dir komme«, sagte sie, aber es fiel ihr schwer. Sie hatte diejenigen niemals verstanden, denen es Vergnügen machte, in die Kirche zu gehen, und die schwelgend davon sprachen wie von einem Genuß. Nein, es war kein Genuß. Eher war es ein Leiden, das Leiden nach sich zog. Es war, als streckte man jemandem einen Finger hin, der viel mehr als die ganze Hand wollte. Und beten? Ellen hätte es lieber gelassen. Vor einem Jahr hatte sie Kopfspringen gelernt, und es ging ähnlich. Man mußte auf ein hohes Sprungbrett steigen, um tief hinunter zu kommen. Und dann war es immer noch ein Entschluß, zu springen, es hinzunehmen, daß Franz Xaver nicht hersah, und sich zu vergessen.

Aber es mußte sich jetzt entscheiden. Ellen wußte noch immer nicht, weshalb sie sich mit ihrer Bitte gerade an diesen Heiligen wandte, von dem in dem alten Buch stand, daß er

Hesitante, Ellen entrou na igreja deserta, ponderando, até ao último segundo, se não seria melhor voltar para trás. Sentia-se humilhada e detestou os seus próprios passos a destruir o silêncio daquele espaço. Tirou a boina da cabeça e voltou a pô-la, agarrou no caderno dos desenhos ainda com mais força do que antes. Confusa, inspecionou para as imagens dos santos nos altares laterais. A qual de todos eles ousaria queixar-se do cego?

De olhar sombrio, a cruz na mão magra e erguida, de pé sobre um monte reluzente para o qual se erguiam rostos amarelos e suplicantes pela salvação, aguardava Francisco Xavier. Ellen ficou parada e levantou a cabeça, mas reparou que o santo olhava para algures muito por cima dela. Em vão, procurou chamar a si o olhar dele. O velho pintor tinha pintado corretamente. – Não sei porque que venho ter precisamente contigo – disse ela, mas custou-lhe. Nunca percebera aquelas pessoas para quem ir à igreja era um deleite e que falavam disso regaladas como se falassem dum prazer. Não, não era prazer nenhum. Era antes um sofrimento que atraía sofrimento. Era como estender um dedo a alguém que queria muito mais do que a mão toda. E rezar? Teria preferido não o fazer. Há um ano tinha aprendido a saltar para a água de cabeça e era parecido. Era preciso subir a um trampolim elevado para ir fundo na queda. E depois era sempre uma decisão: saltar, assumir que Francisco Xavier não viraria os olhos para ela e esquecer-se de si própria.

Mas agora era preciso decidir. Ellen continuava sem saber por que razão tinha dirigido o seu pedido precisamente a este santo, acerca do qual estava escrito no livro antigo que,

zwar viele fremde Länder bereist hätte, angesichts des ersehntesten aber gestorben war.

Angestrengt versuchte sie, ihm alles zu erklären. »Meine Mutter ist drüben, aber sie kann nicht für mich bürgen, niemand bürgt für mich. Könntest nicht du -« Ellen zögerte, »ich meine, könntest nicht du jemandem eingeben, daß er für mich bürgt? Ich würde dich auch nicht enttäuschen, wenn ich erst einmal in der Freiheit bin!«

Der Heilige schien verwundert. Ellen merkte, daß sie nicht genau gesagt hatte, was sie meinte. Mit Mühe schob sie beiseite, was sie von sich selbst trennte.

»Das heißt, ich würde dich keinesfalls enttäuschen - auch wenn ich hierbleiben, auch wenn ich in Tränen ertrinken müßte!«

Wieder schien der Heilige verwundert und sie mußte noch weiter gehen.

»Das heißt, ich würde nicht in Tränen ertrinken. Ich würde immer versuchen, dir keinen Vorwurf zu machen, auch dann, wenn ich nicht frei würde.«

Noch ein einziges stummes Verwundern Franz Xavers und die letzte Tür wich zurück.

»Das heißt, ich meinte - ich weiß nicht, was notwendig ist, damit ich frei werde.«

Ellen kamen die Tränen, aber sie spürte, daß Tränen dieser Unterhaltung nicht gerecht wurden.

»Ich bitte dich: Was auch immer geschieht, hilf mir, daran zu glauben, daß irgendwo alles blau wird. Hilf mir, über das Wasser zu gehen, auch wenn ich hierbleiben muß!«

Das Gespräch mit dem Heiligen war zu Ende. Alle Türen standen offen.

embora tivesse viajado por muitos países estrangeiros, acabou por morrer à vista do mais ansiado.

Com muito esforço, Ellen tentou explicar-lhe tudo. – A minha mãe está do outro lado, mas ela não pode ser minha fiadora, ninguém pode ser. Será que tu não podias... – Ellen hesitou – quer dizer, não podias dar tu uma palavrinha a alguém para ser meu fiador? Eu também não te ia desiludir quando eu depois finalmente estiver em liberdade!

O santo parecia admirado. Ellen reparou que não dissera exatamente o que queria dizer. A custo, afastou de si aquilo que a separava de si própria.

– Quer dizer, eu não te ia desiludir de forma alguma... mesmo que tivesse de ficar aqui, mesmo que tivesse de afogar-me em lágrimas!

De novo, o santo pareceu admirado e Ellen teve de ir mais longe.

– Quer dizer, eu não iria afogar-me em lágrimas. Eu iria tentar nunca te censurar, mesmo que eu não alcançasse a liberdade.

Mais uma só admiração surda de Francisco Xavier e a última porta cedeu.

– Ou seja, quero dizer... não sei o que é que é preciso para eu ser livre.

As lágrimas vieram-lhe aos olhos, mas Ellen sentiu que as lágrimas não se adequavam àquela conversa.

– Peço-te: aconteça o que acontecer, ajuda-me a acreditar que nalgum lado tudo é azul. Ajuda-me a ir para lá da água, mesmo que eu tenha de ficar aqui!

A conversa com o santo chegara ao fim. Todas as portas estavam abertas.

VIII.2. Capítulo 5 *Die Angst vor der Angst* (texto de partida e tradução)

Die Angst vor der Angst

Wie ein großes dunkles Wappen war der Spiegel. Mitten darin stand der Stern. Ellen lachte glücklich. Sie hob sich auf die Fußspitzen und verschränkte die Arme hinter dem Kopf. Dieser wunderbare Stern. Dieser Stern in der Mitte.

Der Stern war dunkler als die Sonne und blasser als der Mond. Der Stern hatte große, scharfe Zacken. Wenn es dämmerte, wurde sein Radius undefinierbar wie der einer fremden Handfläche. Ellen hatte ihn heimlich aus der Nähschachtel geholt und an ihr Kleid gesteckt.

»Laß dir das nicht einfallen«, hatte die Großmutter gesagt, »sei froh, daß er dir erspart bleibt, daß du ihn nicht tragen mußt wie die andern!« Aber Ellen wußte es besser. Dürfen, so hieß das Wort: Dürfen. Sie seufzte tief und erleichtert. Wenn sie sich bewegte, bewegte sich auch der Stern im Spiegel. Wenn sie sprang, sprang der Stern und sie durfte sich etwas wünschen. Wenn sie zurückwich, wich der Stern mit ihr. Sie legte vor Glück die Hände an die Wangen und schloß die Augen. Der Stern blieb. Er war seit langem die geheimnisvollste Idee der geheimen Polizei gewesen. Ellen nahm den Saum ihres Rockes zwischen die Finger und drehte sich im Kreis, sie tanzte.

Feuchte Finsternis stieg aus den Ritzen der Bretter. Die Großmutter war weggegangen. Wie ein schwankendes Schiff war sie um die Ecke gebogen. Solange man sie noch sehen konnte, stand ihr Schirm wie ein schwarzes Segel gegen den nassen Wind. Unbestimmte Gerüchte zogen fröstelnd durch die Gassen der Insel. Die Großmutter war weggegangen, um Näheres zu erfahren.

Näheres?

Ellen lächelte nachdenklich dem Stern im Spiegel zu. Die Großmutter wollte Gewißheit haben. Zwischen zwei Spiegeln.

O medo do medo

Como um grande brasão escuro era o espelho. No meio estava a estrela. Ellen ria-se, feliz. Pôs-se em bicos dos pés e cruzou os braços atrás da cabeça. Esta estrela maravilhosa. Esta estrela no meio.

A estrela era mais escura do que o sol e mais pálida do que a lua. A estrela tinha pontas grandes, afiadas. Quando anoitecia, o seu raio ficava indefinível como o de uma palma da mão alheia. Ellen tirara a estrela da caixa de costura às escondidas e cosera-a ao vestido.

– Nem penses nisso, – dissera a avó – sorte tens tu por isto te ser poupado, por não te ser obrigatório como é para os outros! – Mas Ellen é que sabia. Por lhe ser facultativo, a palavra era: facultativo. Soltou um suspiro profundo e aliviado. Quando ela se mexia, também se mexia a estrela no espelho. Quando saltava, a estrela saltava e ela podia pedir um desejo. Quando recuava, a estrela recuava com ela. De felicidade, pôs as mãos sobre as faces e fechou os olhos. A estrela continuava lá. Fora desde há muito tempo a ideia mais secreta da polícia secreta. Ellen pegou na bainha do vestido entre os dedos e girou em círculo, dançava.

Uma escuridão húmida ergueu-se das fendas das tábuas. A avó tinha saído. Como um navio a oscilar, tinha dobrado a esquina. Enquanto ainda dava para vê-la, o seu chapéu de chuva erguia-se como uma vela preta contra o vento húmido. Rumores incertos e frios varreram as velas da ilha. A avó tinha saído para saber mais detalhes.

Mais detalhes?

Ellen sorriu para a estrela no espelho, pensativa. A avó queria ter a certeza. Entre dois espelhos.

Wie ungewiß war alle Gewißheit. Gewiß war das Ungewisse, und es wurde immer gewisser seit der Erschaffung der Welt.

Ein Stockwerk höher gab Tante Sonja Klavierstunden. Sie gab sie heimlich. Im Zimmer links stritten die beiden Buben. Deutlich hörte man ihre bitteren, hellen Stimmen. Im Zimmer rechts schrie der alte, taube Mann mit seiner Bulldogge: »Hast du eine Ahnung, was geschehen wird, Peggy? Sie sagen mir nichts, keiner sagt mir was!«

Ellen holte zwei Blechdeckel aus dem Schrank und schlug sie zornig gegeneinander. Vom Hof schrie die Hausbesorgerin. Es klang wie: Pack – packen – sich packen!

Einen Augenblick starrte Ellen auf die leeren, grauen Wände, die hinter ihr und dem Stern aus dem Spiegel tauchten. Sie war allein zu Hause. In den Zimmern links und rechts wohnten Fremde. Sie war allein in diesem Zimmer. Und dieses Zimmer war zu Hause. Sie nahm den Mantel vom Haken an der Tür. Die Großmutter konnte bald wieder heimkommen, sie mußte sich beeilen. Wie ein großes, dunkles Wappen war der Spiegel.

Sie riß den Stern vom Kleid, ihre Hände zitterten. Leuchten mußte man, wenn es so dunkel war, und wie sollte man leuchten, wenn nicht durch den Stern? Sie ließ sich das nicht verbieten, nicht von ihrer Großmutter und nicht von der geheimen Polizei. Rasch, mit großen, ungeschickten Stichen nähte sie ihn an die linke Mantelseite. Sie saß auf dem Tisch und hielt den Kopf dicht darüber gebeugt. Dann schlüpfte sie in den Mantel, schlug die Tür hinter sich zu und rannte die Treppe hinunter.

Aufatmend stand sie eine Sekunde lang unter dem Tor. Nebel hing in der Luft. Sie warf sich dem Spätherbst entgegen.

Quão incerta era toda a certeza. Certo era o incerto, e ia ficando cada vez mais certo desde a criação do mundo.

No andar de cima, a tia Sonja dava aulas de piano. Dava-as às escondidas. No quarto à esquerda, os dois miúdos andavam às turras. Dava para ouvir claramente as suas vozes amargas e agudas. No quarto à direita, o velho surdo gritava com o buldogue: – Fazes ideia do que se vai passar, Peggy? Eles não me dizem nada, ninguém me diz nada!

Ellen tirou dois testos do armário e bateu com um no outro, irritada. Do pátrio gritou a senhoria. Soou como: trás... trastes... daqui para fora!

Por um momento, Ellen ficou a olhar para as paredes vazias e cinzentas que, atrás de si e da estrela, emergiam de dentro do espelho. Estava sozinha em casa. Nos quartos à esquerda e à direita moravam estranhos. Estava sozinha naquele quarto. E aquele quarto era casa. Tirou o casaco do gancho da porta. A avó podia regressar dali a nada, Ellen tinha de se despachar. Como um braço grande e escuro era o espelho.

Arrancou a estrela do vestido, as mãos tremiam-lhe. Uma pessoa tinha de brilhar quando ficava assim tão escuro, e como é que podia brilhar se não através da estrela? Não deixou que nada a proibisse, nem a avó, nem a polícia secreta. À pressa, com pontos grandes e desajeitados, coseu a estrela no lado esquerdo do casaco. Estava sentada em cima da mesa e tinha a cabeça inclinada, quase a tocar no vestido. Depois enfiou o casaco, bateu com a porta e correu escadas abaixo.

Respirou fundo, ficou por um instante sob o arco do portão. Havia neblina no ar. Ellen lançou-se ao outono tardio.

Darum liebte sie ihn, ohne es zu wissen, weil er allem ein Tieferes, Dunkles gab, aus dem es sich hob wie ein Wunder, weil er ihnen die Ahnung des Unfaßbaren wiederschenkte, ihr Geheimnis den Geheimnislosen. Weil er nicht offen und blendend zur Schau trug wie der Frühling – seht, ich komme – sondern weil er sich zurückzog wie einer, der mehr wußte: Kommt ihr!

Ellen kam. Sie lief durch die alten, nebligen Gassen, vorbei an Gleichgültigen und Glatten, und sie warf sich in seine verborgenen Arme. Der Stern an ihrem Mantel beflügelte sie. Laut klapperten ihre Sohlen auf dem harten Pflaster. Sie lief durch die Gassen der Insel.

Erst die Torte im halbhellen Schaufenster der Konditorei brachte sie zum Stehen. Die Torte war weiß und glänzend, und darauf stand mit rosa Zuckerguß »Herzlicher Glückwunsch«. Die Torte war für Georg, sie war der Friede selbst. Rötliche, gefältelte Vorhänge umgaben sie von allen Seiten wie durchschimmernde Hände. Wie oft waren sie hier gestanden und hatten geschaut. Einmal war es eine gelbe Torte gewesen und einmal eine grüne. Aber heute war sie am schönsten.

Ellen stieß die Glastür auf. In der Haltung eines fremden Eroberers betrat sie die Konditorei und ging mit großen Schritten auf den Ladentisch zu. »Guten Abend!« sagte die Verkäuferin abwesend, hob den Blick von den Fingernägeln und verstummte.

»Herzlichen Glückwunsch«, sagte Ellen, »diese Torte möchte ich.« Lang und feucht hing ihr Haar über den alten Mantel. Der Mantel war viel zu kurz und das Schottenkleid schaute zwei Handbreit darunter hervor. Aber das allein hätte es nicht gemacht. Was den Ausschlag gab, war der Stern. Ruhig

Era por isso que ela o amava sem saber, porque ele dava a tudo algo de mais profundo, de escuro, que se erguia de dentro dele como uma maravilha, porque ele devolvia às pessoas a ideia do inconcebível, o segredo aos desprovidos de segredos. Porque ele não dava nas vistas abertamente e encandeante como a primavera – vejam todos, estou a chegar – mas sim porque ele se retraía como alguém que sabia mais: venham!

Ellen avançou. Andou pelas vielas antigas e enevoadas, passou por indiferentes e por apáticos, e lançou-se aos braços escondidos do outono. A estrela no casaco entusiasmava-a. Ouvia-se o bater forte das suas solas na calçada dura. Andou pelas vielas da ilha.

Só a bela tarte na montra meio iluminada da pastelaria a fez parar. Era uma tarte branca e brilhante, e, em cima, tinha escrito com glacé cor de rosa “Parabéns”. A tarte era para o Georg, era a própria paz. Umas cortinas avermelhadas e plissadas rodeavam-na por todos os lados como mãos translúcidas. Quantas vezes eles ali tinham parado e tinham ficado a olhar. Uma vez, fora uma amarela, outra, uma verde. Mas, naquele dia, estava mais bonita do que nunca.

Ellen abriu com força a porta de vidro. Com a postura de um conquistador estrangeiro, entrou na pastelaria e dirigiu-se ao balcão a passos largos. – Boa tarde! – disse a empregada, distraída, levantou o olhar das unhas e emudeceu.

– Parabéns – disse Ellen – queria aquela tarte. – O cabelo comprido e húmido pendia-lhe sobre o casaco velho. O casaco era demasiado curto e deixava ver dois palmos do vestido escocês. Mas isso só por si não teria feito nada. O que foi decisivo foi a estrela. Calma

und hell prangte er an dem dünnen, dunkelblauen Stoff, so als wäre er überzeugt davon, daß er am Himmel stand.

Ellen hatte das Geld vor sich auf den Ladentisch gelegt, sie hatte seit Wochen gespart. Sie wußte den Preis.

Die Gäste ringsum hörten zu essen auf. Die Verkäuferin stützte die dicken, roten Arme auf die silberne Kassa. Ihr Blick saugte sich an dem Stern fest. Sie sah nichts als den Stern. Hinter Ellen stand jemand auf. Ein Sessel wurde gegen die Wand gestoßen.

»Bitte die Torte«, sagte Ellen noch einmal und schob das Geld mit zwei Fingern näher an die Kassa. Sie konnte sich diese Verzögerung nicht erklären. »Wenn sie mehr kostet«, murmelte sie unsicher, »wenn sie jetzt vielleicht mehr kostet, so hole ich den Rest, ich habe noch etwas zu Hause. Und ich kann mich beeilen –« Sie hob den Kopf und sah in das Gesicht der Verkäuferin. Was sie sah, war Haß.

»Wenn Sie bis dahin noch offen haben!« stammelte Ellen.

»Schau, daß du verschwindest!«

»Bitte«, sagte Ellen ängstlich, »Sie irren sich. Sie irren sich bestimmt. Ich will die Torte nicht geschenkt haben, ich will sie kaufen! Und wenn sie mehr kostet, so bin ich bereit, ich bin bereit –«

»Du bist nicht gefragt«, erklärte die Verkäuferin eisig, »geh! Geh jetzt, sonst lasse ich dich verhaften!«

Sie löste die Arme von der Kassa und ging langsam um den Ladentisch herum. Sie kam auf Ellen zu.

Ellen stand ganz still und sah ihr ins Gesicht. Sie war nicht sicher, auch wirklich wach zu sein. Sie strich mit der Hand über die Augen. Die Verkäuferin stand dicht vor ihr.

»Geh! Hörst du nicht? Sei froh, wenn ich dich gehen lasse!«

e clara, brilhava no tecido fino e azul-escuro como se estivesse convencida de estar no céu.

Ellen pusera o dinheiro à sua frente sobre o balcão, desde há semanas que andava a poupar. Saiba o preço.

Os clientes à volta pararam de comer. A empregada apoiou-se com os braços grossos e vermelhos na caixa registadora prateada. Não tirava os olhos da estrela. Não via nada senão a estrela. Atrás de Ellen alguém se levantou. Uma cadeira foi atirada contra a parede.

– A tarte, se faz favor – disse Ellen uma vez mais e, com dois dedos, empurrou o dinheiro para mais perto da caixa. Não conseguia arranjar explicação para esta demora. – Se custar mais – murmurou, insegura – se agora custar mais, vou buscar o resto, ainda tenho algum em casa. E posso ir num pé e vir noutro... – Levantou a cabeça e olhou para a cara da empregada. O que ela viu foi ódio.

– Se ainda estiverem abertos quando eu voltar! – gaguejou Ellen.

– Vê mas é se desapareces!

– Por favor – disse Ellen, assustada – Está enganada. Está enganada de certeza. Eu não quero que me ofereça a tarte, eu quero comprá-la! E, se custar mais, eu estou preparada, eu estou preparada...

– Ninguém te perguntou nada – disse a empregada friamente – Põe-te a andar! Põe-te a andar agora ou eu mando-te prender!

Tirou os braços da caixa registadora e deu a volta ao balcão lentamente. Aproximou-se de Ellen.

Ellen ficou muito quieta a olhar para a cara dela. Não tinha a certeza de estar realmente acordada. Esfregou os olhos com a mão. A empregada estava a um palmo à frente dela.

– Põe-te a andar! Estás a ouvir? Sorte tens tu por eu te deixar ir!

Sie schrie. Die Gäste rührten sich nicht. Ellen wandte sich hilfesuchend nach ihnen um. In diesem Augenblick sahen alle den Stern an ihrem Mantel. Einzelne lachten höhnisch. Die andern hatten ein mitleidiges Lächeln um den Mund. Keiner half ihr.

»Wenn sie mehr kostet«, begann Ellen zum drittenmal. Ihre Lippen zitterten.

»Sie kostet mehr«, sagte einer von den Gästen.

Ellen sah an sich hinab. Plötzlich wußte sie den Preis für die Torte. Sie hatte ihn vergessen. Sie hatte vergessen, daß die Leute mit dem Stern Geschäfte nicht betreten durften, noch weniger eine Konditorei. Der Preis für die Torte war der Stern.

»Nein«, sagte Ellen, »nein, danke!«

Die Verkäuferin packte sie am Kragen. Jemand stieß die Glastür auf. In der halbhellen Auslage stand die Torte. Sie war der Friede selbst.

Der Stern brannte wie Feuer. Er durchsengte den blauen Matrosenmantel und trieb Ellen das Blut in die Schläfen. Man hatte also zu wählen. Man hatte zu wählen zwischen seinem Stern und allen übrigen Dingen.

Ellen hatte die Kinder mit dem Stern beneidet, Herbert, Kurt und Leon, alle ihre Freunde, sie hatte ihre Angst nicht verstanden, aber nun saß ihr der Griff der Verkäuferin wie ein Frösteln im Nacken. Seit die Verordnung in Kraft war, hatte sie um den Stern gekämpft, aber nun brannte er wie glühendes Metall durch Kleid und Mantel bis auf die Haut.

Und was sollte sie Georg sagen?

Georg hatte heute Geburtstag. Die Tischplatte war nach beiden Seiten hin ausgezogen und mit einem großen hellen Tuch

Estava aos gritos. Os clientes não se mexiam. Ellen voltou-se para eles à procura de ajuda. Naquele momento, todos lhe viram a estrela no casaco. Alguns riram de escárnio. Os outros tinham um sorriso compassivo nos lábios. Ninguém a ajudou.

– Se custar mais – recomeçou Ellen pela terceira vez. Os lábios tremiam-lhe.

– Custa mais – disse um dos clientes.

Ellen deslizou o olhar sobre si mesma. De repente soube o preço da tarte. Tinha-se esquecido dela. Tinha-se esquecido de que as pessoas com a estrela não estavam autorizadas a entrar em lojas, muito menos numa pastelaria. O preço da tarte era a estrela.

– Não – disse Ellen – não, obrigado!

A empregada agarrou-a pelo colarinho. Alguém abriu com força a porta de vidro. Na montra meio iluminada estava a tarte. Era a própria paz.

A estrela ardia como fogo. Perfurou o casaco azul de marinheiro e empurrou o sangue de Ellen para as têmporas. Era preciso escolher. Era preciso escolher entre a própria estrela e todas as outras coisas.

Ellen invejara as crianças com a estrela, Herbert, Kurt e Leon, todos os seus amigos, não percebera o medo deles, mas agora as garras da empregada estavam cima dela como um arrepio na nuca. Desde que a lei estava em vigor, lutara pela estrela, mas agora ela ardia-lhe como metal incandescente através do vestido e do casaco até à pele.

E que haveria de dizer a Georg?

Naquele dia era o aniversário de Georg. O tampo da mesa tinha sido aberto para os dois lados e coberto com uma toalha grande e clara.

bedeckt. Das Tuch hatte die Farbe von Apfelblüten. Die Dame, die die Kammer neben der Küche bewohnte, hatte es Georg zu seinem Geburtstag geliehen.

Georg fand es merkwürdig, zu seinem Geburtstag etwas geliehen zu bekommen. Geliehen. Der Gedanke ließ ihn nicht los. Steif und einsam saß er auf dem Ehrenplatz und erwartete seine Gäste, er fror.

Sein und seines Vaters Bett waren dicht an die Wand gerückt, um Platz zu machen. Trotzdem würden sie nicht tanzen können, wie Bibi es wünschte. Georg zog die Brauen zusammen und legte die Hände vor sich auf den Tisch. Es war traurig, seinen Gästen nicht alles bieten zu können, was sie wünschten. Unbeholfen stand der große schwarze Kuchen inmitten der Tassen, als hätten sie ihn gegen seinen Willen zum König ausgerufen. Sie irrten sich, er war nicht aus Schokolade. Er war nur schwarz. Georg saß still. Er hatte sich unsinnig auf diesen Tag gefreut. Er hatte sich ebenso unsinnig gefreut wie damals vor fünfzehn Jahren seine Eltern, als sie ihn aus dem hellen Hospiz auf ihren Armen die Gasse hinab in das fallende Dunkel trugen. Georg war froh, geboren zu sein. Aber noch nie war seine Freude so groß gewesen wie in diesem Jahr.

Seit Wochen war von dem Geburtstagsfest die Rede; seit Wochen hatten sie geplant und alles miteinander besprochen.

Um die Feierlichkeit zu erhöhen, hatte ihm sein Vater einen dunkelgrauen Anzug geborgt. Ein schmaler lederner Riemen hielt die Hose hinauf. Der Rock war weit und doppelreihig, von Georgs Schultern fielen gelassen die Schultern seines Vaters ab. Wäre der Stern nicht gewesen, der große gelbe Stern an dem schönen Rock!

Er verdarb Georg alle Freude.

A toalha tinha a cor das flores das macieiras. A senhora que morava no quarto ao lado da cozinha tinha-a emprestado a Georg por ser o seu aniversário.

Georg achou esquisito receber uma coisa emprestada no seu aniversário. Emprestada. Este pensamento não o largava. Tenso e sozinho, estava sentado no lugar de honra e aguardava os convidados, estava com frio.

A sua cama e a do pai tinham sido empurradas até junto à parede para dar espaço. Contudo, não iam conseguir dançar, como Bibi queria. Georg franziu a testa e pôs as mãos à sua frente, em cima da mesa. Era triste não poder oferecer aos seus convidados tudo o que eles queriam. Desajeitado, o bolo grande e negro estava no meio das chávenas, como se elas o tivessem elegido como rei contra a vontade dele. Estavam enganadas, ele não era de chocolate. Era só negro. Georg estava sentado, em silêncio. Tinha andado tão, mas tão feliz com este dia. Tinha andado tão feliz quanto os seus pais quando, daquela vez, quinze anos antes, o foram buscar à maternidade clara, com ele nos braços, rua abaixo em direção à escuridão que caía. Georg estava feliz por ter nascido. Mas a sua felicidade nunca fora maior do que a deste ano.

Desde há semanas que falavam da festa de aniversário; desde há semanas que andavam a planear e a combinar tudo uns com os outros.

Para aumentar a pompa, o pai emprestara-lhe um fato cinzento-escuro. Um cinto estreito de couro segurava-lhe as calças. O casaco era comprido e com duas filas de botões, dos ombros de Georg pendiam serenos os ombros do pai. Se não fosse a estrela, a grande estrela amarela no lindo casaco!

Arruinava a Georg toda a felicidade.

Der Stern hatte die Farbe der Sonne. Entlarvt war sie, die angebetete Sonne, dieses strahlende Gestirn der Kinderzeit! Wenn man die Augen zusammenkniff, bekam sie schwarze Ränder, die sich gewandt einzogen und ausbuchteten, und in der Mitte stand »Jude«.

Verzweifelt legte Georg die Hand darüber und nahm sie wieder weg. Schleier sanken aus dem stillen Hof durch die matten Scheiben und versuchten, den Stern zu verhüllen. Die geheime Polizei hatte verboten, den Stern zu verhüllen. Die Dämmerung machte sich straffällig, wie der Mond sich straffällig machte, so oft er sein spöttisches Licht über die verdunkelte Stadt warf.

Georg seufzte. Schon läuteten seine Gäste. Er sprang auf und rannte um den Tisch.

»Seid ihr alle da?«

»Ellen fehlt.«

»Vielleicht kommt sie nicht mehr!«

»Vielleicht will sie nicht kommen.«

»Vielleicht ist es nicht gut, mit uns zu verkehren.«

»Das glaube ich nicht«, sagte Georg nachdenklich. Noch immer sanken die Schleier durch die Scheiben. Und noch immer stand der Kuchen schwarz und unglücklich in der Mitte des Tisches.

»Warte nur«, sagte Georg, »bald kommt deine Braut. Deine Braut ist eine Torte, weiß mit rosa. Herzlichen Glückwunsch! Gleich wirst du weniger verlassen sein, mein Lieber!«

Der Kuchen schwieg.

»Ellen bringt sie«, sagte Georg eindringlich. »Ellen bringt sie sicher. Ellen muß den Stern nicht tragen, weißt du! Sie stößt die Glastüre auf und legt das Geld auf den Tisch. Sie sagt:

A estrela tinha a cor do sol. Fora desmascarado, este sol que adoravam, este astro fulgurante da infância! Ao semicerrar os olhos, apareciam-lhe contornos pretos que habilmente se retraíam e se espriavam, e no meio estava “Judeu”.

Desesperado, Georg pôs-lhe a mão por cima e voltou a tirá-la. Véus caíam do pátio silencioso através das janelas baças e tentavam cobrir a estrela. A polícia secreta proibira cobrir a estrela. O crepúsculo incorria numa pena, tal como a lua incorria numa pena de cada vez que lançava a sua luz escarninha sobre a cidade escurecida.

Georg suspirou. Os convidados já estavam a tocar. Levantou-se e correu em torno da mesa.

– Estão todos?

– Falta a Ellen.

– Se calhar não vem mais!

– Se calhar não quer vir.

– Se calhar não é bom andar connosco.

– Não acredito nisso – disse Georg, pensativo. Os véus continuavam a cair através das janelas. E o bolo continuava ali, negro e triste, no meio da mesa.

– Espera – disse Georg – em breve chegará a tua noiva. A tua noiva é uma tarte, é branca e cor de rosa. Parabéns! Em breve estarás menos abandonado, meu querido!

O bolo estava calado.

– A Ellen trá-la – disse Georg com insistência – A Ellen trá-la de certeza. A Ellen não tem de andar com a estrela, sabes! Ela abre com força a porta de vidro e põe o dinheiro em cima do balcão.

Diz:

›Bitte die Torte!‹ und sie bekommt sie. Das gibt es. Das gibt es, sage ich dir. Alles bekommt man, wenn man den Stern nicht trägt!«

Bibi lachte, aber es klang nicht, als lachte sie wirklich. Die andern saßen rundherum und versuchten vergeblich, sich in dem leisen und unbeteiligten Tonfall der Erwachsenen zu unterhalten. Als hörten sie nicht das Weinen aus dem Zimmer nebenan und als hätten sie keine Angst. Im Zimmer nebenan weinte jemand, es mußte der junge Mann sein, den man vor kurzem hier eingewiesen hatte.

Georg stand auf, zog den Gürtel enger und legte die Hände breit und unsicher auf das Tischtuch. Er hustete und trank einen Schluck Wasser. Er wollte eine Rede halten und er wollte es feierlich machen. Er wollte sagen: Ich danke euch vielmals, daß ihr gekommen seid, und es ist mir eine Freude. Ich danke Bibi und Hanna und Ruth für die drei seidenen Taschentücher, ich habe sie wirklich gebraucht. Und ich danke Kurt und Leon für den ledernen Tabaksbeutel, der mir gerade fehlte. Wenn der Krieg zu Ende ist, ziehe ich ihn plötzlich aus der Tasche, und dann wollen wir die Friedenspfeife rauchen. Ich danke Herbert für den roten Wasserball, er gehört jetzt uns allen. Im nächsten Sommer wollen wir wieder Völkerball spielen.

Das alles wollte Georg sagen. Deshalb war er aufgestanden und hatte beide Hände auf das Tischtuch gelegt. Deshalb klopfte er unaufhörlich mit den Fingern an die Tischkante. Er wollte sich Gehör verschaffen.

Die Kinder schwiegen längst, aber der junge fremde Mann von nebenan schwieg nicht. Sein Weinen verlöschte Georg die Worte im Mund, wie ein Luftzug ein Streichholz nach dem anderen verlöscht.

‘A tarte, por favor!’ e dão-lha. É verdade. É verdade, estou-te eu a dizer. Uma pessoa recebe tudo se não andar com a estrela!

Bibi riu-se, mas não soou como se ela se risse de facto. Os outros estavam sentados à mesa e tentavam em vão conversar no tom silencioso e desinteressado dos adultos. Como se não ouvissem o choro do quarto ao lado e como se não tivessem medo. No quarto ao lado estava alguém a chorar, devia ser o rapaz que tinha sido alojado lá pouco tempo antes.

Georg levantou-se, apertou o cinto e pôs as mãos abertas e inseguras sobre a toalha. Tossiu e bebeu um golo de água. Queria fazer um discurso e queria fazê-lo com solenidade. Queria dizer: Muito vos agradeço por terem vindo, é para mim uma alegria. Agradeço à Bibi e à Hanna e à Ruth pelos três lenços de seda, estava mesmo a precisar deles. E agradeço ao Kurt e ao Leon pela bolsa de couro para o tabaco que me estava a fazer falta. Quando a guerra terminar, tiro-a logo do bolso e fumamos o cachimbo da paz. Agradeço ao Herbert pela bola de polo vermelha, agora pertence-nos a todos. No próximo verão vamos jogar outra vez ao mata.

Georg queria dizer tudo isto. Para isso se levantara e pusera duas mãos sobre a toalha. Para isso tinha batido insistentemente com os dedos no canto da mesa. Queria a atenção dos amigos.

A crianças calaram-se por um longo momento, mas o rapaz desconhecido no quarto ao lado não se calou. O seu choro apagou as palavras na boca de Georg como uma corrente de ar apaga um fósforo depois do outro.

Georg hatte eine große Rede halten wollen. Er hatte alles sagen wollen, aber jetzt sagte er nur: »Da weint jemand!« und setzte sich wieder nieder. »Weint eben jemand«, wiederholte Kurt mürrisch. Ein Löffel fiel zu Boden. Bibi schlüpfte unter den Tisch und hob ihn wieder auf. »Ist es nicht lächerlich«, sagte Herbert, »so zu weinen? Wegen nichts und wieder nichts!«

»Nichts und wieder nichts«, sagte Leon verzweifelt, »das ist es. Das ist es, sage ich euch!«

»Nehmt Kuchen!« rief Georg. Das sollte aufmunternd klingen, aber es klang erschreckend. Alle nahmen Kuchen. Georg beobachtete sie ängstlich. Sie aßen schnell und angestrengt, der Kuchen war zu trocken. Sie würgten. »Jetzt kommt Ellen bald mit der Torte«, sagte Georg. »Und es ist immer gut, wenn man das Beste zuletzt –«

»Ellen kommt nicht«, unterbrach ihn Kurt, »die will nichts mehr mit uns zu tun haben!«

»Nichts mit dem Stern.«

»Sie hat uns vergessen.«

Ruth stand auf und schenkte den Tee ein, still und schnell und ohne einen Tropfen zu verschütten. Verloren glänzten die Augen der Kinder über die weißen Tassen. Herbert tat, als hätte er sich verschluckt, und begann zu husten.

Georg ging langsam von einem zum andern, klopfte im Vorbeigehen jedem auf die Schulter, rief »Alter Knabe!« und ähnliche Dinge und lachte dazu. Die andern lachten mit. Sobald sie eine Sekunde damit aufhörten, hörten sie das Weinen von nebenan wieder ganz deutlich. Kurt wollte etwas Lustiges erzählen und stieß dabei mit dem Arm die Tasse um. »Es macht nichts«, rief Georg, »es macht gar nichts!« Bibi sprang auf und legte ihre Serviette unter den nassen Fleck.

Georg queria fazer um grande discurso. Queria dizer tudo, mas o que disse foi só: – Está ali alguém a chorar! – e tornou a sentar-se. – Está mesmo alguém a chorar – repetiu Kurt, com má cara. Uma colher caiu ao chão. Bibi enfiou-se debaixo da mesa e apanhou-a. – Não é ridículo – disse Herbert – chorar assim? Por nada e coisa nenhuma!

– Nada e coisa nenhuma – disse Leon, desesperado – é isso mesmo. É isso mesmo, é o que vos digo!

– Sirvam-se bolo! – disse Georg em voz alta. Era para soar em tom de animação, mas soou em tom assustador. Todos tiraram bolo. Georg observava-os amedrontado. Comeram depressa e com esforço, o bolo era muito seco. Ficaram embaçados. – Agora está aí a chegar a Ellen com o bolo – disse Georg. – E é sempre bom quando é no fim que o melhor...

– A Ellen não vem – interrompeu-o Kurt – ela não quer ter mais nada a ver connosco!

– Mais nada a ver com a estrela.

– Ela esqueceu-nos.

Ruth levantou-se e serviu o chá, em silêncio e rápido, sem entornar uma gota. Perdidos, os olhos das crianças brilharam por cima das chávenas brancas. Herbert fingiu que se tinha engasgado e começou a tossir.

Georg ia passando lentamente de um para outro, batia-lhes no ombro ao passar, dizia 'Meu velho!' e coisas parecidas e ria-se. Os outros riam-se com ele. Assim que paravam por um segundo, ouviam de novo o choro do lado, muito claramente. Kurt ia para contar qualquer coisa engraçada e entornou a chávena com o braço. – Não faz mal – disse Georg – não faz mal! – Bibi levantou-se e pôs o guardanapo sobre a nódoa húmida

Die Schleier, die durch die Scheiben fielen, wechselten vom Grau ins Schwarz. Grundlos glänzten die leeren Einsiedegläser vom Schrank herab.

Bibi flüsterte Kurt etwas zu.

»An meinem Geburtstag gibt es keine Geheimnisse!«
murrte Georg gekränkt.

»Sei froh, wenn du's nicht weißt!« rief Bibi mit ihrer hellen und etwas lauten Stimme über den Tisch. »Sei froh, Georg, es ist nichts für deinen Geburtstag!« Bibi war glücklich, wenn sie Geheimnisse haben konnte. Sie dachte nicht weiter, was etwas außerdem war. Wenn es ein Geheimnis war, so genügte es ihr.

Das Weinen nebenan ließ nicht nach. Hanna sprang plötzlich auf. »Ich frage ihn jetzt«, rief sie aufgebracht, »und ich frage sofort!«

Georg verstellte die Tür. Er spannte die Arme aus und preßte den Kopf an das Holz, eine lebendige Barrikade gegen das Weinen, das in allen Nebenzimmern ist, wenn man es hören will. Hanna hatte seine Schultern gepackt und versuchte, ihn wegzureißen. »Ich will es wissen, hörst du?«

»Es geht uns nichts an! Schlimm genug, daß wir Tür an Tür mit Fremden wohnen müssen. Weshalb sie lachen und weshalb sie weinen, das geht uns nichts an!«

»Es geht uns an«, rief Hanna außer sich, »es ist uns immer schon angegangen, wir waren viel zu taktvoll. Aber jetzt geht es uns ganz besonders an!« Sie wandte sich zu den andern.
»Helft mir, helft mir doch! Wir müssen Gewißheit bekommen!«

»Man darf nicht Gewißheit verlangen«, sagte Georg leise, »das tun die Großen, das tun sie fast alle, aber deshalb stirbt man. Weil man Gewißheit verlangt. Soviel ihr fragt, es wird

Os véus que caíam pelas janelas mudaram de cinzento para preto. Sem razão, os fracos de compota vazios brilhavam do alto do armário.

Bibi sussurrou qualquer coisa a Kurt.

– No meu aniversário não há cá segredos! – resmungou Georg, ofendido.

– Sorte tens tu por não o saberes! – gritou Bibi com a sua voz clara e um pouco alta do outro lado da mesa. – Sorte tens tu, Georg, por isto não ser nada para o teu aniversário! – Bibi ficava feliz quando podia ter segredos. Não pensava mais no que o segredo pudesse ser. Se era um segredo, então já lhe era suficiente.

O choro do lado não abrandava. Hanna levantou-se de repente.
– Vou perguntar-lhe agora – gritou, furiosa – vou perguntar e é já!

Georg barrou a porta. Esticou os braços e pressionou a cabeça contra a madeira, uma barricada viva contra o choro que está em todos os quartos do lado quando uma pessoa o quer ouvir. Hanna estava a agarrá-lo pelos ombros e tentava arrancá-lo dali. – Eu quero saber, estás a ouvir?

– Não é da nossa conta! Já é mau o suficiente termos de viver com estranhos porta com porta. Porque é que riem ou porque é que choram, isso não é da nossa conta!

– É da nossa conta! – gritou Hanna fora de si – sempre foi da nossa conta, temos sido demasiado discretos. Mas agora é especialmente da nossa conta! – voltou-se para os outros.
– Ajudem-me, ajudem-me por favor! Temos de ter a certeza!

– Não se deve exigir certeza – disse Georg em voz baixa – isso é o que fazem os crescidos, é o que fazem quase todos, mas é por isso que se morre. Porque se exige certeza. Por mais que vocês perguntem,

immer ungewiß bleiben, immer, hört ihr? Solange ihr lebt.« Er umklammerte mit starren Fingern die Türpfosten. Seine Arme wurden allmählich schlaff und drohten herabzusinken.

»Du bist krank«, sagte Hanna, »du bist krank, Georg.«

Die andern standen stumm im Kreis.

Herbert drängte sich vor.

»Wollt ihr wissen, was Bibi vorhin gesagt hat? Ich weiß es! Ich habe es gehört. Soll ich es sagen? Ja? Soll ich es sagen?«

»Sag's!«

»Sag's nicht!«

»Wehe dir, Herbert!«

»Bibi hat gesagt, sie hat gesagt –«

»Ich will es nicht wissen!« schrie Georg. »Heute ist mein Geburtstag und ich will es nicht wissen!« Seine Arme sanken endgültig herab. »Heute ist mein Geburtstag«, wiederholte er erschöpft, »und ihr habt mir alles Gute gewünscht. Jeder von euch.«

»Er hat recht«, sagte Leon, »heute ist sein Geburtstag und sonst nichts. Wir wollen etwas spielen!«

»Ja«, sagte Georg, »bitte!« Seine Augen begannen wieder zu glänzen. »Ich habe das Lotto schon vorbereitet.«

»Und worum spielen wir?«

»Um die Ehre.«

»Um die Ehre?« höhnte Kurt erbittert. »Um welche Ehre? Spielt doch gleich um den Stern!«

»Jetzt beginnt ihr wieder«, sagte Georg steif.

»Und jetzt«, stammelte Herbert, »jetzt werde ich euch auch sagen, was Bibi gesagt hat! Sie hat gesagt –« und ehe es ihr noch gelang, die Hand vor seinen Mund zu legen – »Bibi hat gesagt: Der Stern bedeutet den Tod!«

haverá sempre algo incerto, sempre, estão a ouvir? Enquanto forem vivos. – Agarrou-se com os dedos fixos nos batentes da porta. Os braços iam-lhe ficando sem força e ameaçavam cair.

– Tu estás doente – disse Hanna – tu estás doente, Georg.

Os outros estavam calados, em círculo.

Herbert chegou-se à frente.

– Querem saber o que é que a Bibi disse há bocado? Eu sei! Eu ouvi. Digo? Sim? Digo?

– Diz!

– Não digas!

– Ai de ti, Herbert!

– A Bibi disse, ela disse...

– Não quero saber! – gritou Georg. – Hoje é o meu aniversário e eu não quero saber! – Os braços caíram-lhe definitivamente. – Hoje é o meu aniversário – repetiu, esgotado – e vocês todos me desejaram muitas felicidades. Cada um de vocês.

– Ele tem razão – disse Leon – hoje é o aniversário dele e mais nada. Vamos jogar qualquer coisa!

– Vamos – disse Georg – por favor! – Os seus olhos começaram outra vez a brilhar. – Eu já preparei o loto.

– E jogamos por que prémio?

– Pela honra.

– Pela honra? – escarneceu Kurt, exasperante – Por que honra? Joguem mas é pela estrela!

– Lá estão vocês outra vez – disse Georg, tenso.

– E agora – balbuciou Herbert – agora vou dizer-vos o que a Bibi disse! Ela disse... – e antes de ela conseguir tapar-lhe a boca com a mão... – A Bibi disse: a estrela significa a morte!

»Das ist nicht wahr!« sagte Ruth.

»Ich habe Angst«, sagte Hanna, »weil ich noch sieben Kinder haben möchte und das Haus an der schwedischen Küste. Aber manchmal, in letzter Zeit, streicht mir mein Vater oft über das Haar, und bevor ich mich umdrehen kann, beginnt er zu pfeifen –«

»Die Erwachsenen«, rief Herbert aufgeregt, »die Erwachsenen bei uns zu Hause reden in fremden Sprachen!«

»Das tun sie immer«, sagte Leon, »das haben sie immer schon getan.« Seine Stimme veränderte sich. »Alles wird deutlicher.«

»Undeutlicher«, sagte Ruth verwirrt.

»Es deckt sich«, erklärte Leon. Doch schien es ihm, als spräche er ein Geheimnis aus, das er besser verschwiegen hätte. Ergib dich in das Ungewisse, damit du gewiß wirst.

Die andern wandten sich ab. »Dürfen wir, Georg? Die Luft wird stickig hier.« Sie rissen das Fenster auf und beugten sich hinaus. Es war dunkel und tief wie ein Meer. Den Hof erkannte man nicht.

»Wenn wir jetzt springen würden«, sagte Kurt heiser, »einer nach dem andern! Einen Augenblick lang und wir hätten keine Angst mehr. Keine Angst. Stellt euch das vor!«

Die Kinder schlossen die Augen, sie sahen sich deutlich, eines nach dem andern. Schwarz und schnell und gerade, als sprängen sie ins Wasser.

»Ist es nicht gut?« sagte Kurt. »Wenn sie uns dann finden, lang und reglos. Es gibt Leute, die sagen: Die Toten lachen. So lachen wir sie aus!«

»Nein«, schrie Herbert, »nein, man darf es nicht!«

»Die Mama erlaubt's nicht!« spottete Kurt.

– Não é verdade! – disse Ruth.

– Eu tenho medo – disse Hanna – porque eu ainda queria ter sete filhos e aquela casa na costa sueca. Mas às vezes, nos últimos dias, o meu pai passa-me a mão pelo cabelo e, antes de eu conseguir virar-me, ele começa a assobiar...

– Os adultos – gritou Herbert, agitado – os adultos lá em casa falam em línguas estrangeiras!

– Estão sempre a fazer isso – disse Leon – sempre fizeram isso. – A sua voz mudou. – Tudo fica mais perceptível.

– Mais imperceptível – disse Ruth, confusa.

– Vai dar ao mesmo – disse Leon. Mas pareceu-lhe que estava a dizer um segredo que era melhor não ter dito. Rende-te ao incerto para que estejas certo.

Os outros afastaram-se. – Podemos, Georg? O ar aqui está a ficar abafado. – Abriram a janela e debruçaram-se. Estava escuro e profundo como um mar. Não dava para reconhecer o pátio.

– Se saltássemos agora – disse Kurt com voz rouca – um a seguir ao outro! Era um instante e depois já não tínhamos mais medo nenhum. Medo nenhum. Imaginem!

As crianças fecharam os olhos, olharam-se nitidamente, uma depois da outra. Um salto negro e rápido e vertical, como se saltassem para a água.

– Não era bom? – disse Kurt. – Quando eles nos encontrassem, estendidos e imóveis. Há quem diga assim: os mortos riem-se. Assim a gente ria-se deles!

– Não – gritou Herbert – não, não se deve fazer isso!

– A mamã não deixa! – disse Kurt a gozar.

»Das muß jeder selbst wissen«, sagte Ruth ruhig aus dem Dunkel des Zimmers. »Was man zum Geburtstag geschenkt bekommt, das wirft man nicht weg.«

»Und heute ist mein Geburtstag«, wiederholte Georg, »ihr seid unhöflich.« Mit allen Mitteln versuchte er, die andern vom Fenster wegzulocken. »Wer weiß, ob wir im nächsten Jahr noch beisammen sind. Vielleicht ist es unser letztes Fest!«

»Im nächsten Jahr!« rief Kurt höhnisch. Wieder bemächtigte sich Verzweiflung der Kinder. »Bitte nehmt Kuchen!« schrie Georg außer sich. Wäre Ellen nur hier gewesen. Ellen hätte ihm vielleicht geholfen. Ellen hätte sie überredet und vom Fenster weggebracht. Aber sie war nicht hier.

»Wenn wir es tun würden«, wiederholte Kurt drängend, »wenn wir es jetzt tun würden! Wir haben nichts zu verlieren.«

»Nichts als den Stern!«

Ellen erschrak.

Die Nebel zerrissen. Wie ein hoher gewölbter Spiegel war der Himmel. Er spiegelte keine Gestalt mehr, keinen Umriß und keine Begrenzung, keine Frage und keine Angst. Er spiegelte nur mehr den Stern. Flimmernd, ruhig und unerbittlich.

Der Stern führte Ellen durch feuchte, finstere Gassen, weg von Georg, weg von ihren Freunden, weg von allen ihren Wünschen, in eine Richtung, die entgegengesetzt war allen anderen Richtungen, indem sie sie vereinte. Der Stern führte Ellen gegen sich selbst. Sie taumelte, mit ausgebreiteten Armen stolperte sie dem Stern nach. Sie sprang und griff, aber da war nichts zu greifen. Da hing kein Draht herab.

Hatte die Großmutter nicht recht gehabt mit allen ihren Warnungen?

– Isso cada um tem de saber por si – disse Ruth, tranquila, na escuridão da sala – O que se recebe quando se nasce e quando se faz anos não se deve mandar fora.

– E hoje é o meu aniversário – repetiu Georg – estão a ser mal-educados. – Tentou com todos os meios distrair os outros e afastá-los da janela. – Quem sabe se para o ano ainda estamos juntos. Se calhar, esta é a nossa última festa!

– Para o ano! – gritou Kurt com escárnio. Uma vez mais o desespero apoderou-se das crianças. – Por favor, sirvam-se de bolo! – gritou Georg fora de si. Se Ellen lá estivesse. Ellen tê-lo-ia ajudado. Ellen tê-los-ia convencido a saírem da janela. Mas ela não estava lá.

– Se o fizéssemos – repetiu Kurt, insistente – se o fizéssemos agora! Não temos nada a perder.

– Nada a não ser a estrela!

Ellen assustou-se.

Abriam-se as névoas. Como um espelho alto e abobadado era o céu. Já não espelhava nenhuma forma, nenhum contorno e nenhum limite, nenhuma pergunta e nenhum medo. Já só espelhava a estrela. Cintilante, tranquila e implacável.

A estrela levava Ellen pelas vielas húmidas e escuras, para longe de Georg, para longe dos seus amigos, para longe de todos os seus desejos, numa direção que, sendo contrária a todas as outras direções, as unia a todas. A estrela levava Ellen em direção de si mesma. Cambaleava, tropeçava de braços abertos atrás da estrela. Saltava e erguia as mãos para agarrar, mas não havia nada para agarrar. Não havia nenhum fio pendurado.

A avó não tinha tido razão com todos os seus avisos?

»Wehe, wenn du den Stern nimmst, sei froh, wenn es dich nicht trifft! Niemand weiß, was der Stern bedeutet. Und niemand weiß, wohin er führt.«

Nein, das konnte man ja nicht wissen, das durfte man auch nicht wissen, man mußte ihm nur nachgehen, und diese Verordnung traf alle.

Wovor sollte man da noch Angst haben? Was sollten alle Wahrsager, wenn es doch den Stern gab? Hatte nicht er allein die Macht, die Zeit aufzulösen in das andere und die Angst zu durchstoßen?

Ellen blieb plötzlich stehen. Sie schien angelangt. Ihr Blick löste sich langsam von dem Stern und wanderte den Himmel herab bis zu den Dächern. Von den Dächern war es kein langer Weg mehr zu Nummern und Namen. Es war alles dasselbe, sie verbargen sich vor dem Stern.

Ellen stand vor dem Haus, in dem Julia wohnte. Julia, von der man nicht sprach und die sie ausgeschlossen hatten, nachdem sie sich selbst ausgeschlossen hatte. Sie wollte gar nicht zu ihnen gehören, denen stand ja die Angst im Gesicht. Die mußten ja Unglück haben. Julia hatte schon damals am Kai nicht mehr mitspielen wollen. Sie hätte den Stern tragen müssen, aber sie trug ihn nicht. Seit die Verordnung mit dem Stern in Kraft war, betrat sie die Straße nicht mehr.

Julia zählte sich nicht mehr zu den Kindern mit dem Stern. »Ich verlasse das Haus nur, um nach Amerika zu fahren!«

»Du wirst das Visum nicht bekommen, ich habe es auch nicht bekommen!«

»Du nicht, Ellen. Aber ich werde es bekommen. Mit dem letzten Zug werde ich fahren, mit dem allerletzten Zug!«

Seither hatte Ellen Julia nicht mehr gesehen. Julia, das war

– Ai de ti se pegares na estrela, sorte tens tu por isso não se aplicar a ti! Ninguém sabe o que a estrela significa. E ninguém sabe para onde ela leva.

Não, de facto, isso não se podia saber, isso também ninguém estava autorizado a saber, só era preciso segui-la, e esta lei aplicava-se a todos.

De que é que ainda se devia ter medo? De que é que serviriam os adivinhos se havia a estrela? Não era só ela que tinha o poder de dissolver o tempo em algo diferente e de perfurar o medo?

Ellen parou de repente. Parecia-lhe que tinha chegado. O seu olhar soltou-se lentamente da estrela e passeou pelo céu, baixando até aos telhados. Dos telhados, o caminho já não era longo até aos números e às portas. Era tudo o mesmo, todos se escondiam da estrela.

Ellen estava de pé em frente à casa em que Julia morava. Julia, de quem deixou de se falar e que eles tinham expulsado depois de ela mesma se ter expulsado. Ela não queria de maneira nenhuma fazer parte deles, tinham o medo estampado no rosto. Deviam ter má sorte. Julia já não quisera brincar com eles no cais. Ela devia andar com a estrela, mas não andava com ela. Desde que a lei da estrela tinha entrado em vigor, ela tinha deixado de sair à rua.

Julia já não se considerava parte das crianças com a estrela.

– Só saio de casa para ir para a América!

– Não vais receber o visto, eu também não o recebi!

– Tu não, Ellen. Mas eu vou recebê-lo. Vou no último comboio, no último dos últimos!

Desde então, Ellen não voltara a ver Julia. Julia, era

der Name des immerwährenden unverständlichen Gelingens, neben dem Ellen der Name des immerwährenden Mißlingens war. Unter den Kindern galt es außerdem als Verrat, sie zu besuchen. Wie hatte die Großmutter unlängst gesagt: »Julia fährt nach Amerika. Du solltest dich von ihr verabschieden.«

»Verabschieden? Auch noch verabschieden? Freundlich sein vielleicht und alles Gute für die Reise wünschen?«

Ellen stöhnte und zog den Mantelkragen hoch.

Einige Sekunden später wurde sie in die Arme geschlossen und erfuhr unter vielen schnellen zärtlichen Küssen, daß Julia wenige Stunden vorher das amerikanische Visum bekommen hatte. Julia, die sechzehn Jahre alt war, lange seidene Hosen trug und sich damit aufhielt, Taschentücher nach der Farbe zu sortieren.

Nun saß Ellen bleich und steif auf dem hellgrünen Hocker, versuchte die Tränen hinunterzuwürgen und zog die Füße ein, um die rundherum verstreuten Kleider nicht zu beschmutzen. Vor dem Fenster stand ein Schiffskoffer. »Früher habe ich auch öfter Packen gespielt«, sagte Ellen mühsam.

»Spielen!« rief Julia.

»Aber jetzt schon lange nicht mehr«, sagte Ellen.

»Weshalb weinst du?« fragte die Ältere erstaunt. Ellen gab keine Antwort. »Grüne mit weißen Rändern!« sagte sie statt dessen bewundernd und hob ein Paar Sonnenbrillen vom Boden auf. »Wirst du ein Gebetbuch mitnehmen?«

»Ein Gebetbuch? Merkwürdige Gedanken hast du, Ellen! Das kommt, glaube ich, von der Entwicklung.«

»Die meisten Gedanken kommen von der Entwicklung«, murmelte Ellen.

o nome do sucesso perpétuo e incompreensível, ao lado do qual Ellen era o nome do insucesso perpétuo. Entre as crianças, visitá-la era considerado traição. Como a avó tinha dito pouco tempo antes: – A Julia vai para a América. Devias ir dizer-lhe adeus.

– Dizer-lhe adeus? Ter ainda de lhe ir dizer adeus? Ser amável e, já agora, desejar-lhe felicidades para a viagem?

Ellen gemeu de má vontade e levantou o colarinho do casaco.

Uns segundos depois estava a abraçá-la e contaram-lhe, entre muitos beijos rápidos e ternurentos, que Julia recebera poucas horas antes o visto para a América. Julia, que tinha dezasseis anos, que usava calças compridas de seda e que se entretinha a separar lenços por cores.

Agora estava Ellen, pálida e tensa, sentada num banco verde-claro, tentava engolir as lágrimas e tinha os pés encolhidos para não sujar as roupas espalhadas à sua volta. À frente da janela estava uma mala de navio: – Dantes eu também brincava às malas – disse Ellen, com esforço.

– Brincar! – gritou Julia.

– Mas agora já há muito tempo que não faço isso – disse Ellen.

– Porque é que estás a chorar? – perguntou a mais velha, surpreendida. Ellen não respondeu – Verdes com aros brancos! – disse maravilhada em vez de responder, e pegou num par de óculos de sol que estava no chão. – Vais levar um livro de orações?

– Um livro de orações? Tens cada ideia mais esquisita, Ellen! Acho que isso deve vir da idade.

– A maioria das ideias vem da idade – murmurou Ellen.

»Aber wozu sollte ich ein Gebetbuch brauchen?«

»Vielleicht –« sagte Ellen, »ich habe nämlich gedacht, falls das Schiff untergeht. Da soll es ganz gut sein –« Julia ließ die Taschentücher fallen und starrte sie erschrocken an. »Warum soll das Schiff untergehen?«

»Hast du keine Angst?«

»Nein«, schrie die Ältere zornig, »nein, ich habe keine Angst! Wovor soll ich denn Angst haben?«

»Es wäre ja möglich«, beharrte Ellen ruhiger, »es wäre ja möglich, daß ein Schiff untergeht.«

»Wünschst du mir's vielleicht?«

Beide atmeten schwer. Und ehe eine von ihnen zur Besinnung kam, hatten sie sich gepackt und zu Boden gerissen.

»Nimm das zurück!«

Sie rollten halb unter das Klavier. »Du beneidest mich. Ich habe das größere Abenteuer!«

»Das größere Abenteuer werde ich haben!«

Die Qual verlieh Ellen Kraft. Während Julia ihre Arme krampfhaft umklammert hielt, stieß sie mit dem Kopf nach ihrem Kinn. Da aber die Ältere größer und viel gewandter war, gelang es ihr ganz gut, sich zu verteidigen. Dazwischen flüsterte sie grausam: »Der Ozean ist blaugrün. Auf der Pier werde ich erwartet. Und im Westen gibt es Palmen.«

»Hör auf!« keuchte Ellen und hielt ihr den Mund zu, aber Julia sprudelte weiter von College und Golf, quer durch Ellens Finger hindurch, und als die Kleinere für einen Augenblick losließ, sagte sie deutlich: »Drei Personen haben für mich gebürgt.«

»Ja«, schrie Ellen erbittert, »und für mich bürgt niemand!«

»Für dich kann man auch nicht bürgen.«

– Mas para que é que haveria de precisar de um livro de orações?

– Se calhar... – disse Ellen – porque eu pensei, caso o navio se afundar. Nesse caso, podia ser muito bom... – Julia deixou cair os lenços e ficou a olhar para ela, assustada. – Porque é que o navio há de se afundar?

– Não tens medo?

– Não – gritou a mais velha, irritada – não, não tenho medo! Então, de que é que hei de ter medo?

– É que seria possível – insistiu Ellen, mais calma – é que seria possível que o navio se afundasse.

– É isso que me desejás?

Ambas respiravam pesadamente. E antes de uma delas se acalmar, já se tinham agarrado uma à outra e atirado ao chão.

– Retira o que disseste!

Rolaram para debaixo do piano. – Tens inveja de mim. Eu tenho a aventura maior!

– A aventura maior sou eu que vou ter!

A aflição dava força a Ellen. Enquanto Julia lhe prendia os braços com muita força, Ellen tentou dar-lhe uma cabeçada no queixo. Mas como a mais velha era mais alta e muito mais ágil, conseguiu defender-se com facilidade. Nisto, ia sussurrando com crueldade: – O oceano é verde azulado. Estão à minha espera no desembarcadouro. E no oeste há palmeiras.

– Para! – disse Ellen ofegante e tapou-lhe a boca, mas Julia continuava a cuspir palavras como *college* e *golf* através dos dedos de Ellen e, quando a mais nova a largou por um instante, ela disse com clareza: – Três pessoas são minhas fiadoras.

– Pois, – gritou Ellen, exasperada – e ninguém é meu fiador!

– Ninguém consegue ser o teu fiador.

»Gott sei Dank nicht«, sagte Ellen.

Erschöpft hielten beide still.

»Du beneidest mich«, sagte Julia, »du hast mich immer beneidet.«

»Ja«, erwiderte Ellen, »das ist wahr, ich habe dich immer beneidet. Schon damals, als du gehen konntest und ich noch nicht, weil du ein Fahrrad hast und ich keines. Und jetzt? Jetzt fährst du über das Meer und ich nicht. Jetzt wirst du die Freiheitsstatue sehen und ich nicht –«

»Jetzt habe ich das größere Abenteuer!« wiederholte Julia triumphierend.

»Nein«, sagte Ellen leise und ließ sie ganz los, »vielleicht ist es das größere Abenteuer, das alles nicht zu haben.«

Noch einmal packte Julia die Kleinere, preßte ihre Schultern gegen die Wand und sah sie angsterfüllt an: »Wünschst du mir, daß das Schiff untergeht? Ja oder nein?«

»Nein«, rief Ellen ungeduldig, »nein, nein, nein! Denn dann hättest du ja das größere Abenteuer und außerdem –«

»Außerdem?«

»Könntest du auch meine Mutter nicht von mir grüßen.«
Sie verstummten erschrocken, der letzte Teil des Kampfes verlief lautlos.

Anna öffnete die Tür und stand gegen das Dunkel. Sie trug ein helles Halstuch und lachte. »Wie betrunkene Matrosen!« sagte sie gelassen. Sie wohnte im selben Haus und kam ab und zu herauf. Aber sie war älter als Julia.

Ellen sprang auf, stieß mit der Stirn gegen eine Kante und rief: »Ich glaube, Ihr Stern leuchtet.«

»Ich habe ihn gestern frisch gewaschen«, antwortete Anna.
»Wenn ich ihn schon trage, so soll er auch leuchten.« Sie lehnte

– Graças a Deus que não – disse Ellen.

Esgotadas, ficaram ambas em silêncio.

– Tens inveja de mim – disse Julia – sempre tiveste inveja de mim.

– Pois tenho – respondeu Ellen – é verdade, eu sempre tive inveja de ti. Já naquela altura em que tu já sabias andar e eu ainda não, porque tu tens uma bicicleta e eu não tenho nenhuma. E agora? Agora tu vais para o outro lado do mar e eu não. Agora tu vais ver a Estátua da Liberdade e eu não...

– Agora eu tenho a aventura maior! – repetiu Julia, triunfante.

– Não – disse Ellen em voz baixa e largou Julia – se calhar a aventura maior é não ter nada disso.

Julia agarrou outra vez na mais nova, empurrou-a pelos ombros contra a parede e olhou-a, cheia de medo: – Desejas-me que o meu navio se afunde? Sim ou não?

– Não – gritou Ellen, impaciente – não, não, não! Porque assim terias tu a aventura maior e, além disso...

– E além disso?

– Não poderias dizer olá por mim à minha mãe. – Emudeceram, assustadas, a última parte da luta decorreu em silêncio.

Anna abriu a porta e ficou de pé ante a escuridão. Trazia ao pescoço um lenço claro e ria-se. – Que nem marinheiros bêbedos! – disse ela, tranquila. Também morava naquela casa e, de vez em quando, ia lá acima. Mas era mais velha do que Julia.

Ellen levantou-se, bateu com a testa numa quina e gritou:
– Acho que a sua estrela está a brilhar.

– Lavei-a ontem muito bem – respondeu Anna. – Já que tenho de andar com ela, tem de estar a brilhar. – Encostou

den Kopf an den Türpfosten. »Alle Leute müßten Sterne tragen!«

»Ich nicht«, rief Ellen erbittert, »ich darf ihn nicht tragen! Zwei falsche Großeltern zuwenig. Und sie sagen, ich gehöre nicht dazu!«

»Ach«, sagte Anna und lachte wieder, »vielleicht ist es gleichgültig, ob man ihn auf dem Mantel trägt oder im Gesicht.«

Julia erhob sich stöhnend und langsam. »Du jedenfalls trägst ihn doppelt, auf dem Mantel und im Gesicht. Hast du immer Grund, vergnügt zu sein?«

»Ja«, antwortete Anna, »du nicht?«

»Nein«, sagte Julia zögernd, »obwohl ich in der nächsten Woche nach Amerika fahre. Aber Ellen beneidet mich.«

»Worum?« sagte Anna.

»Wenn das nicht klar ist«, murmelte Ellen.

»Ganz klar«, sagte Anna, »Amerika. Ich wollt es nur genauer wissen.«

»Das Meer«, stammelte Ellen verwirrt, »und die Freiheit!«

»Das ist ungenauer«, erwiderte Anna ruhig.

»Wie machen Sie es«, sagte Ellen, »ich meine: haben Sie einen besonderen Grund dafür?«

»Wofür? Was meinst du?«

»Was Julia vorhin meinte. Leuchten!«

»Ich habe keinen besonderen Grund dafür«, sagte Anna langsam.

»Doch!« beharrte Julia. »Weshalb bist du gekommen?«

»Ich bin gekommen, um von dir Abschied zu nehmen.«

»Aber ich habe das Visum erst heute bekommen und du konntest noch gar nicht wissen –«

a cabeça à ombreira da porta. – Toda a gente deveria andar com estrelas!

– Eu não! – disse Ellen, exasperada – eu não sou obrigada a andar com ela! Dois avós errados a menos. E eles dizem que eu não pertenço!

– Ah – disse Anna e tornou a rir-se – talvez seja indiferente se uma pessoa a traz no casaco ou na cara.

Julia ergueu-se lentamente com um gemido. – De qualquer maneira, tu trá-la em duplicado, no casaco e na cara. Tens sempre motivo para estar contente?

– Tenho – respondeu Anna – tu não?

– Não – disse Julia, hesitante – apesar de ir para a América na semana que vem. Mas a Ellen tem inveja de mim.

– De quê? – disse Anna.

– Como se não fosse claro... – murmurou Ellen

– Muito claro – disse Anna – América. Só queria saber mais exatamente.

– O mar – gaguejou Ellen, confusa – e a liberdade!

– Isso é menos exato – respondeu Anna, com calma.

– Como é que faz – disse Ellen – quero dizer: tem alguma razão especial para isso?

– Para quê? Que é que queres dizer?

– O que a Julia disse há bocado. Brilhar!

– Não tenho nenhuma razão especial para isso – disse Anna lentamente.

– Tens sim! – insistiu Julia – Porque é que vieste?

– Vim para te dizer adeus.

– Mas só hoje recebi o visto e tu não tinhas como saber...

»Nein«, sagte Anna mühsam, »ich wußte es auch nicht. Trotzdem bin ich gekommen, um von dir Abschied zu nehmen.«

»Das verstehe ich nicht!«

»Auch ich fahre weg.«

»Wohin?«

Anna gab keine Antwort.

Ellen war wieder aufgesprungen. »Wohin fahren Sie?«

Julia wurde rot vor Freude. »Wir fahren miteinander!«

»Wohin fahren Sie?« wiederholte Ellen. Anna richtete die Augen auf sie und sah ruhig in ihr gequältes und sehr blasses Gesicht.

»Beneidest du mich, Ellen?«

Ellen wandte den Kopf zur Seite, fühlte sich aber gezwungen, hinzusehen.

»Ja oder nein?«

»Ja«, sagte Ellen leise, und es schien ihr, als blieben ihre Worte vor Verzweiflung still im Raum, »ja, ich beneide Sie.«

»Gib acht!« sagte Julia spöttisch. »Gleich wirft sie sich auf dich!«

»Laß sie!« sagte Anna.

»Sie hat recht«, murmelte Ellen müde, »aber meine Mutter ist drüben. Und die Freiheit.«

»Die Freiheit, Ellen, die Freiheit ist dort, wo dein Stern steht.« Sie zog Ellen an sich. »Ist es wirklich wahr, beneidest du mich?«

Ellen versuchte sich loszureißen, biß die Zähne in die Lippen und kam nicht los. Wieder wandte sie sich weg und wieder fühlte sie sich gezwungen, noch einen Blick in dieses Gesicht zu werfen. Da sah sie eine Sekunde lang, wie das

– Não – disse Anna, com esforço – eu também não o sabia. Ainda assim, vim para te dizer adeus.

– Não percebo!

– Também me vou embora.

– Para onde?

Anna não respondeu.

Ellen estava outra vez de pé. – Para onde é que vai?

Julia ficou vermelha de alegria. – Vamos juntas!

– Para onde é que vai? – repetiu Ellen. Anna virou os olhos para ela e viu-lhe o rosto aflito e muito pálido.

– Tens inveja de mim, Ellen?

Ellen desviou a cara para o lado, mas sentiu-se compelida a olhar para Anna.

– Sim ou não?

– Sim, tenho – disse Ellen baixinho e pareceu-lhe que as suas palavras, por desespero, ficavam em silêncio no espaço – sim, eu tenho inveja de si.

– Cuidado! – disse Julia, com escárnio – Daqui a nada ainda se atira a ti!

– Deixa-a! – disse Anna.

– Ela tem razão – murmurou Ellen, cansada – mas a minha mãe está do outro lado. E a liberdade.

– A liberdade, Ellen, a liberdade está onde a tua estrela estiver. – Puxou Ellen para si. – É mesmo verdade que tens inveja de mim?

Ellen tentou soltar-se, cravou os dentes nos lábios e não conseguiu sair dos braços da outra. Uma vez mais se desviou e uma vez mais se sentiu compelida a lançar um olhar àquela cara. Depois viu por um segundo

Leuchten zerbrach. Und sie sah in Annas Gesicht Angst, tödliche Angst und einen verzerrten Mund.

»Nein«, stammelte Ellen entsetzt, »nein, ich beneide Sie nicht. Wohin fahren Sie?«

»Was habt ihr denn?« sagte Julia ungeduldig.

Anna stand auf, sie schob Ellen von sich. »Ich bin gekommen, um Abschied zu nehmen.«

»Fahren wir nicht miteinander?«

»Nein«, sagte Anna. »Die Richtung ist verschieden.« Sie lehnte sich leicht an die Wand und versuchte, Worte zu finden.

»Ich – ich habe die Aufforderung für Polen.«

Das war es, was sie nicht auszusprechen wagten – die Großmutter, Tante Sonja, alle, alle. Das war es, wovor sie zitterten. Ellen hörte es jetzt zum erstenmal laut. Alle Angst der Welt war für sie darin beschlossen. »Was wirst du tun?« fragte Julia erstarrt.

»Fahren«, sagte Anna.

»Nein, das meine ich nicht. Ich meine – was erhoffst du?«

»Alles«, sagte Anna. Und der Glanz einer größeren Hoffnung überflutete wieder die Angst in ihrem Gesicht.

»Alles?« sagte Ellen leise. »Alles – haben Sie gesagt?«

»Alles«, wiederholte Anna ruhig. »Ich habe immer alles erhofft. Weshalb sollte ich es gerade jetzt aufgeben?«

»Das –« stammelte Ellen, »das habe ich gemeint. Das bedeutet der Stern: alles!«

Julia sah verwirrt von einer zur andern.

»Wartet!« rief Ellen. »Es dauert nicht lange, ich hole nur die andern.«

Und ehe jemand sie aufhalten konnte, hatte sie die Tür hinter sich zugeschlagen.

o brilho a despedaçar-se. E, no rosto de Anna, viu medo, medo mortal e uma boca desfigurada.

– Não – gaguejou Ellen, horrorizada – não, eu não tenho inveja de si. Para onde é que vai?

– Que é que se passa convosco? – disse Julia, impaciente.

Anna levantou-se, afastou Ellen de si. – Vim para te dizer adeus.

– Não vamos juntas?

– Não – disse Anna. – As direções são diferentes. – Encostou-se ligeiramente à parede e tentou encontrar palavras.

– Eu... eu recebi a ordem para a Polónia.

Era isto que eles não se atreviam a dizer em voz alta – a avó, a tia Sonja, todos, todos. Era por isto que eles tremiam. Ellen ouvia-o agora pela primeira vez em voz alta. Para ela, todo o medo do mundo estava contido ali. – Que é que vais fazer? – perguntou Julia petrificada.

– Partir – disse Anna.

– Não, não é isso que quero dizer. Quero dizer... em que é que tens esperança?

– Em tudo – disse Anna. E o brilho de uma esperança maior inundou de novo o medo no seu rosto.

– Em tudo? – disse Ellen em voz baixa. – Em tudo... foi o que disse?

– Em tudo – repetiu Anna, tranquila. – Sempre tive esperança em tudo. Porque é que havia de desistir agora?

– Isso... – balbuciou Ellen – Isso era o que eu queria dizer. É isso que a estrela significa: tudo!

Julia olhava confusa de uma para a outra.

– Esperem! – gritou Ellen – Não demora muito, vou só buscar os outros.

E antes de alguém a conseguir parar, já tinha batido com a porta.

Erschrocken wichen sie vom Fenster zurück.

»Kommt mit mir!«

»Wohin?«

»Wenn ihr wissen wollt, was der Stern bedeutet –«

Sie waren vor Angst so geschwächt, daß sie nicht weiter fragten. Sie waren froh, weggeholt zu werden von der saugenden Tiefe. Schweigend rannten sie hinter Ellen her. Sie sahen nicht mehr die kleinen, schwer gepackten Leiterwagen am Rand der Fahrbahn im Dunkeln, nicht die verweinten Gesichter und auch nicht das Lachen der Gleichgültigen. Sie sahen wie Ellen nur mehr den Stern.

Vor dem fremden Haustor prallten sie zurück.

»Nicht zu Julia!«

»Nein«, sagte Ellen und stieß das Tor auf.

Julia hatte die verstreuten Taschentücher weggeräumt.

Während sie die Kinder begrüßte, sprach sie nicht von ihrem Visum und sah ihnen nicht ins Gesicht.

»Wir wären nie mehr zu dir gekommen«, sagte Bibi mit ihrer hohen Stimme, »Ellen ist schuld!«

»Nie!« wiederholten die andern.

»Wir hätten uns das leicht ersparen können«, sagte Kurt.

Ihre schweren Schuhe ließen Spuren auf dem hellen Boden.

»Anna ist hier«, sagte Ellen.

Anna, das war wie ein Atemzug. Wie Hinnehmen und Hingeben in einem.

Anna saß auf dem Schiffskoffer und lachte ihnen entgegen. Sie verloren ihre Befangenheit. »Wollt ihr euch nicht setzen?«

Sie setzten sich im Kreis auf den Fußboden. Zwischendeck. Es schien plötzlich, als wären sie längst unterwegs.

»Und was wollt ihr wissen?«

Assustados, afastaram-se da janela.

– Venham comigo!

– Aonde?

– Se quiserem saber o que significa a estrela...

Estavam tão enfraquecidos pelo medo que nem perguntaram por mais. Estavam felizes por terem sido tirados da profundidade que os sugava. Calados, correram atrás de Ellen. Nem viram as pequenas carroças pesadamente carregadas na escuridão da berma da estrada, nem os rostos de choro, nem o riso dos indiferentes. Tal como Ellen, já só viam a estrela.

À frente do portão, recuaram, assustados.

– A Julia, não!

– Não – disse Ellen e abriu o portão com força.

Julia arrumara os lenços espalhados. Enquanto cumprimentava as crianças, não falou do visto e não os olhou no rosto.

– Nunca mais cá teríamos vindo – disse Bibi com a sua voz aguda – A culpa é da Ellen!

– Nunca! – repetiram os outros.

– Teríamos passado bem sem isto – disse Kurt.

Os sapatos pesados deles deixaram pegadas no chão claro.

– A Anna está aqui – disse Ellen.

Anna, era como uma respiração. Como receber e entregar num só.

Anna estava sentada em cima da mala de navio e sorria-lhes. Perderam a timidez. – Não se querem sentar?

Sentaram-se em círculo no chão. Entrecoberta. Pareceu, de repente, que já estavam há muito tempo em viagem.

– E que querem saber?

»Wir wollen wissen, was der Stern bedeutet!«

Anna sah ruhig von einem zum andern. »Weshalb wollt ihr das wissen?«

»Weil wir Angst haben.« Ihre Gesichter flackerten.

»Und wovor habt ihr Angst?« sagte Anna.

»Vor der geheimen Polizei!« Sie riefen durcheinander.

Anna hob den Kopf und sah alle auf einmal an. »Aber wieso? Wieso fürchtet ihr gerade die geheime Polizei?« Die Kinder schwiegen verblüfft.

»Sie verbietet uns zu atmen«, sagte Kurt und wurde rot vor Zorn, »sie spucken uns an, sie sind hinter uns her!«

»Merkwürdig«, sagte Anna, »weshalb tun sie das?«

»Sie hassen uns.«

»Habt ihr ihnen etwas getan?«

»Nichts«, sagte Herbert.

»Ihr seid in der Minderheit. Ihr seid verhältnismäßig kleiner und schwächer als sie. Ihr habt keine Waffen. Und doch läßt es ihnen keine Ruhe.«

»Wir wollen wissen, was der Stern bedeutet!« rief Kurt.

»Was wird mit uns geschehen?«

»Wenn es finster wird«, sagte Anna, »wenn es sehr finster wird, was geschieht dann?«

»Man hat Angst.«

»Und was tut man?«

»Man wehrt sich.«

»Man schlägt um sich, nicht wahr?« sagte Anna. »Man merkt, daß es nichts nützt. Es wird noch finsterer. Was tut man jetzt?«

»Man sucht ein Licht«, rief Ellen.

»Einen Stern«, sagte Anna. »Es ist sehr finster um die geheime Polizei.«

121

– Queremos saber o que a estrela quer dizer!

Anna olhava tranquilamente de uns para os outros. – Porque é que querem saber isso?

– Porque temos medo. – Os rostos deles reluziam.

– E de que é que têm medo? – disse Anna.

– Da polícia secreta! – gritaram todos ao mesmo tempo.

Anna levantou a cabeça e olhou para todos de repente. – Mas porquê? Porque é que é logo da polícia secreta que têm medo? – As crianças calaram-se, perplexas.

– Eles proibem-nos de respirar – disse Kurt e ficou vermelho de raiva – eles cospem-nos para cima, eles andam atrás de nós!

– Estranho – disse Anna – porque é que eles fazem isso?

– Eles odeiam-nos.

– Que é que lhes fizeram?

– Nada – disse Herbert.

– Vocês estão em minoria. Vocês são proporcionalmente mais pequenos e mais fracos do que eles. Vocês não têm armas. E ainda assim não têm paz.

– Queremos saber o que a estrela quer dizer! – gritou Kurt.

– Que é que se vai passar connosco?

– Quando fica escuro – disse Anna – quando fica muito escuro, que é que acontece?

– Ficamos com medo.

– E que é que se fazemos?

– Defendemo-nos.

– Lutamos por nós mesmos, não é? – disse Anna – Constatamos que não serve de nada. Fica ainda mais escuro. Que é que fazemos então?

– Procuramos uma luz. – gritou Ellen.

– Uma estrela – disse Anna – Está muito escuro à volta da polícia secreta.

»Sie glauben – glauben Sie das wirklich?« Unruhe entstand unter den Kindern. Weiß und wild strahlten ihre Gesichter.

»Ich weiß es!« Georg sprang auf. »Ich weiß es jetzt, ich weiß es!«

»Was weißt du?«

»Die geheime Polizei hat Angst.«

»Klar«, sagte Anna. »Die geheime Polizei *ist* Angst, lebendige Angst – weiter nichts.« Der Glanz in ihrem Gesicht vertiefte sich.

»Die geheime Polizei hat Angst!«

»Und wir haben Angst vor ihnen!«

»Angst vor der Angst, das hebt sich auf!«

»Angst vor der Angst, Angst vor der Angst!« rief Bibi und lachte. Sie packten sich an den Händen und sprangen rund um den großen Koffer.

»Die geheime Polizei hat ihren Stern verloren.«

»Die geheime Polizei geht einem fremden nach.«

»Aber den sie verloren haben und den wir tragen, das ist alles ein und derselbe!«

»Und wenn wir uns doch zu früh freuen würden«, sagte Bibi und stand still. »Wenn es doch wahr wäre, was ich gehört habe?«

»Was hast du gehört?«

»Der Stern bedeutet den Tod.«

»Woher weißt du das, Bibi?«

»Weil meine Eltern dachten, ich wäre schon eingeschlafen.«

»Vielleicht hast du falsch verstanden«, murmelte Ellen, »vielleicht haben sie gemeint, daß der Tod den Stern bedeutet?«

»Laßt euch nicht irreführen«, sagte Anna ruhig, »das ist alles, was ich euch raten kann: Geht dem Stern nach! Fragt

– Acredita... acredita mesmo nisso? – surgiu inquietação entre as crianças. Pálidos e furiosos, os rostos deles brilhavam.

– Já percebi! – Georg levantou-se – Agora já percebi, já percebi!

– Que é que já percebeste?

– A polícia secreta tem medo.

– Claro – disse Anna – a polícia secreta *é* medo, medo vivo... nada mais. – O brilho no rosto dela ficou mais profundo.

– A polícia secreta tem medo!

– E nós temos medo deles!

– Medo do medo, uma coisa anula a outra!

– Medo do medo, medo do medo! – gritou Bibi e riu-se. Deram-se as mãos e saltaram em torno da mala grande.

– A polícia secreta perdeu a estrela.

– A polícia secreta anda atrás de uma outra.

– Mas a que eles perderam e a que nós trazemos são uma e a mesma coisa!

– E se estivermos a alegrar-nos demasiado cedo? – disse Bibi e ficou em silêncio – Se afinal fosse verdade aquilo que eu ouvi?

– Que é que ouviste?

– A estrela significa a morte.

– Onde é que ouviste isso, Bibi?

– Porque os meus pais achavam que eu já tinha adormecido.

– Se calhar ouviste mal – murmurou Ellen – se calhar queriam dizer que a morte significa a estrela?

– Não se deixem enganar – disse Anna, tranquila – tudo o que vos posso aconselhar é isto: vão atrás da estrela! Não

nicht die Erwachsenen, sie täuschen euch, wie Herodes die drei Könige täuschen wollte. Fragt euch selbst, fragt eure Engel.«

»Der Stern«, rief Ellen und ihre Wangen glühten, »der Stern der Weisen, das habe ich gewußt!«

»Habt Mitleid mit der geheimen Polizei«, sagte Anna. »Sie haben schon wieder Angst vor dem König der Juden.«

Julia stand auf und zog fröstelnd die Vorhänge zu. »Wie finster es geworden ist!«

»Um so besser«, sagte Anna.

pergunte aos adultos, eles enganam-vos como Herodes quis enganar os três reis. Perguntem a vocês mesmos, perguntem aos vossos anjos.

– A estrela – gritou Ellen com as faces em brasa – a estrela dos reis magos, eu sabia!

– Tenham compaixão para com a polícia secreta – disse Anna – Já estão outra vez com medo do rei dos judeus.

Julia levantou-se e, enregelada, correu as cortinas. – Ficou tão escuro!

– Tanto melhor – disse Anna.

